

Omar Pereira Sobrinho

**A TEORIA DOS VALORES DE MAX SCHELER:
FENOMENOLOGIA, CONCEPÇÃO E ÉTICA**

Dissertação de Mestrado em Filosofia

Orientador: Dr. Bruno Batista Pettersen

Belo Horizonte

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE

2017

Omar Pereira Sobrinho

**A TEORIA DOS VALORES DE MAX SCHELER:
FENOMENOLOGIA, CONCEPÇÃO E ÉTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e
Teologia, como requisito parcial para a obtenção do
grau de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia
Linha de pesquisa: Ética

Orientador: Prof. Dr. Bruno Batista Pettersen

Belo Horizonte

FAJE - Faculdade de Filosofia e Teologia

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Pereira Sobrinho, Omar

P436t A teoria dos valores de Max Scheler: fenomenologia, concepção e ética / Omar Pereira Sobrinho. - Belo Horizonte, 2017.

106 p.


Orientador: Prof. Dr. Bruno Batista Pettersen

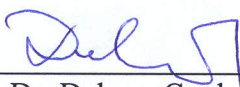
Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Filosofia.

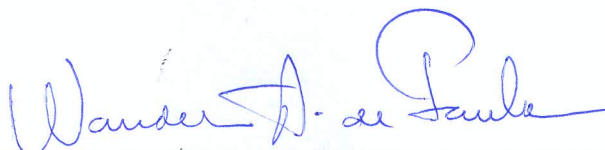
1. Ética. 2. Valores. 3. Scheler, Max. I. Pettersen, Bruno Batista. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Filosofia. III. Título

CDU 17

Dissertação de **Omar Pereira Sobrinho** defendida e aprovada, com a nota 10
(DE7) atribuída pela Banca Examinadora constituída pelos
Professores:


Prof. Dr. Bruno Batista Pettersen / FAJE (Orientador)


Prof. Dr. Delmar Cardoso / FAJE


Prof. Dr. Wander Andrade de Paula / UFES (Visitante)

Departamento de Filosofia – Pós-Graduação (Mestrado)

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Belo Horizonte, 14 de junho de 2017.

Para minha irmã

Ana Cibeles

AGRADECIMENTOS

À minha família.

Ao meu orientador Prof. Dr. Bruno Batista Pettersen.

Aos professores da FAJE.

À FAJE , funcionários e colaboradores.

O Homem possui certamente os meios para conhecer, de uma maneira cuidadosa e exaustiva, com limites nitidamente definíveis, o fundamento de todas as coisas – é verdade que de uma forma sempre incompleta, mas verdadeira e plena de entendimento.

(Max Scheler)

RESUMO

O tema desta dissertação é a teoria dos valores de Ferdinand Max Scheler. Esta teoria é fundamental para a ética scheleriana, porque, preocupado com isto, Scheler decidiu elaborar uma ética dos valores. Os valores, segundo Scheler, são importantes porque representam o conteúdo da perfeição moral. O valor do bem é apreendido através da percepção sentimental. Amor, pessoa, espírito e a ideia de Deus são também elementos significativos porque completam a percepção sentimental dos valores. Através da hierarquia, Scheler descobre os valores morais mais altos. Por outro lado, ele recusa a teoria do dever moral de Kant fundada na obrigação. Apenas os valores podem constituir a base da moral. Scheler rejeita a ética moderna ancorada na inversão da hierarquia dos valores e no ressentimento. Porém, Scheler acredita na virtude como o caminho para recuperar os valores morais e, conseqüentemente, a ética.

PALAVRAS-CHAVE: valores, hierarquia, amor, pessoa.

ABSTRACT

The subject of this dissertation is Ferdinand Max Scheler's theory of values. This theory is fundamental to Scheler's ethic, because, worry about this, he decided found his basic ethic in the values. The values are very important, according Scheler, because they are the content of moral perfection. The good value is grasping with this sentimental perception. Love, esprit and God's idea are too very significant elements in Scheler's theory, because they fill our sentimental perception of the values. Trought the hierarchy, Scheler found the highest moral values. In the other side, Scheler refused Kant's moral conception, founded in moral obligation. Only values can be moral basis. Scheler refused too the modern ethic, founded on the reversal of the hierarchy of values and ressentment. But he believes in virtue, only way to the rescue the good moral value and, consequently, the ethic.

Keywords: Values, hierarchy, love, person.

LISTA DE DIAGRAMAS

1. Esferas do ser, níveis de sentimentos e classes de valores
2. A relação entre classes axiológicas, valores proeminentes e modelos-tipos.
3. Aspectos fundamentais à noção do valor scheleriano
4. Critérios de determinação da altura dos valores
5. As modalidades de valores
6. Hierarquia do valor da pessoa, do valor do ato e do valor da ação humana
7. Os fundamentos da ética dos valores schelerianos
8. Os elementos causadores da transvaloração
9. Os elementos que reabilitam os valores morais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 A FENOMENOLOGIA EMOCIONAL DOS VALORES.....	19
1.1 A herança husserliana.....	21
1.1.1 O saber das essências.....	23
1.1.2 A intuição emocional dos valores.....	26
1.1.3 Os sentimentos e os valores.....	27
1.2 A ordem do amor e a ordem do coração.....	30
1.2.1 A pessoa e o ato de amor que apreende os valores.....	34
1.3 A apreensão dos valores que estão nos modelos pessoais: o seguimento.....	37
1.3.1 As classes de valores e seus respectivos modelos pessoais: os tipos.....	39
1.4 Conclusão do primeiro capítulo.....	43
2 O VALOR SEGUNDO A CONCEPÇÃO SCHELERIANA.....	45
2.1 Contornos preliminares sobre a noção de valor.....	46
2.2 Aspectos fundamentais para a noção do valor.....	48
2.3 Critérios de determinação da altura dos valores.....	55
2.4 Modalidades de valores.....	60
2.5 A Hierarquia do valor da pessoa, do valor do ato e do valor da ação humana.....	64
2.6 Conclusão do segundo capítulo.....	67
3 A ÉTICA DOS VALORES DE MAX SCHELER.....	70
3.1 Os fundamentos da ética dos valores.....	71
3.2 O porquê de uma ética dos valores.....	80
3.3 O falseamento da tábua dos valores ou transvaloração.....	82
3.4 Elementos essenciais para o resgate e revitalização dos valores éticos.....	89
3.5 Conclusão do terceiro capítulo.....	96
CONCLUSÃO DA DISSERTAÇÃO.....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	101

INTRODUÇÃO

Autor, ambiente filosófico e cronologia.

O filósofo Hans-Georg Gadamer, nos idos de 1970, achou inacreditável que a nova geração alemã não conhecesse Ferdinand Max Scheler. Segundo Gadamer, talvez essa geração tivesse uma vaga ideia de que Scheler foi um pensador católico que escreveu uma ética material dos valores extremamente influente no seu tempo¹.

Scheler nasceu em Munique, cidade da Baviera, Alemanha, em 22 de agosto de 1874, local onde terminou os estudos secundários, no ano de 1894. Posteriormente, transferiu-se para Berlim, onde frequentou cursos com o filósofo Wilhelm Dilthey, o sociólogo Georg Simmel e o psicólogo Carl Stumpf.

Filho de pai luterano e mãe judia, Scheler foi muito suscetível à religiosidade. Quando tinha 15 anos de idade, foi convertido ao catolicismo pelo capelão de sua escola, no ano de 1889. Porém, ao casar-se com uma mulher divorciada, Scheler rompeu formalmente com a igreja católica.

Scheler revelou-se para o meio acadêmico como um pensador envolvido pela tensão entre as questões do espírito e as questões do mundo. Todavia, essa tensão não o impediu de compor uma obra filosófica rica em intuições.

Em 1895, Scheler iniciou os seus estudos na Universidade de Jena, tendo como mestre o filósofo Rudolph Eucken, defensor de uma metafísica da vida e da autonomia do espírito. Eucken, agraciado com o prêmio Nobel de Literatura, orientou a primeira tese de doutorado de Scheler, denominada *A fundamentação das Relações entre os Princípios da Lógica e da Ética*. Esta tese aborda a relação entre o pensar e o querer. Através de Eucken, Scheler obteve os primeiros contatos com os escritos de Santo Agostinho e Pascal e, assim como Eucken, Scheler buscou uma distinção entre a vida psíquica e a vida espiritual.

Em 1901, Scheler obteve sua docência na Universidade de Jena, defendendo uma segunda tese denominada *As Relações entre o Método Transcendental e o Método Psicológico na Filosofia*, na qual o filósofo afirma que a vida espiritual do ser humano

¹ Ver referência bibliográfica, Hans-Georg Gadamer, *Hermenêutica em retrospectiva: a posição da filosofia na sociedade*, tradução de Marco Antônio Casanova, Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, pp.114-115.

está livre de qualquer determinismo, inclusive o psicológico. Nesse mesmo ano, na cidade de Halle, Scheler teve seu primeiro encontro pessoal com Husserl.

Cinco anos depois, em 1906, Scheler deixou Jena, devido a problemas de ordem particular. No ano seguinte, iniciou sua atividade de conferencista de filosofia em Munique, cidade onde manteve estreitas relações com o círculo fenomenológico local.

O ano de 1907 foi um ano de mudanças. Scheler tornou-se professor de filosofia na Universidade de Munique. Nesse período, após a leitura da obra *Investigações Lógicas*, de Husserl, Scheler passou a frequentar o grupo que se dedicava aos estudos das novas ideias do fundador da fenomenologia.

No ano de 1910, após um conturbado processo de divórcio e intrigas de sua ex-mulher, Amélia von Dewitz, Scheler é obrigado a deixar a Universidade de Munique, perdendo sua licença para ensinar. Sem meios de subsistência, passa a dar aulas particulares e transfere-se para Berlim, onde atua em revistas, na condição de jornalista e crítico de cultura. Nos dois anos seguintes, passa a ensinar na Sociedade Filosófica de Gottingen, onde tem a oportunidade de entrar em contato com o círculo fenomenológico da cidade.

Em 1913, publica a primeira parte da sua obra *Ética*, cujo título em português é *O Formalismo na Ética e a Ética Material dos Valores*, considerada sua obra mais importante. Ainda nesse ano, torna-se coeditor do *Anuário de Filosofia e Investigação Fenomenológica*, juntamente com Husserl e outros intelectuais. No ano seguinte, engaja-se em discussões ideológicas acerca da guerra desencadeada em 1914.

No ano de 1915, em Gottigen, Scheler mantém contatos pessoais com Husserl, de quem irá afastar-se gradativamente, até o rompimento definitivo, devido à incompatibilidade de ideias concernentes à fenomenologia. Embora adepto do método fenomenológico de Husserl, Scheler o modificou, ampliando o seu alcance.

No período entre 1917 e 1918, Scheler entrou na vida pública, ao receber a incumbência de duas missões diplomáticas, uma em Genebra e outra em Haia. Nesse período, o filósofo retomou a sua licença para ensinar, vindo a incorporar-se como catedrático de Filosofia e Sociologia na recém-fundada Universidade de Colônia, onde posteriormente, seria nomeado diretor do Instituto de Estudos Sociológicos.

A partir de 1925, retomou a atividade de conferencista, divulgando ideias para o grande público. Três anos depois, exatamente em 1928, deixou a Universidade de

Colônia, transferindo-se para a de Frankfurt. Nessa cidade, no dia 19 de maio, faleceu vitimado por um ataque cardíaco, quando contava 54 anos de idade.

Podemos dizer que a obra filosófica de Max Scheler é fruto de um pensamento assistemático, considerando-se sistema como um conjunto de elementos que se relacionam funcionalmente, no qual nenhum elemento age isoladamente. Com efeito, os estudiosos da obra de Scheler não o consideraram um pensador de sistemas. Nesse sentido, visando corroborar esta perspectiva, colhemos a afirmativa do estudioso da obra de Scheler, o filósofo Wolfhart Henckmann, que diz:

Faticamente, no entanto, defrontamo-nos em seus escritos com um pensamento [...] a elaborar sempre novas perspectivas, que trabalha com conceitos insuficientemente elaborados e não controla a conexão dos conceitos com contextos isentos de contradição e sem lacunas. Por isso, Scheler não pode ser designado como um pensador de sistema [...]. (Wolfhart Henckmann, 2006, p.126)

Como depreendemos da afirmativa de Henckmann, Scheler foi um filósofo assistemático, sempre ávido a criar novas perspectivas, sem, contudo, manter controle sobre as conexões dos conceitos. De certo modo, isto talvez se deva, em parte, ao seu falecimento prematuro, aos 54 anos de idade, o que impediu o filósofo de expandir, ou mesmo, concluir o seu trabalho filosófico. Porém, não se pode negar que a obra de Scheler revela o seu impulso incontrolável em estabelecer relações no campo da fenomenologia, sem preocupar-se em desfazer possíveis incompreensões.

Sobre a sistematização da filosofia, Scheler escreveu no prefácio da obra *Do Eterno no Homem*:

A filosofia, tal como o autor a compreende, deve ser sistemática. No entanto, ela deve fornecer um 'sistema' que não repouse sobre a dedução a partir de poucos princípios simples. Ao contrário, ela precisa conquistar seu alimento e seu conteúdo sempre novamente a partir das análises das diversas esferas da existência e da vida espiritual: um sistema que, não estando nunca fechado [...]. (Scheler, 2015, p.10)

Com base nessa argumentação de Scheler, compreendemos que a sua concepção de sistema não se coaduna com a forma canônica ou habitual. Nesse sentido, o estudioso do pensamento scheleriano, Frédéric Vandenberghe, afirmou que Scheler

construiu um sistema aberto. Segundo as palavras de Vandenberghe: “[...] Scheler não propôs um sistema filosófico fechado e totalizador que aspire a abranger tudo o que existe, mas uma reflexão aberta sobre a totalidade da vida [...]” (VANDENBERGHE, 2008, p. 76). Como destaca Vandenberghe nessa assertiva, o pensamento de Scheler é uma filosofia aberta, que não se preocupa em totalizar ou sistematizar.

Não obstante, a filosofia de Max Scheler contém um número extraordinário de intuições frutuosas. Contudo, ao estudá-las, temos a impressão de que o filósofo mergulhou em uma imensa quantidade de apreensões, ou não teve o tempo necessário para conectá-las.

Todavia, como forma de compensar o seu lado assistemático, a filosofia de Scheler entrelaçou-se com a vida. Seu contato com diversos pensadores, bem como, a busca por soluções para problemas ético-filosóficos, resultou em uma obra muito rica e significativa, principalmente no que concerne à sua teoria dos valores.

A obra de Max Scheler

A obra completa de Scheler foi reunida por Maria Scheler, viúva do filósofo. Esta obra compreende o conjunto de 13 volumes, editados no ano de 1954, pela A. Franckie A. G. Verlag Bern und Munchen.

Dentre as obras filosóficas mais importantes, algumas publicadas postumamente, destacamos: *O Ressentimento na Construção das Morais* (1912), *Para a Reabilitação da Virtude* (1913). Esses dois ensaios foram reunidos e publicados no ano de 1923, com o título *Da Reviravolta dos Valores*.

No conjunto de seus escritos, é relevante mencionar: *O Formalismo na Ética e a Ética Material dos Valores* (1913-1916); *Morte e Sobrevivência* (1911-1914); *Sobre o Pudor e o Sentimento de Vergonha* (1913); *Fenomenologia e Metafísica da Verdade* (1912-1914); *Ordo Amoris* (1914-1916); *Modelos & Líderes* (1911-1921); *Para a Ideia do Homem* (1914); *Essências e Formas da Simpatia* (1913-1922); *Do Eterno no Homem* (1921); *A Posição do Homem no Cosmos* (1928).

Neste estudo, utilizamos as seguintes obras: *Ética: Nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético*; *A Concepção Filosófica do Mundo*; *A Posição do Homem no Cosmos*; *Amor y Conocimiento y otros Escritos*; *Do Eterno no*

Homem; Modelos & Lideres, Metafísica de La Libertad; Ordo Amoris; Visão Filosófica do Mundo.

A obra *Ética: Nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético*, cujo título em português é *O Formalismo na Ética e a Ética Material dos Valores*, segundo os estudiosos de Scheler, é o seu escrito mais importante, pois nela o filósofo empreende um estudo da ética, a partir da sua teoria dos valores. É uma obra abrangente, constituída por dois tomos, nos quais constata-se a aplicação da técnica da redução fenomenológica, a crítica ao formalismo kantiano e, principalmente, o estabelecimento dos elementos essenciais para a construção de uma ética com base nos valores.

Na obra *A Concepção Filosófica do Mundo*, Scheler procura tematizar a especificidade da filosofia, mostrando a essência do conhecimento filosófico. Por sua vez, no seu opúsculo denominado *A Posição do Homem no Cosmos*, temos a oportunidade de vislumbrar o pensamento de Scheler voltado para a antropologia filosófica. Nesse ensaio, o filósofo discute o que é o homem e qual a sua posição em relação a tudo o que o cerca.

Por seu turno, *Amor y Conocimiento y otros Escritos* é uma obra na qual o filósofo aborda a inter-relação entre os conceitos de amor e conhecimento. Nessa publicação, Scheler analisa o amor e o conhecimento sob as perspectivas grega, cristã e oriental.

No livro *Do Eterno no Homem*, Scheler faz um estudo dedicado aos problemas da ética e da filosofia da religião. O título dessa publicação já indica que Scheler empenhou-se em escrever sobre aquilo que é considerado infinito, ou seja, a experiência espiritual e religiosa.

Modelos & Lideres é um ensaio que apresenta os protótipos ético-pessoais construídos por Scheler, em conformidade com a escala hierárquica dos valores. Essa obra tem ligação fundamental com o livro *Ética: Nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético*, pois ambas revelam aspectos da teoria dos valores schelerianos.

Na obra *Metafísica de La Libertad*, Scheler escreve acerca dos diversos sentidos de sua compreensão sobre a liberdade. Para o filósofo, o primeiro sentido da liberdade diz respeito ao agir segundo uma vontade motivada. Todavia, Scheler deixa bem claro que a motivação para agir não é uma forma de causalidade mecânica nem constitui

resposta a um estímulo. A fundamentação do agir, segundo Scheler, é dada pelos valores.

Ordo Amoris é uma obra pequena, mas fundamental. Seu título remete aos escritos de Santo Agostinho. Nesse ensaio, Scheler apresenta três sentidos para o *Ordo Amoris* (ordem do amor), a saber: os valores em si mesmos; os valores como regra para conduzir a vontade e os valores como uma hierarquia que constitui o *ethos* de um homem ou de uma coletividade.

Por fim, na obra *Visão Filosófica do Mundo*, Scheler apresenta um resumo da sua teoria do conhecimento e da cultura. Nesta obra, Scheler também faz incursões a seus estudos antropológicos.

Estrutura da dissertação

O objetivo primeiro desta dissertação é o exame da teoria dos valores de Max Scheler. Este é um campo de estudo filosófico relativamente recente, embora tenha um objeto que remonta à antiguidade clássica. Scheler elaborou uma teoria dos valores que se fundamenta, em parte, na fenomenologia de Edmund Husserl, no *ordo amoris* de Santo Agostinho e na *ordre de coeur* de Blaise Pascal.

Não obstante, ao estudarmos a teoria dos valores de Max de Scheler, constatamos a originalidade de sua fenomenologia. O que, aparentemente, pode ser visto como uma recepção e adaptação das ideias de Husserl, torna-se, em Scheler, uma abordagem inovadora dos fenômenos.

No primeiro capítulo de nosso estudo, intitulado *A Fenomenologia Emocional dos Valores*, objetivamos mostrar a influência de Husserl na fenomenologia de Scheler. Apesar de ambos os filósofos colocarem a intuição como fonte principal do conhecimento filosófico, Scheler desvia-se de Husserl, ao construir o caminho da intuição emocional dos valores, através de três elementos: a intuição sentimental, o ato de amor e o ‘seguimento’ às pessoas dotadas de valores. De acordo com Scheler, o amor é o ato revelador dos valores e, as pessoas dotadas de valores constituem-se verdadeiros modelos ou protótipos a serem seguidos.

Ainda no primeiro capítulo, mostramos a conexão entre esferas do ser, os sentimentos e os valores. Finalizando o capítulo, apresentamos os modelos humanos valiosos (pessoas dotadas de valores) e a teoria do seguimento a esses modelos.

No segundo capítulo, denominado *o valor segundo a concepção scheleriana*, discorremos sobre as noções fundamentais acerca do valor e justificamos porque Scheler não elaborou um conceito capaz de definir esta essência. Dessa forma, confirmamos o perfil assistemático de Scheler, conforme destacaram os estudiosos de sua obra. Procuramos traçar a noção do que é o valor scheleriano, apresentando suas principais características, critérios e relações pertinentes, de modo a possibilitar o delineamento e o entendimento do significado dessas essências.

Do ponto de vista da teoria scheleriana, compreender o valor é conhecer as suas várias qualidades distintivas. Ainda no segundo capítulo, destacamos outro ponto fundamental na teoria de Scheler, que é a escala hierárquica e seus critérios para determinar a superioridade ou inferioridade de um determinado valor. Ao final do segundo capítulo, apresentamos a mais importante classificação elaborada por Scheler, ou seja, as modalidades de valores.

No terceiro e último capítulo, intitulado *A Ética dos Valores de Max Scheler*, mostramos, inicialmente, como os valores, podem constituir o conteúdo de uma ética filosófica. Nesse sentido, apresentamos os fundamentos schelerianos para a formulação de uma ética dos valores, a saber: a distinção entre moral e ética, os axiomas, a concepção de *ethos* e a importância da noção de Deus.

Scheler propôs-se a construir uma ética filosófica, distinta da noção de moral. Esta ética está fundada em axiomas e ancorada sobre um *ethos* de valores, que se renovam ao longo da vivência do homem, através do ato de preferir e postegar valores. A esses três elementos Scheler agregou a noção de Deus, o modelo exemplar de conduta moral, do qual o homem, para ser verdadeiramente ético, deve aproximar-se.

Prosseguindo nossa análise, mostramos porque Scheler propôs-se à construção de uma ética fundada em valores. A motivação do nosso filósofo surgiu, basicamente, da sua crítica ao formalismo kantiano e da sua rejeição em relação a ética consubstanciada em uma lei moral. Para Scheler, a verdadeira ética só pode fundar-se nos valores, principalmente, os valores morais (o bem e o mal).

Posteriormente, abordamos o tema da transvaloração ou falseamento dos valores. Scheler desenvolveu uma crítica contundente na sua obra *Da Reviravolta dos Valores*. Nesta obra, o filósofo criticou a moral burguesa, considerando-a uma moral ressentida, que falseia e inverte a escala de valores, pois eleva a um patamar superior

valores como o trabalho e a utilidade, em detrimento do bem moral, o valor que caracteriza o homem verdadeiramente ético.

Para Scheler, o único meio pelo qual essa sociedade, imersa nos falsos valores, no ressentimento e no individualismo, pode reencontrar a ética de valores autênticos é através da efetivação de três elementos, a saber: a virtude, a solidariedade ética e a responsabilidade. Na concepção de Scheler, esses três elementos são os mais adequados para a reconstrução de uma sociedade que vive uma crise de valores morais. Somente fazendo uso desses três elementos é que, segundo Scheler, o homem moderno poderá redirecionar suas atitudes para uma vida pautada em uma verdadeira ética de valores.

Scheler refutou e assimilou concepções filosóficas de um modo bem original, buscando repensá-las e, sobretudo, superá-las. Suas inúmeras reflexões, conexões e premissas constituem um desafio, pois, muitas vezes, conciliá-las torna-se um trabalho que requer contínuo esforço. No entanto, da leitura de suas obras, percebemos a presença de um filósofo sensível, atento e preocupado às questões de sua época, principalmente aquelas relacionadas à moral e a ética.

A teoria dos valores de Scheler é, dentre suas criações, uma das mais representativas. Essa teoria representa o ponto de inflexão para a proposta de uma nova ética, visto que, a partir dela, Scheler vislumbra uma ética dos valores. Para Scheler, os valores constituem o núcleo de uma ética capaz de direcionar o homem para uma conduta reta.

Às vezes, posicionando-se quase como um asceta, Scheler vislumbra o homem como um seguidor de modelos, basicamente, um seguidor de Deus, enquanto modelo exemplar de conduta moral. Seguramente, a ética scheleriana não pode ser considerada um equivalente da ética cristã. Contudo, ela aproxima-se dos dogmas do cristianismo, o que revela sua preocupação com a espiritualidade do homem.

Scheler empenhou-se em difundir sua crença no valor moral do bem, pois a sociedade moderna, na concepção do filósofo, perdeu as referências que a conduzem para um comportamento considerado como ético. A sociedade moderna vive uma crise na qual os valores inferiores sobrepõem-se aos superiores.

Nesse sentido, empenhou-se em teorizar aquilo que ele compreendeu como sendo a fenomenologia emocional dos valores, como veremos a partir de agora.

1 - A FENOMENOLOGIA EMOCIONAL DOS VALORES

Este primeiro capítulo analisa a apreensão emocional dos valores, tomando como fio condutor a fenomenologia. Esta corrente filosófica, fundada por Edmund Husserl¹ (1859-1938), afastou-se do positivismo e do neokantismo, vindo a constituir um método de investigação, que objetiva, principalmente, revelar como as coisas do mundo apresentam-se à consciência.

Max Scheler inseriu-se neste contexto e, conseqüentemente, foi considerado um fenomenólogo. Todavia, ele foi um pensador cuja originalidade dificultou sua filiação a uma corrente fenomenológica específica, o que ensejou o filósofo Robert Sokolowski a escrever a seguinte passagem:

Scheler não pode ser colocado claramente dentro do movimento fenomenológico como Husserl e Heidegger; ele foi um pensador independente que às vezes desenvolveu e comentou os temas fenomenológicos, e em outras, criticou e distanciou-se dessa forma de filosofia. O que lhe faz parecer ser um fenomenólogo é que ele dá atenção a problemas específicos concretos, especialmente problemas humanos como religião, simpatia, amor, ódio, emoções e valores morais, e analisa-os em detalhes. Sua afiliação marginal com a fenomenologia ajudou a popularizar o movimento, mas ele também se moveu livremente fora dele. (Sokolowski, 2000, p. 230)

A partir do relato de Sokolowski, conclui-se que Scheler distanciou-se da perspectiva fenomenológica original, principalmente a partir do momento que introduziu no método husserliano elementos de natureza sentimental e religiosa. Scheler fundou uma fenomenologia singular ao abordar questões como: simpatia, amor, ódio, valores morais e religião. Ademais, a fenomenologia scheleriana recepcionou elementos do pensamento de Santo Agostinho e Blaise Pascal, além de princípios muito

¹ O movimento fenomenológico foi uma das correntes mais fecundas da filosofia do século XX, sendo Edmund Husserl o iniciador desse movimento. Ver referência bibliográfica, Maria da Penha Villela-Petit. *A Fenomenologia de Husserl: Uma Filosofia a Descobrir ou Re-descobrir* in: *Pensadores do Século XX*, Delmar Cardoso (org). São Paulo: Loyola: Paulus, 2013, p.187-205.

próximos de uma metafísica cristã². Nesse sentido, pode-se mesmo dizer que Scheler alterou o viés racionalista de Husserl.

As mudanças que Scheler implementou no método husserliano permitiram que ele inaugurasse a fenomenologia emocional³ que ele aplicou na sua pesquisa axiológica⁴, vindo a culminar em uma teoria dos valores. Com efeito, o objeto de estudo deste capítulo será o exame dessa fenomenologia que é o método utilizado por Scheler na apreensão dos valores.

Para facilitar a compreensão do tema, dividimos o capítulo em três partes. A primeira parte, inicia-se na secção 1.1, onde apresentaremos a fenomenologia fundada por Husserl, legado que, posteriormente, foi recepcionado e modificado por Max Scheler. A seguir, na subsecção 1.1.2, faremos uma abordagem do saber das essências, que tem como principal característica a intuição eidética, capaz de revelar dados isentos de conteúdo sensório, como por exemplo, as essências. Na subsecção 1.1.3, vamos examinar a intuição emocional, que é o procedimento fenomenológico que apreende os valores. Em 1.1.4, trataremos dos sentimentos, que são os estados emocionais que qualificam e determinam os valores.

Na segunda parte, em 1.2, abordaremos o papel de duas concepções filosóficas que Scheler trouxe para a sua fenomenologia emocional, a saber: a ordem do amor e a ordem do coração, noções colhidas nas obras de Santo Agostinho e Blaise Pascal, respectivamente. Com base nessas duas concepções, mostraremos que o sentimento do amor tem papel fundamental para o conhecimento dos valores. A seguir, em 1.2.1, apresentaremos a concepção scheleriana de pessoa espiritual, que apreende valores.

Na terceira parte, em 1.3, veremos que Scheler, ao desviar-se da concepção fenomenológica husserliana, terminou por construir uma fenomenologia fundada sobre

² Ver referência bibliográfica, Frederic Vanderberghe, *A Fenomenologia como Escada para o Céu in: a modernidade como desafio teórico: ensaios sobre o pensamento social alemão*, tradução do inglês Luis Marcos Sander. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 80.

³ Sobre a fenomenologia emocional ver referência bibliográfica, Frederic Vanderberghe, *Georg Simmel, Max Weber e Max Scheler e a Tradição Sociológica Alemã: Grandeza e Miséria do Homem Econômico in: História da Filosofia Moral e Política: a felicidade e o útil*, tradução de Alessandro Zir, São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004, p. 601.

⁴ Axológico é termo que se origina da palavra grega *axios* que tem o significado de precioso, digno, valor. Ver referência bibliográfica, Alfred Stern, *Filosofia de los Valores*, tradução do francês de Humberto Piñera Llera, Buenos Aires: Companhia General Fabril Editora, 1960, p. 20.

a relação entre os sentimentos e os valores. Essa fenomenologia possibilitou a concepção de uma tipologia de pessoas axiológicas, pessoas dotadas de valores. Nessa perspectiva, a pessoa tornou-se modelo valioso, capaz de apreender e disseminar os valores nas comunidades humanas, principalmente os valores morais. Neste mesmo tópico, examinaremos o significado da noção de ‘seguimento’ ao modelo valioso e sua importância para a fenomenologia emocional scheleriana, enquanto meio de apreensão de valores. Em 1.3.1, apresentaremos os valores mais proeminentes em relação aos seus portadores, os modelos humanos. Na secção 1.4, concluiremos o capítulo.

1.1 - A herança husserliana

A fenomenologia de Max Scheler foi fortemente influenciada pela de Edmund Husserl, a ponto de as doutrinas dos dois filósofos constituírem saberes que pretenderam ficar imunes à influência das teorias científicas. Por causa desse desprendimento em relação às ciências, Husserl e Scheler estabeleceram o retorno à intuição como fonte para o conhecimento filosófico. No sentido de conferir primazia à intuição, Husserl afirmou “o regresso às próprias coisas ou estados de coisas na experiência e visão intelectual originária”⁵, enquanto Scheler manifestou-se a favor de “uma atitude de amor que procura os fenômenos.”⁶ (SCHELER, 1986, p. 12).

Contudo, nas posições de Husserl e Scheler não houve a pretensão de invalidar o conhecimento construído pela ciência. Na verdade, o que realmente existiu foi o clamor pelo direito da Filosofia pesquisar os modos como as coisas apresentam-se para o sujeito, de maneira mais direta. Ao invés de procurar por leis fundamentadas a partir da observação da realidade, a fenomenologia vai investigar o que é dado na intencionalidade da própria consciência.

O princípio fenomenológico da intencionalidade informa que a consciência é sempre consciência de alguma coisa; ela só é consciência pelo fato de estar dirigida para algo. Por sua vez, este algo só pode ser definido na relação com a própria consciência.

⁵ Ver referência bibliográfica, Edmund Husserl, *Meditações Cartesianas e Conferências de Paris*, tradução de Pedro M. S. Alves, Rio de Janeiro: Forense, 2013, p. 4.

⁶ Na fenomenologia de Scheler, o ato de amor antecede qualquer juízo, percepção, representação, recordação e intenção dirigida ao objeto. Ver referência bibliográfica, José Antônio Fracalossi Meister, *Amor X Conhecimento: Interrelação ético-conceitual em Max Scheler*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994, p. 38.

Husserl batizará com o nome de *noese*⁷ a atividade ou ato da consciência dirigido para algo. Por sua vez, este algo para o qual se dirige a consciência é designado *noema*⁸, o correlato intencional que foi constituído pela atividade da própria consciência. Isso quer dizer que, na concepção fenomenológica, a consciência intencional, necessariamente, tem sempre um conteúdo ou objeto.

Todavia, o ato de consciência (*noese*) não visa o seu conteúdo (*noema*) sempre da mesma maneira e nem o conteúdo apresenta-se à consciência sempre do mesmo modo. Na verdade, cada intencionalidade tem sua modalidade peculiar de conteúdo. Assim, existirão intencionalidades cujos pares *noese/noema* irão se configurar, por exemplo, como: percepção e percepto, idealização e idealizado, imaginação e imaginado, valoração e valorado, dentre outros.

Cada um dos pares constituídos na intencionalidade da consciência vai permitir o acesso a uma determinada região do ser, como, por exemplo, a região da natureza física, alçada pelo par (percepção e percepto); a região dos objetos matemáticos, visada pelo par (idealização e idealizado); a região dos valores, acessada mediante o par (valoração e valorado), dentre outras. Em suma, as diversas intencionalidades da consciência irão determinar as mais variadas regiões do ser (ontologias regionais), com seus respectivos conteúdos ou objetos, a saber: as essências, aquilo que se encontra no ser próprio de um ente, aquilo que faz com que algo seja o que é.

Contudo, a intencionalidade só alcança propriamente seu objeto se for purificada pela *epoché*⁹ (redução fenomenológica), que é a técnica por meio da qual a consciência põe o mundo entre parênteses, de modo a criar as condições para que ela intencione o objeto do modo mais direto possível. Colocar entre parênteses é fazer com que a atitude do investigador abstenha-se de todas as ideias preconcebidas em relação ao objeto.

A redução fenomenológica remove todas as certezas do senso comum, bem como os símbolos e teorias científicas acerca dos fatos e dos objetos do mundo. A

⁷ Husserl distingue na consciência intencional o seu componente próprio, a (*noese*), bem como, os seus correlatos ou objetos, isto é, os (*noemas*). Ver referência bibliográfica, Edmund Husserl, *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*, tradução Márcio Suzuki, São Paulo: Ideias & Letras, 2006, pp. 202-203.

⁸ Ibidem.

⁹ *Epoché* é um termo tomado do ceticismo grego que significa a retenção que o cético dizia que deveríamos ter em relação a nossos juízos sobre as coisas. Ver referência bibliográfica, Robert Sokolowski, *Introdução à Fenomenologia*, Tradução de Alfredo de Oliveira Moraes, São Paulo: Loyola, 2012, p. 58.

redução fenomenológica é um procedimento aplicado sobre a nossa consciência ordinária, com o objetivo de anular ou remover todas as crenças e explicações causais acerca das coisas. Ela apenas procura suscitar a questão das formas (*eidos*)¹⁰, vindo a propiciar o que Scheler denominou de saber das essências, tema que desenvolveremos a seguir.

1.1.1 - O saber das essências

Segundo Max Scheler, a procura pela essência de todas as coisas ocorre porque o homem sempre buscou respostas para indagações do tipo: O que é mundo? Qual é a essência da planta, do animal, do homem? Tais indagações, no âmbito da fenomenologia, não significam interrogações pelas causas, mas pelas estruturas essenciais. Isto quer dizer que o saber das essências abstém-se de formular hipóteses, coletar dados e extrair inferências. O saber das essências foca-se apenas no que é dado na intencionalidade da consciência.

De acordo com Scheler, apenas o saber das essências é capaz de responder às indagações pelo ser das coisas, pois os demais saberes, como o natural e o científico, estão voltados para outros objetivos. Estes saberes estão dirigidos para as observações empíricas, portanto são incapazes de responder a tais interrogações. Sobre o saber das essências, Scheler escreveu na sua obra *Visão Filosófica do Mundo*:

[...] é o saber da ciência filosófica fundamental que Aristóteles chamava de ‘filosofia primeira’, isto é, o saber das formas do ser e da estrutura essencial de tudo que é. Há relativamente pouco tempo foi redescoberto por E. Husserl e sua escola [...]. (Scheler, 1986, p. 11)

A partir do trecho citado, podemos constatar que, ao invés da atitude científica que anseia pelas leis da natureza, o saber das essências é uma orientação que procura pelas formas do ser, que, segundo Scheler, é o mesmo saber que Aristóteles chamou de

¹⁰ O *eidos* é a essência pura. Ver referência bibliográfica, Edmund Husserl, *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*, tradução Márcio Suzuki, São Paulo: Ideias & Letras, 2006, p.38.

filosofia primeira. De acordo com Scheler, este saber foi redescoberto por Husserl e sua escola¹¹.

Alcançar o saber das essências requer a adoção do procedimento da intuição eidética¹², que é um esforço de pensamento fundado na redução fenomenológica exercida sobre o objeto. A redução eidética é uma técnica que dá ao pensamento a certeza de reter do objeto apenas o essencial, eliminando o que é preconcebido ou suposto de antemão, como no exemplo dado a seguir.

Quando intuímos um objeto de cor azul, podemos conceber que ele tem uma qualidade que chamaremos de ‘azulidade’. Se, posteriormente, ao examinarmos uma série de outros objetos, reais ou imaginados, constatarmos que todos apresentam a mesma propriedade de serem azuis, teremos encontrado uma nota comum, ou seja, a ‘azulidade’.

Para termos uma convicção sobre tal propriedade comum, devemos submeter o objeto a todas as variações imaginativas possíveis. Se ao longo de tais variações não pudermos remover o caráter de azulidade do objeto, podemos então considerar a azulidade uma nota invariável. Isto significa que a azulidade é uma marca permanente, constante (invariante), ao longo de todos os objetos examinados. Em outras palavras, para perceber as semelhanças é preciso já ter percebido uma essência.

Não obstante a azulidade ter efetivado a sua entrada na consciência através da percepção sensível, seu caráter invariante é resultado do trabalho da faculdade do entendimento, que descobriu o elemento imutável, aquilo que faz com que todo objeto azul continue a sê-lo sempre. Assim, do ponto de vista da fenomenologia, pode-se dizer que o descobrimento da azulidade, enquanto invariante¹³, é uma atividade do

¹¹ A fenomenologia é considerada uma escola pelo fato de constituir um vasto projeto que não se encerra em uma única obra ou grupo de obras. Ver referência bibliográfica, Paul Ricoeur, *Na Escola da Fenomenologia*, tradução de Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis: 2009, Editora Vozes, p.08.

¹² A intuição eidética é um subtipo da intuição categorial, ou seja, a intuição em que intencionamos objetos que não podem ser visados pela percepção sensorial. Ver referência bibliográfica, Dieter Lohmar, *Intuição Categorial in: Fenomenologia e Existencialismo*, tradução de Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi, São Paulo: Loyola, 2012, p. 115.

¹³ De acordo com Paul Ricoeur, a essência revela a identidade que está presente em uma variação. A essência é uma unidade que circula através dos casos examinados. Ver referência bibliográfica, Paul Ricoeur, *Ser, Essência e Substância em Platão e Aristóteles*. São Paulo: WF Martins Fontes, 2014, p. 9.

entendimento, o que faz com que a azulidade seja considerada um conteúdo não sensível, imutável, isto é, uma essência¹⁴.

A descoberta dessa propriedade invariante levou Scheler à convicção de que o conteúdo da intuição eidética é muito mais rico do que os conteúdos dos processos sensíveis¹⁵. Scheler expressou essa opinião a Husserl e este respondeu que também em sua nova obra de lógica havia proposto um novo conceito de intuição, cujo conteúdo invariante assemelhava-se ao mencionado por Scheler.

Contudo, não obstante o compartilhamento de opiniões entre Husserl e Scheler, é relevante esclarecer que Husserl terminou por trabalhar em prol de uma intuição de essências, fundada em uma consciência intencional, totalmente voltada para aspectos racionais. Diferentemente de Husserl, Scheler substituiu a intencionalidade racional pela intencionalidade dos sentimentos, vindo a criar o que pode ser denominado de intuição emocional das essências, especificamente, a intuição emocional dos valores.

Acerca da intencionalidade emocional, que fundamentou a intuição scheleriana, o filósofo André Dartigues escreveu a seguinte proposição: “Uma das mais notáveis originalidades da fenomenologia de Scheler é a de haver corrigido a intencionalidade da consciência de Husserl por essa intencionalidade do coração [...]” (DARTIGUES, 1992, p. 146). Nessa passagem, Dartigues corrobora a proposta scheleriana de inaugurar a intencionalidade do coração, na forma de uma intuição de cunho emocional. Com efeito, na subsecção seguinte mostraremos que essa proposta de Scheler culminou na intuição emocional dos valores.

¹⁴ Segundo Dartigues, há quem veja uma certa convergência entre a visão husserliana das essências e o procedimento lógico da indução. Todavia, Dartigues salienta que a intuição eidética faz uso da variação imaginativa até chegar a uma característica da coisa que seja considerada imutável, isto é, a essência. Por sua vez, a lógica indutiva apoia-se nas observações das regularidades dos fatos para chegar a uma generalização. Ver referência bibliográfica, André Dartigues, *O Que é a Fenomenologia?* Tradução de Maria José J.G. de Almeida. São Paulo: Moraes, 1992, p. 33.

¹⁵ Essas características da essência são atestadas pelo filósofo Juan Miguel Palacios, o prefaciador da tradução espanhola da *Ética* de Scheler. Ver referência bibliográfica, Max Scheler, *Ética: Nuevo ensayo de fundamentación de um personalismo ético*, tradução de Hilário Rodríguez Sanz. Madrid: Caparrós Editores, 2001, pp. XI-XII.

1.1.2 - A intuição emocional dos valores

Como vimos na subsecção anterior, a intuição scheleriana das essências é de cunho emocional, haja vista o afastamento de Scheler em relação à perspectiva racionalista da fenomenologia de Husserl, como podemos perceber pela leitura da seguinte afirmativa: “[...] há [...] objetos [...] inteiramente inacessíveis à ‘razão’; para esses objetos a razão é tão cega como o ouvido pode ser para as cores; [...] a saber: os valores e sua ordem hierárquica”. (SCHELER, 2001, p. 358). Segundo esta assertiva de Scheler, a razão não é capaz de conhecer e revelar os valores, o que nos permite inferir que tal prerrogativa é pertinente à intuição emocional. Cumpre salientar que Scheler não se reporta a uma consciência que apreende valores, pelo contrário, ele afirma que “os valores são dados unicamente no perceber sentimental [...]” (SCHELER, 2001, pp. 131-132).

Nesse sentido, Scheler, estabeleceu a primazia do perceber sentimental¹⁶, enquanto função que apreende os valores, contrariando a intencionalidade intelectual husserliana. Esta também é a interpretação de Wojtyła, no seu comentário que transcrevemos a seguir.

O primado das emoções se expressa no sistema de Scheler de modo que, para ele: o conhecimento emocional do valor precede o conhecimento intelectual da ‘coisa’, em primeiro lugar percebemos afetivamente o valor de um determinado objeto, e só num segundo momento penetramos sua estrutura concreta. (Wojtyła, 1993, p. 24)

Segundo o entendimento de Wojtyła, a doutrina de Scheler determina que o conhecimento emocional antecede o conhecimento intelectual da coisa. Em conformidade com essa perspectiva, não serão as coisas cognoscíveis que irão determinar o mundo dos valores, mas serão os valores dados na emoção que irão determinar o que é cognoscível. Segundo Wojtyła, a tese scheleriana é a de que primeiro o homem avalia e valoriza, para, posteriormente, em um segundo momento, haver o conhecimento. Para Scheler, a intuição emocional constitui um tipo de experiência que promove o conhecimento dos valores através de um órgão apreensor que não é o

¹⁶ Scheler atribui característica de consciência ao sentimento ao substituir a intencionalidade da consciência pela intencionalidade ou perceber sentimental. Ver referência bibliográfica, Ubiratan Macedo, *Introdução à Teoria dos Valores*, 1971, Curitiba: Editora dos Professores, p. 34.

pensamento, mas o coração, no sentido de emoção humana, ao qual Scheler atribuiu a mesma dignidade do raciocínio¹⁷. Com isto, o filósofo conferiu ao emocional o *status* de ‘conhecedor’, como uma terceira via em relação ao duo formado pela razão e sensibilidade.

Contudo, é oportuno destacar que, no âmbito da sua filosofia, Scheler não atribuiu total exclusividade ao conhecimento fundado nos aspectos emocionais. No que diz respeito à capacidade humana de fundar o conhecimento filosófico, Scheler não dispensou o papel da razão, como bem podemos perceber através do seguinte parágrafo, colhido na sua obra intitulada *A Conceção Filosófica do Mundo*. Eis o que diz Scheler:

Quem, porém aspira a uma concepção do mundo filosoficamente fundada tem de ousar apoiar-se na sua própria razão. Tem de duvidar, a título de experiência, de todas as opiniões costumeiras e não lhe é permitido reconhecer aquilo que não é passível de ser fundamentado pessoalmente de modo inteligível. (Scheler, 2003, p. 13)

Nessa passagem, vê-se claramente que Scheler fixou a razão como o meio mais apropriado para se obter uma concepção filosófica do mundo, bem como instrumento para o questionamento das opiniões. Todavia, no que concerne ao descobrimento das essências, Scheler conferiu primazia aos sentimentos, pois são estes que apreendem, qualificam e determinam os valores e suas respectivas classes, como veremos a seguir.

1.1.3 - Os sentimentos e os valores

Como vimos na subsecção anterior, a intuição, que apreende os valores, tem carácter emocional, pois ela é determinada pelos sentimentos. Agora, mostraremos que os sentimentos caracterizam e qualificam os valores. Na verdade, os valores mantêm conexões com quatro níveis de sentimentos. Na sua *Ética*, Scheler escreveu sobre esses níveis de sentimentos, nos seguintes termos:

¹⁷ Talvez essa atitude de Scheler não seja tão inédita assim. O filósofo e historiador Giovanni Reale escreveu uma obra sobre a filosofia não-escrita de Platão onde acatou a tese do historiador de filosofia antiga Léon Robin, o qual argumentou em favor do carácter intelectual do Amor platónico e as aproximações estabelecidas pelo filósofo grego entre o Amor, a ordem e a medida. Ver referência bibliográfica, Giovanni Reale, *Para Uma Nova Interpretação de Platão: Releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das 'Doutrinas não-escritas*. Tradução de Marcelo Perine, São Paulo: Loyola, 2004, p. 371.

Para mim [...] a profundidade do sentimento está relacionada a quatro graus [...] : Há: 1º. Sentimentos sensíveis ou sentimentos da sensação [...]; 2º. [...] Sentimentos vitais [...]; 3º. Sentimentos [...] anímicos (sentimentos puros do eu); [...]; 4º. Sentimentos espirituais (sentimentos da pessoa). Todos os sentimentos, em geral, têm uma referência ao eu ou à pessoa. (Scheler, 2001, p.448).

Pelo exposto, podemos constatar que Scheler restringiu os sentimentos humanos a quatro níveis ou graus. Os três primeiros reportam-se aos sentimentos (sensíveis, vitais e anímicos), que correspondem, respectivamente, às três classes de valores, a saber: a classe dos sentimentos sensíveis, a classe dos sentimentos vitais e a classe dos sentimentos anímicos que, segundo o filósofo, localizam-se no campo do eu psíquico, a estrutura humana relacionada à esfera da natureza e da existência. Por outro lado, o quarto nível, o dos sentimentos espirituais, corresponde à classe dos valores espirituais, relacionados à esfera metafísica. Assim, Scheler estabelece a distinção entre os sentimentos que estão na esfera da natureza e aqueles que estão na esfera metafísica ou espiritual. Isto se deve ao fato de que “o pensamento de Scheler move-se sobre a polaridade [...] – essência e existência [...]. Essa polaridade se traduz em espírito e natureza.” (PINTOR RAMOS, 1978, p. 63).

A partir da polaridade estabelecida entre natureza (existência) e espírito (metafísica), podemos compreender porque Scheler separou os sentimentos (sensíveis, vitais e anímicos), relacionados ao âmbito da existência, dos sentimentos espirituais (metafísicos). Sobre isso escreveu Scheler na *Ética*: “O que na minha opinião distingue os sentimentos espirituais dos sentimentos anímicos é primeiramente o fato de que os sentimentos espirituais não constituem estados psicológicos [...]. Estes sentimentos parecem brotar originalmente de estados espirituais. [...]” (SCHELER, 2001, p. 461). Nesse trecho percebemos o reconhecimento da distinção que o filósofo faz entre a esfera da existência e a esfera do espírito, bem como podemos constatar a tese scheleriana de que os estados sentimentais espirituais são distintos dos estados sentimentais anímicos ou psicológicos. No diagrama nº 1, mostado a seguir, apresentamos as relações que Scheler estabeleceu entre as duas esferas do ser (a esfera da existência e a esfera do espírito); os quatro níveis ou graus de sentimentos (sensíveis, vitais, anímicos ou psíquicos e espirituais) e as quatro classes dos valores (sensíveis,

vitais,, anímicos e espirituais)¹⁸. Por estarem vinculadas aos níveis de sentimentos, essas classes de valores receberam denominação idêntica aos sentimentos. Vejamos o diagrama:

DIAGRAMA – 1

ESFERAS DO SER, NÍVEIS DE SENTIMENTOS E CLASSES DE VALORES

ESFERAS DO SER	NÍVEIS DE SENTIMENTOS	CLASSES DE VALORES
Existência→	→ 1º- Sensíveis →	→ Sensíveis
Existência→	→ 2º - Vitais →	→ Vitais
Existência→	→ 3º - Anímicos →	→ Anímicos
Espírito →	→ 4º - Espirituais →	→ Espirituais

Fonte: SCHELER (2001). Elaboração nossa.

Conforme observamos no diagrama acima, a primeira coluna, à esquerda, lista as esferas do ser (existência e espírito), delas partem quatro setas horizontais indicando a relação com os quatro níveis de sentimentos, a saber: os sensíveis, os vitais, os anímicos e os espirituais. Por sua vez, a segunda coluna lista quatro níveis de sentimentos e, dela partem setas horizontais, vinculando-os às quatro classes de valores localizados na terceira coluna, à direita.

Assim, apresentadas as correlações entre as esferas do ser, seus correspondentes níveis de sentimentos e as respectivas classes de valores, mostraremos, na subsecção seguinte, outros dois elementos que compõem a fenomenologia emocional scheleriana, isto é, as concepções de ordem do amor e ordem do coração. Essas duas criações teóricas atribuídas a Santo Agostinho e a Blaise Pascal, respectivamente, foram colhidas e recepcionadas por Scheler, que as integrou à sua fenomenologia emocional dos valores, conforme havíamos relatado no início desse capítulo.

¹⁸ Ao longo desse estudo, veremos que há momentos em que Scheler estabelece a classe dos valores religiosos como um nível acima da classe dos valores espirituais.

1.2 - A ordem do amor e a ordem do coração

Na fenomenologia scheleriana, o amor desempenha papel semelhante à intuição sentimental¹⁹. O amor, assim como a intuição sentimental, é capaz de viabilizar o acesso aos valores. Tal afirmação é corroborada pelo estudioso da obra de Scheler, Ubiratan Macedo, ao afirmar que “o amor desempenha o papel de autêntico descobridor em nossa apreensão do valor [...]” (MACEDO, 1971, 35). Isto significa que, assim como Scheler, Macedo entende que o amor não constitui apenas afeto ou sentimento, mas é um ato espontâneo, que apreende os valores, de modo semelhante à intuição emocional.

A presença do amor, na teoria dos valores de Scheler, deve-se ao estreito contato que o filósofo estabeleceu com dois pensadores cristãos, Santo Agostinho e Blaise Pascal. Esta é também a interpretação do tradutor italiano da *Ética* de Scheler, Giancarlo Caronello²⁰, ao afirmar que na filosofia de Scheler há um certo ‘agostinismo pascalizante’. Neste mesmo sentido, o filósofo Wolfgang Stegmüller assegurou que, dentre os determinantes do pensamento de Scheler, um deles é o cristianismo²¹.

Diante das afirmativas dos comentadores de Scheler, torna-se bastante consolidada a percepção da filiação do pensamento scheleriano às concepções agostinianas e pascalinas. Todavia, para ratificar essa perspectiva, buscamos a exegese de Henrique C. de Lima Vaz, que é a mais explícita no que concerne à filiação da doutrina scheleriana ao pensamento cristão. Eis o que diz Lima Vaz: “A *Ética* de Scheler admite uma abertura para uma forma de metafísica que, na época de sua conversão ao Catolicismo se aproxima de uma metafísica cristã [...]” (VAZ, 2012, p. 432). Seguramente, essa passagem de Lima Vaz vem confirmar a nítida influência do pensamento cristão, especificamente católico, sobre Scheler e, por consequência, sobre a sua fenomenologia emocional dos valores, expressa em sua maior parte, na obra denominada *Ética*.

¹⁹ A intuição sentimental foi a temática de toda subseção 1.1.2 deste capítulo.

²⁰ Ver referência bibliográfica, Giancarlo Caronello, *Max Scheler: A Figura de Cristo: de um Projeto de Filosofia Cristã a uma Soteriologia Gnóstica in: Cristo na Filosofia Contemporânea: volume II: o século XX*, tradução de Benôni Lemos e Patrizia G.E. Colina Bastianetto. São Paulo: Paulus, 2006, p. 169.

²¹ Ver referência bibliográfica, Wolfgang Stegmüller, *A Filosofia Contemporânea: introdução crítica*, tradução de Adauri Fiorotti e Edwino A. Royer, et alii. Rio de Janeiro, Forense, 2012, p. 88.

Assim, confirmada a presença de elementos da doutrina cristã na obra de Scheler, pelo menos em parte dela, podemos então afirmar, com segurança, que uma das primeiras concepções cristãs a repercutir na teoria scheleriana dos valores foi a noção agostiniana do *ordo amoris*.

Segundo Scheler, o *ordo amoris* (ordem do amor) representa a própria hierarquia dos valores, pois ele expressa o nível ou o grau em que as coisas devem ser amadas e, por conseguinte, valorizadas. Na perspectiva do *ordo amoris*, o amor é compreendido como o parâmetro de ordenação, que orienta a atitude moral do homem para preferir o que deve ser amado e preterir o que não deve. O *ordo amoris* tem viés valorativo e deve ser entendido como um guia da vida moral.

O *ordo amoris*, de modo semelhante à intuição emocional, revela a reta ordem dos valores, segundo a qual os valores inferiores não se sobrepõem aos superiores, o que significa dizer que não se deve amar com fruição e prazer aquilo dever ser somente para o uso. A vontade humana reconhece nesta ordem do amor uma correspondente ordem dos valores. Para Scheler, o *ordo amoris* é um instrumento através do qual o homem descobre o princípio da moralidade.

A noção do *ordo amoris* foi tão relevante para Scheler, que ele terminou por escrever um ensaio que recebeu esta mesma denominação e no qual ficou patente a inegável influência de Santo Agostinho. Vejamos um trecho do *Ordo amoris* de Max Scheler:

Na hierarquia particular dos valores e das qualidades axiológicas [...] que representam a vertente objetiva do [...] *ordo amoris*, o homem caminha como num habitáculo, que consigo arrasta para onde quer que vá; não se lhe pode esquivar, por mais depressa que corra. É através das janelas do habitáculo que observa o mundo e a si mesmo. [...] Efetivamente, a estrutura do mundo circundante de cada homem [...] segundo a sua estrutura axiológica – não se desloca, quando o homem muda de lugar no espaço. [...]. As coisas-bens, no meio das quais o homem conduz a sua vida, as coisas práticas – estão já também penetradas e, por assim dizer, vigiadas pelo mecanismo seletivo especial do seu *ordo amoris* [...] que [...] são classes de valor [...] que o atraem segundo regras constantes da preferência (e preterição) de uma perante outra, e o atraem ou repelem em toda parte, onde quer que vá. (Scheler, 2014, pp. 3-4)

Podemos perceber nessa citação que o *ordo amoris* scheleriano constitui uma hierarquia particular de classes de valores que, necessariamente, o homem carrega consigo e da qual ele não pode se esquivar. Mesmo que o mundo circundante altere-se,

a hierarquia de valores, que o *ordo amoris* representa, permanece. Além do mais, pelo fato de ser uma hierarquia, a noção scheleriana de *ordo amoris* permite a identificação dos valores mais altos. Por isso, Scheler vai dizer:

Assim como é peculiar às essências de certas operações do pensamento que geram os seus objetos por uma lei autônoma (por exemplo, da ilação de n para $n+1$), [...] é próprio da essência do ato do amor, que se realiza no que é digno de ser amado, que ele possa progredir de valor para valor, de uma altura para outra altura superior. (Scheler, 2014, p. 17)

Nessa passagem do seu *Ordo Amoris*, Scheler apresenta a fórmula ($n (n+1)$), para representar o efeito do amor no campo dos valores. O amor, de modo semelhante à operação aritmética da adição, leva-nos a progredir de um valor mais baixo (n) para um valor mais alto ($n+1$). Isto significa que alcançamos maior altura na escala dos valores, à proporção que o amor nos encaminha para um valor superior àquele que já possuímos.

Contudo, não devemos esquecer que no início desta secção empregamos a expressão ‘agostinismo pascalizante’. No entanto, até agora, somente discorremos sobre a receptividade de Scheler à noção do *ordo amoris* de Santo Agostinho. Assim, diante de tal constatação, resta-nos falar agora que Scheler também se inspirou nos escritos de Blaise Pascal, principalmente na tese pascalina de que pode haver conhecimento por meio dos atos coração²². O coração, segundo Pascal, representa uma forma de conhecimento que, assim como a razão, possui uma lógica própria, a ‘*logique du coeur*’ ou lógica do coração, capaz de revelar as essências das coisas e os valores.

Scheler entende que a lógica do coração de Pascal é um instrumento para se conhecer o mundo e, nesse sentido, ele escreveu: “[...] amor e razão são a mesma coisa esta é a profunda opinião de Pascal, segundo a qual, só no transcorrer e no processo do amor surgem os objetos que seguidamente julga a razão.” (SCHELER, 2010, p. 12). Dessa citação, depreende-se que, para Scheler, o amor é um ato que acessa o valor do objeto, antes que a razão proceda a intelecção. Acerca desta anterioridade do amor em relação à razão, Scheler vai escrever na sua *Ética*:

[...] nossa atitude originária em face do mundo em geral, não somente em face do mundo exterior, mas igualmente em face do mundo interno

²² Ver referência bibliográfica, Blaise Pascal, *Pensamentos*, tradução de Sérgio Miliet. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973, p. 111.

[...] nunca é exatamente uma atitude “representativa”, uma atitude de percepção, mas é [...] uma atitude emocional apreensora de valores. (Scheler, 2001, p. 287)

Nessa citação, Scheler assevera que as vias de conhecimento não se restringem ao racional e ao sensitivo. Em outras palavras, o filósofo pretende elevar o emocional ao mesmo nível do racional para poder dizer então, junto com Pascal, que existe uma lógica do coração e que o coração tem razões que a razão desconhece. Scheler, do mesmo modo que Pascal, propõe um tipo de experiência sentimental, um tipo de percepção do mundo, uma lógica do coração, capaz de revelar as essências das coisas.

Como afirma Scheler na passagem supramencionada, a atitude original do homem diante do mundo é primitivamente uma atitude emocional, voltada para a apreensão dos valores. Entendemos que é nesse sentido que Scheler acolhe a lógica do coração de que falou Pascal, ou seja, o homem antes de ser um pensador, ele é um ser que ama.

O estudioso da obra de Scheler, Ubiratan Macedo, confirma a perspectiva do coração como forma de conhecimento, ao elucidar a supremacia da natureza sentimental em relação à dimensão da razão, no âmbito da teoria dos valores. Diz Macedo: “Se o valor fosse conhecido intelectualmente [...]. bastaria ‘demonstrar’ o valor do Sagrado para o ateu, ou valor do Bem para o delinquente”. (MACEDO, 1971, p.36). A assertiva de Macedo corrobora a tese scheleriana de que os valores são intuídos de forma emocional, pois, caso contrário, o ateu se converteria simplesmente pelo ‘conhecimento’ do valor do sagrado e, isto, na verdade, não acontece.

O próprio Scheler é muito claro ao dizer no seu *Ordo Amoris* que “[...] o amor é a tendência [...] o ato que procura encaminhar cada coisa na direção da perfeição de valor que lhe é peculiar [...]” (SCHELER, 2014, p. 13). Na verdade, essa assertiva ratifica o significado do amor como ato direcionado para o valor, bem como, para uma atitude moral, que visa a perfeição e o bem, o valor hierarquicamente mais alto.

Assim, em consonância com o exposto, entendemos ser indubitável o fato de que Scheler estabeleceu o amor e o coração como atos fundamentais da sua fenomenologia emocional dos valores, considerando que ele incorporou à sua teoria as concepções da ordem do amor, de Santo Agostinho, e da ordem do coração, de Pascal.

Ancorado nessas duas concepções, Scheler ficou embasado para preceituar que, se o homem ficar limitado à dimensão do intelecto, conseqüentemente, ficará destituído

de toda a consciência dos valores. Contudo, resta-nos dizer que o ato de amor que apreende os valores tem como executor exclusivo a pessoa scheleriana. A pessoa e o amor vão constituir os dois conceitos centrais para a apreensão dos valores e, por isso, constituem o tema sobre o qual vamos discorrer a seguir.

1.2.1 - A pessoa e o ato de amor que apreende os valores

A determinação de Scheler em dar primazia à noção de amor denota a clara influência de Santo Agostinho. Por sua vez, atribuir ao amor a capacidade de apreender valores configura a ascendência das noções pascalinas da ordem e da lógica do coração, conforme relatamos anteriormente, na secção 1.2.

Nesse contexto, estão os conceitos de pessoa e amor, pois, de acordo com Scheler, a pessoa é o ente espiritual, que realiza o ato de amor dirigido para os valores. A pessoa scheleriana executa atos e intenciona os valores, porque é dotada de espírito, o princípio que diferencia o homem dos outros viventes. Segundo Scheler, o espírito é uma estrutura que vai além do psiquismo animal, portanto está fora do âmbito do orgânico e do natural²³. Segundo Scheler, a diferença entre o homem e o animal reside no fato de que somente o homem tem espírito.

A determinação fundamental do espírito é a sua autonomia diante dos impulsos vitais. O espírito é capaz de promover uma repressão aos impulsos vitais na forma de uma ascese, como disciplina e autocontrole, que tornam o homem mais livre e mais autônomo em relação ao meio natural. O espírito é, em última linha, o princípio que, segundo Scheler, os gregos chamaram de ‘razão’, mas para o qual ele atribuiu outra denominação mais abrangente, ou seja, ‘espírito’. A justificativa para tal denominação está assinalada na obra *A Posição do Homem no Cosmos*, na qual Scheler escreveu:

Nós preferimos usar uma palavra mais abrangente [...] uma palavra que certamente abarca concomitantemente o conceito de ‘razão’, mas que, ao lado do ‘pensamento das ideias’, também abarca concomitantemente um determinado tipo de ‘intuição’, a intuição dos fenômenos originários ou dos conteúdos essenciais, e, mais além, uma determinada classe de atos volitivos e emocionais tais como a bondade, o amor, o remorso, a veneração, a ferida espiritual, a bem-

²³ Ver subsecção 1.1.3 deste capítulo, na qual abordamos a distinção que Scheler estabeleceu entre a esfera da natureza e a esfera espiritual.

aventura e o desespero, a decisão livre: a palavra ‘espírito’.
(Scheler, 2003, p. 35)

Como afirma Scheler nesse trecho, a noção de espírito inclui a razão, porém abrange também a intuição das essências e os atos de natureza emocional e volitiva, tais como: o amor, a bondade, a veneração, etc. O espírito realiza os atos emocionais e volitivos, porque é dotado de poder de ideação, que o capacita a fazer a redução fenomenológica e a intuição eidética²⁴. Estas, por sua vez, apreendem os conteúdos essenciais e os valores.

Dentre as características do espírito, sobressai-se a sua condição de não poder ser objetivado, pois o espírito não é um objeto, ele é o realizador de atos *stricto sensu*. O espírito tem o seu ser na livre realização de atos concretizados, através da pessoa espiritual. Para Scheler: “[...] a ‘pessoa’ espiritual do homem não é uma coisa substancial nem um ser com forma de objeto. [...] pessoa é uma estrutura monarquicamente ordenada de atos espirituais [...], uma autoconcentração única e individual deste espírito [...]” (SCHELER, 1986, p. 17). Sob tal aspecto, espírito e pessoa não são objetiváveis, nem coisificados, pois ambos representam uma estrutura ordenadora de atos.

A pessoa é uma disposição ordenada de atos espirituais, que constantemente realizam-se no mundo. A pessoa é o espírito no âmbito da finitude, com nítida distinção em relação a todos os centros funcionais orgânicos, considerados introspectivamente e comumente designados como psíquicos²⁵. A pessoa não se encontra formada ou imposta no homem pelo espírito. A pessoa é desvelada sucessivamente na autoexperiência das ações humanas.

Em síntese, pode-se afirmar que a ideia scheleriana de pessoa funda-se na capacidade humana de executar atos que expressam traços peculiares. Nessa perspectiva, pode-se dizer que não há duas pessoas que executem um mesmo ato de forma idêntica. Isto significa dizer que, não obstante o ser humano ter à sua disposição os mesmos tipos de atos (pensar, querer, lembrar, amar, odiar, valorizar, etc.), cada pessoa os realiza de uma maneira peculiar.

²⁴ A redução fenomenológica e a intuição eidética foram assuntos abordados nas subsecções 1.1 e 1.1.1, deste capítulo, respectivamente.

²⁵ A distinção scheleriana entre esfera espiritual e esfera da natureza foi abordada na subsecção 1.1.4, deste capítulo.

Dentre os atos da pessoa scheleriana, o de maior repercussão na fenomenologia emocional é aquele por meio do qual ela apreende os valores que estão em outrem, isto é, o ato de amar²⁶.

O amor pode se dirigir às coisas e pessoas, porém, quando ele tem como alvo a pessoa, revela-se de modo pleno, descobrindo os valores que se fazem presentes na pessoa amada. Para Scheler, “o valor supremo (em sentido formal) não é um valor de coisa, nem um valor de estado, nem um valor de lei, mas um valor de pessoa.” (SCHELER, 2001, p. 732). Essa assertiva de Scheler acena para a possibilidade de podermos apreender os valores a partir dos modelos de pessoas valiosas.

Admitida essa perspectiva, não mais haverá a necessidade da consciência ou ego transcendental husserliano²⁷, que apreende as essências. Na fenomenologia de Scheler, os valores são apreendidos pela pessoa comum, dotada de espírito, o sujeito individual concreto. A pessoa comum, ao amar o seu modelo valioso, vai também apreender os valores portados pelas pessoas-modelos, consideradas protótipos valiosos.

Do ponto de vista filosófico, esta relação entre a pessoa que apreende valores, e os modelos que os portam, é uma relação ontológica²⁸. Tal relação ocorre através do ato de amor de um ser para com outro²⁹, ou seja, a pessoa ama o seu modelo valioso. Nesse sentido, na fenomenologia emocional scheleriana, o amor é concebido como o ato primeiro, que anuncia o conhecimento dos valores que estão no modelo. Essa apreensão de valores, por intermédio de uma relação ontológica, torna evidente a presença da metafísica scheleriana, que mencionamos ao iniciarmos o capítulo.

²⁶ A atitude fenomenológica scheleriana, que apreende valores, é uma sintonia amorosa. Ver referência bibliográfica, Frederic Vandenberghe, *A Fenomenologia como Escada para o Céu in: a modernidade como desafio teórico: ensaios sobre o pensamento social alemão*, tradução do inglês Luis Marcos Sander. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 93.

²⁷ A consciência ou ego transcendental é a própria subjetividade após sua submissão ao procedimento da *epoché* ou redução fenomenológica. A consciência transcendental é uma espécie de eu residual, um cogitante puro. Ver referência bibliográfica, Xavier Zubiri, *Cinco Lições de Filosofia*, tradução de Antônio Fernando Borges, São Paulo: É Realizações, 2009, p. 215.

²⁸ A relação ontológica scheleriana é uma relação de participação de um ente em outro. No caso a relação é entre pessoas. Na relação ontológica o fator que determina o impulso para a realização dos atos que levam à participação, ou seja, o ato de tomar parte e transcender a si próprio, Scheler denomina de ‘amor’. Ver referência bibliográfica, Max Scheler, *Visão Filosófica do Mundo*, tradução de Regina Winberg, São Paulo: Perspectiva, 1986, pp. 49-50.

²⁹ A relação de amor e de participação de um ser em outro é a expressão resumida da teoria do conhecimento de Max Scheler. Ver referência bibliográfica, Max Scheler, *Visão Filosófica do Mundo*, tradução de Regina Winberg, São Paulo: Perspectiva, 1986, pp. 49-50.

Assim, estabelecida a centralidade das noções de pessoa e do amor no processo de apreensão dos valores, que estão nas pessoas-modelos, iremos na subsecção seguinte, apresentar esse processo genuinamente scheleriano. Tal processo é uma relação interpessoal, na qual uma pessoa (o seguidor) apreende os valores que são portados por outros indivíduos, considerados modelos ou protótipos. Scheler nomeou esta relação ‘seguimento ao modelo’, como veremos a seguir.

1.3 - A apreensão dos valores que estão nos modelos pessoais: o seguimento

Na secção 1.1, destacamos a influência de Husserl na fenomenologia de Scheler. Por sua vez, na secção 1.2, analisamos a influência de Santo Agostinho e de Blaise Pascal, através da ordem do amor e do coração, respectivamente. Nesta secção, analisaremos a relação estabelecida entre a pessoa seguidora e a pessoa modelo, ou seja, o ‘seguimento ao modelo’.

Segundo Scheler, o seguimento pode ser compreendido como “relação vivida entre uma pessoa e o conteúdo de valor arraigado na personalidade do modelo [...]” (SCHELER, 2001, p.734). Para o filósofo, isto é possível porque “o modelo, no sentido próprio, implica uma ideia de valor.” (SCHELER, 1998, p. 25). Segundo Scheler, o modelo já suscita em si a ideia de valor e, dessa forma, quando se estabelece a relação entre seguidor e modelo, estabelece-se também uma relação entre a pessoa seguidora e os valores da pessoa-modelo.

Pelo fato de ser uma apreensão de valores, o seguimento ao modelo não constitui uma simples cópia das ações e gestos realizados pelo protótipo. O seguimento ao modelo é uma vinculação de caráter amoroso entre pessoas, não constituindo um contrato entre partes. O seguimento à pessoa-modelo põe ante os olhos do seguidor a própria essência valiosa do modelo e, nesse sentido, viabiliza a apreensão de valores por parte do seguidor.

O seguimento ou amor à pessoa-modelo traz para o seguidor a convicção de estar diante de um tipo perfeito, que deve ser imitado e amado. Com efeito, a partir dessa relação de amor, abre-se uma via para a atuação da força dos valores do modelo sobre o seguidor. Sobre esta ascensão ou supremacia do modelo sobre o seguidor, Scheler escreveu o seguinte parágrafo no ensaio *Modelos & Líderes*:

Os modelos atuando [...] sobre nossa consciência dos valores [...] determinam nosso próprio caráter moral. Já moldaram o centro da pessoa bem antes que essa tomasse qualquer decisão. [...] Afeiçãoando-nos a eles, com eles ficamos parecidos em nosso próprio ser. (Scheler, 1998, p. 38).

A partir do trecho citado, podemos concluir que os modelos podem determinar o caráter do seguidor, pois, além da propriedade de transmigrar valores, os modelos têm a capacidade de moldar a personalidade do seguidor, no sentido de provocar uma parecença entre o modelo e o seguidor.

O modelo, ou pessoa valiosa, atua como força de influência sobre os indivíduos, no sentido de orientá-los para os valores, principalmente o valor do bem. De acordo com Scheler, quando nos afeiçãoamos aos modelos, “com eles ficamos parecidos em nosso próprio ser.” (SCHELER, 1998, p. 38). Nesse sentido, pode-se afirmar que o modelo valioso é um instrumento de disseminação de valores.

O seguimento ao modelo relaciona-se à busca do aprimoramento moral que o seguidor procura alcançar. O seguidor predispõe-se, desde o princípio, às condições que o modelo e seus valores lhe impõem. Ademais, o seguidor esforça-se para que valores semelhantes àqueles portados pelo modelo reproduzam-se na sua pessoa.

Diante dessa nova perspectiva, os valores que Scheler descobrira através do ato do sentir intencional³⁰ não serão considerados uma prerrogativa ou privilégio do filósofo; agora, na perspectiva da relação amorosa entre pessoas comuns, os valores serão considerados como parte do estoque do conhecimento de qualquer indivíduo. Os valores, que eram intuídos com exclusividade apenas pelo fenomenólogo, vão ressurgir no cotidiano das pessoas, através dos modelos portadores de valores, capazes de estruturar, espontaneamente, as experiências morais das pessoas.

Contudo, cabe salientar que a relação de seguimento não requer a presença física do modelo. Tal relação, inclusive, independe do espaço e do tempo; ela apenas exige a presença do valor no modelo. Os seguidores apreendem os valores pelo amor que têm pelo modelo, independentemente da presença física dele e das coordenadas do espaço e do tempo nas quais esse modelo está inserido.

Para esclarecer este ponto, é necessário mencionar que o modelo apresenta duas nuances importantes: o aspecto ideal e o empírico. O aspecto ideal do modelo permite

³⁰ Abordamos o tema do sentir intencional ou perceber sentimental na subsecção 1.1.3 deste capítulo.

que ele seja concebido como um protótipo idealizado, como por exemplo, uma personagem criada por um poeta, assim como o Fausto, de Goethe, ou o Hamlet, de Shakespeare. Por outro lado, o modelo pode também ter o aspecto empírico ou concreto, isto é, ele pode ser real, como, por exemplo, Sócrates, César, Jesus, dentre outros.

Tanto o aspecto ideal, quanto o empírico, contribuem para a efetividade do modelo e para a sua capacidade de propagar valores. Com efeito, os modelos-tipos mais importantes são aqueles que estão em consonância com as classes de valores estabelecidas por Scheler, como veremos na subsecção seguinte.

1.3.1 - As classes de valores e seus respectivos modelos pessoais: os tipos

Examinamos, na secção anterior, a apreensão dos valores que estão nos modelos. Agora, mostraremos que a modelização ou tipologia scheleriana é uma hierarquia de pessoas axiológicas, criada por Scheler em função da sua concepção acerca dos valores. Sobre a vinculação entre os valores e os modelos-tipos, Scheler escreveu na sua *Ética*:

Esses tipos puros de pessoas, com validade geral, resultam da vinculação da ideia de pessoa valiosa [...] com a hierarquia das modalidades dos valores. [...] o valor constitui a unidade do tipo, por conseguinte, não é simples nota ou propriedade de pessoas. (Scheler, 2001, pp. 746-747).

A partir da citação, constata-se que Scheler estabeleceu um paralelismo entre os valores e os modelos-tipos. Ademais, Scheler afirma que “existem tantos modelos-tipos quantos valores fundamentais [...]” (SCHELER, 1998, pp. 39-40). Tal assertiva significa a afirmação de que os modelos-tipos estão fundamentados nas modalidades de valores³¹, também denominadas classes de valores ou classes axiológicas. Por consequência, os modelos tipos estão relacionados aos valores que compõem as classes axiológicas. Scheler organizou os modelos-tipos em função das classes ou categorias de valores e dos próprios valores que as compõem. Por conseguinte, da classe dos valores religiosos proveio o modelo-tipo do santo; da classe dos valores espirituais emergiu o

³¹ Modalidades de valores significam o mesmo que classes de valores; tema que foi introduzido na subsecção 1.1.3 deste capítulo, e que será retomado no segundo capítulo, quando estudarmos os contornos gerais que subsidiam a noção scheleriana de valor.

modelo-tipo do gênio; da classe dos valores vitais surgiu o modelo-tipo do herói; da classe dos valores de utilidade proveio o modelo-tipo do pioneiro e, por último, da classe dos valores sensíveis, surgiu o modelo-tipo do artista, imerso na arte do desfrute da vida. Nesse sentido, elaboramos o diagrama nº 2, abaixo, no qual mostramos essas relações.

DIAGRAMA – 2

A RELAÇÃO ENTRE CLASSES AXIOLÓGICAS, VALORES PROEMINENTES E MODELOS-TIPOS

CLASSES AXIOLÓGICAS	VALORES PROEMINENTES	MODELOS-TIPOS
1º- Religiosos →	Santidade, pureza, amor →	→ O santo
2º- Espirituais →	Justiça, cosmovisão →	→ O gênio
3º - Vitais →	Vigor, resistência →	→ O herói
4º- Úteis →	Utilidade, proeza →	→ O pioneiro
5º- Sensíveis →	Prazer, agradável →	→ O artista do prazer

Fonte: SCHELER (2001). Elaboração nossa.

Iniciamos o nosso comentário sobre o diagrama nº 2 pela classe axiológica que comporta os valores mais altos, que é a classe dos valores religiosos. Nessa categoria, encontramos, dentre outros, os valores da santidade, da pureza e do amor. Essa classe está relacionada ao modelo-tipo do santo. Scheler faz menção às propriedades do modelo-tipo do santo dizendo que “as pessoas que na comunidade [...] se modelaram por ele [...] adotaram algum traço característico de sua rica personalidade: pureza, amor, santificação pessoal, [...]” (SCHELER, 1998, p. 53). Segundo essa proposição scheleriana, o modelo-tipo do santo apresenta valores como santidade, pureza e amor, dentre outros. A pessoa que se identifica com os valores do santo atinge o grau superior da existência humana, desenvolvendo suas virtudes no grau máximo, redescobindo a profundidade de seu valor humano. Segundo Scheler, o valor pessoal do santo é o ápice de todos os outros valores. Um exemplo concreto do santo foi Aurélio Agostinho, bispo de Hipona, que muito inspirou a filosofia de Scheler.

A segunda classe axiológica do nosso diagrama é a dos valores espirituais, de onde emerge o modelo-tipo do gênio. No gênio são encontrados valores espirituais como justiça, cosmovisão, dentre outros. Scheler escreveu que “o gênio, [...] é alguém que cria uma obra modelo sem ater-se às regras. Na verdade, os conceitos de regras e formas de estilo são abstraídos das obras que o gênio criou.” (SCHELER, 1961, p. 74). Para Scheler, a obra do gênio é também um modelo a partir do qual derivam ideias e regras. Ademais, o gênio não está condicionado pelo lugar em que vive, pois o valor da sua cosmovisão faz com que a sua obra abranja todo o mundo. A partir da obra do gênio, é possível extrair-se conhecimentos de caráter universal, pois o gênio representa o modelo-tipo do cosmopolita, cidadão do mundo.

O modelo-tipo do gênio apresenta-se sob a forma de três configurações: A primeira é a do artista, a segunda é a do filósofo ou sábio e a terceira é a do legislador. Acerca dos exemplos concretos de gênios da humanidade, Scheler escreveu: “quem não vai querer admirar, apreciar e honrar simultaneamente gênios como Dante, Goethe, Homero, Sófocles, Shakespeare, Cervantes, Platão, Aristóteles, Descartes, Leibniz, Kant.” (Scheler, 1998, p. 61).

A terceira classe axiológica é a dos valores vitais, onde podemos encontrar valores como o vigor e a nobreza. Nessa classe, localiza-se o modelo-tipo do herói. Scheler referiu-se ao herói ao escrever: “Afinal, o que vem a ser o herói ? O herói é aquele tipo ideal de pessoa humana [...] que no íntimo do próprio ser, entrega-se ao que é nobre e à realização do nobre, um tipo que se compromete com os valores vitais puros [...]. (SCHELER 1998, p. 126).

Scheler caracterizou o herói como o modelo-tipo que tem domínio de si mesmo, frente às adversidades do mundo. Um tipo que detém a capacidade de resistência às oposições. O herói é uma pessoa que enxerga o mundo, prioritariamente, como objeto de resistência e, para vencer tal resistência, ele lança mão de seus valores fundamentais, isto é: vigor, força, perseverança, domínio sobre as paixões, dentre outros. O herói reúne um conjunto de valores reconhecidos que, a partir da sua pessoa, são colocados à disposição das futuras gerações. Do ponto de vista concreto, o herói pode ser o estadista, o militar, dentre outros. O modelo-tipo do herói pode ser identificado em figuras como Alexandre e César, por exemplo.

A quarta classe axiológica reporta-se aos valores de utilidade, cujo modelo-tipo é o pioneiro, o condutor do progresso da civilização. Scheler escreveu poucas linhas sobre ele, todavia, o classificou como o investigador, o técnico, o condutor econômico.

O protótipo do pioneiro está relacionado aos valores de utilidade e sua maior característica está na execução de atos que visam o progresso da civilização. Scheler assinala que esse modelo-tipo, efetivamente, aspira ao progresso. O pioneiro da civilização pode ser melhor compreendido a partir da leitura do seguinte parágrafo de Scheler, encontrado na sua obra denominada *El Santo, El Genio, El Heroe*. Diz Scheler:

[...] o pioneiro da civilização [...] é valioso [...] por suas ações e sua proeza. O que ele sempre faz é continuar um processo que já existia em determinadas direções ou então desviar estes rumos; antes de qualquer coisa, ele está a serviço daquilo que chamamos 'progresso', dos valores que não são 'eternos', que não podem elevar-se como os valores espirituais [...]. (Scheler, 1961, p. 97)

Do trecho supramencionado, depreendemos que o modelo-tipo do pioneiro está relacionado ao progresso, através do desenvolvimento técnico-científico. Ele é um protótipo que se refere aos valores técnicos de utilidade, os quais Scheler dispõe em um patamar inferior aos valores espirituais e vitais. Segundo Scheler, este modelo-tipo tem uma esfera de atuação internacional, haja vista a direção de seu trabalho em prol da sociedade mundial. Nos tempos atuais, o pioneiro condutor do progresso pode ser exemplificado pela figura de Bill Gates, o fundador de uma das mais importantes empresas produtoras de softwares. Ele é considerado um pioneiro do progresso tecnológico, no âmbito das linguagens computacionais.

Por último, temos a quinta classe de valores, que é a classe dos valores sensíveis, a partir da qual emerge o modelo-tipo do artista do desfrute ou artista do prazer. Este protótipo ocupa o mais baixo grau entre os modelos de valor e tem como fundamento o valor fundado no sentimento do prazer. O artista do desfrute não se confunde com o artista genial (o gênio,) que tem como fundamento os valores espirituais. Scheler exemplificou o artista do prazer na pessoa do filósofo Aristipo de Cirene, discípulo de Sócrates, que defendeu uma doutrina baseada no hedonismo, na qual o prazer constitui o valor fundamental da vida do homem.

Contudo, não obstante as caracterizações dos modelos-tipos em função das classes axiológicas e seus valores mais proeminentes, é importante assinalar que, no plano concreto das nossas vivências, os modelos podem apresentar-se como protótipos mistos. Neste sentido Scheler escreveu: “Os [...] homens, tais como existiram na história são muitas vezes figuras mistas.” (SCHELER, 1998, p.26). A partir da assertiva de Scheler, conclui-se que há modelos mistos, dotados de valores concernentes às diversas classes axiológicas.

Nesse mesmo diapasão, podemos encontrar, no dia a dia, uma variedade de modelos, portadores dos mais diversos valores, como por exemplo, modelos pertinentes a uma profissão, modelos masculinos, femininos, etc. Podemos encontrar modelos mistos na figura de nossos pais, professores e antepassados. Contudo, apesar da heterogeneidade dos modelos, o mais importante é apreendemos os valores através desses protótipos.

Assim, diante do exposto, percebemos que a tipologia dos modelos schelerianos caracteriza-se como um rol de valores à disposição de qualquer pessoa. Do erudito ao iletrado, todos são capazes de apreender os valores mediante o ato de amor ou seguimento ao modelo. Esses protótipos ou modelos podem ser facilmente compreendidos com base na distinção que o senso comum estabelece entre os valores do bem e do mal. Os modelos-tipos inspirados em valores constituem um patrimônio civilizacional, no qual cada indivíduo pode buscar a inspiração que o habilite a agir com base em valores, independentemente das convenções que imperem em determinada época ou meio social.

Em síntese, pode-se afirmar que, ao se desviar da perspectiva husserliana e incorporar à sua filosofia as noções de ordem do amor de Santo Agostinho e ordem do coração de Blaise Pascal, Scheler terminou por construir uma fenomenologia emocional de caráter amoroso, bem como conectou diretamente a sua teoria dos valores a uma tipologia de pessoas modelos dotadas de valores.

1.4 - Conclusão do primeiro capítulo

Na primeira parte deste capítulo, apresentamos a fenomenologia criada por Husserl e que, de maneira peculiar, foi apropriada por Max Scheler. Destacamos um de seus elementos fundamentais, que é a técnica da redução fenomenológica ou *epoché*.

Posteriormente, fizemos uma abordagem do saber das essências, que tem como principal característica a intuição eidética, capaz de revelar as essências das coisas, independentemente de todo conteúdo sensório. A seguir, discorremos sobre intuição fenomenológica ou intuição emocional, o procedimento que abre o caminho para chegar-se até os valores. No final da primeira parte, discorremos sobre a relação entre os sentimentos humanos e os valores.

Na segunda parte, abordamos o papel de duas concepções que Scheler recepcionou na sua fenomenologia emocional dos valores: a ordem do amor e a ordem do coração, noções colhidas nas obras de Santo Agostinho e Blaise Pascal, respectivamente. Com base nessas duas concepções cristãs, inferimos que o sentimento do amor, de modo semelhante à intuição emocional fenomenológica, também apreende os valores. Prosseguindo, apresentamos a temática da pessoa espiritual que intui os valores.

Na terceira e última parte do capítulo, mostramos que Scheler, ao substituir o procedimento *noético-noemático* husserliano pelo princípio ontológico, fundado na relação de amor entre os entes, construiu um novo mecanismo de apreensão de valores, através do qual a pessoa apreende o valor portado pelo indivíduo-modelo. Também examinamos o conceito de seguimento aos modelos valiosos e fizemos um relato de todos os modelos-tipos, relacionando-os às classes de valores.

Dando prosseguimento ao nosso estudo, no capítulo seguinte, vamos mostrar a configuração dos valores schelerianos, relatando os contornos preliminares que contribuem para a compreensão do que Scheler determinou como sendo o valor, visto que ele não elaborou uma definição conceitual.

Apresentaremos os aspectos principais dos valores, a saber: objetividade, materialidade, hierarquia e modalidades (classes axiológicas). Também analisaremos os critérios de determinação da altura hierárquica dos valores e trataremos, de maneira pormenorizada, as modalidades de valores, considerada a mais importante classificação scheleriana. Por último, vamos discorrer sobre a hierarquia do valor da pessoa, hierarquia do valor do ato e hierarquia do valor da ação humana.

2 - O VALOR SEGUNDO A CONCEPÇÃO SCHELERIANA

No primeiro capítulo deste estudo, mostramos como Scheler construiu uma fenomenologia emocional, que culminou na formulação da sua teoria dos valores. Vimos que Scheler elaborou um método de apreensão dos valores, baseado na intuição sentimental e na concepção de amor. Segundo Scheler, a intencionalidade emocional, o amor e o seguimento aos modelos valiosos são os elementos que nos permitem perceber os valores. É nesse sentido, que podemos dizer que Scheler construiu o caminho que leva à apreensão dos valores.

Percorrido esse caminho, podemos agora compreender o que são os valores, o que é não uma tarefa fácil, considerando a variedade de intuições que encontramos na filosofia de Scheler.

Diante do caráter assistemático da filosofia scheleriana, como assinalamos na seção introdutória deste estudo, ficamos embasados para justificar o fato de que Scheler não estabeleceu um conceito sobre o que é o valor, mesmo tendo elaborado uma teoria sobre essa essência.

Assim sendo, neste segundo capítulo, na falta de uma conceituação, apresentaremos a noção do que é o valor, com base em descrições elaboradas por Scheler. Essas descrições nos permitirão traçar alguns contornos preliminares, bem como mostrar aspectos, critérios, classificações e hierarquias, compondo um quadro sinótico, capaz de revelar o que é o valor.

Com o intuito de facilitar o desenvolvimento do tema, dividimos este segundo capítulo em cinco partes. Na seção 2.1, apresentaremos os contornos preliminares sobre o valor. Em 2.2, mostraremos seis aspectos fundamentais para a noção do valor. Em 2.3, analisaremos os cinco critérios de determinação da altura dos valores, a saber: a duração, divisibilidade, fundamentação, satisfação e relatividade. Em 2.4, trataremos da grande classificação scheleriana, isto é, as quatro modalidades de valores. Em 2.5, mostraremos a hierarquia do valor da pessoa, a hierarquia do valor do ato e a hierarquia do valor da ação humana. Na seção 2.6, concluiremos este segundo capítulo.

2.1 - Contornos preliminares sobre a noção do valor

Sempre voltado para novas perspectivas e reflexões, Scheler não se preocupou em dar um fechamento sistemático à sua obra e, nesse sentido, apesar de construir uma teoria sobre os valores, não chegou a conceituar essa essência¹. Todavia, nosso filósofo disse o que o valor não é, como bem explica Wojtyła:

[...] Scheler não nos dá nenhuma definição de valor. Precisa, isto sim, o que não é – e não o que é o valor. O valor não é um atributo da coisa em sentido físico, não é uma potência ou disposição visível da coisa nem uma propriedade oculta. Tais características o reconduziriam à estrutura física ou ‘coisística’ do objeto. O valor [...] se dá [...] na percepção afetiva intencional, isto é, no conhecimento intuitivo emocional. Scheler sustenta que, em um conhecimento deste tipo, os valores se manifestam segundo sua essência peculiar. (Wojtyła, 1993, p. 20)

Como esclarece Wojtyła nessa passagem, Scheler não define o que é o valor, mas determina o que o valor não é. Com base nessa afirmativa de Wojtyła, podemos dizer que o valor não é coisa, nem atributo de algo, em sentido físico ou visível. O mais próximo de um conceito sobre o valor é a afirmativa de Scheler, em uma passagem da sua *Ética*, na qual ele faz a seguinte afirmação:

[...] existem autênticas e verdadeiras qualidades de valor que representam um domínio próprio de objetos, que têm particulares relações e conexões [...] independentes da existência do mundo de bens onde eles se manifestam, e também independentes das modificações e do movimento que esse mundo de bens possa sofrer através da história [...]. (Scheler, 2001, p. 60)

Percebemos, nessa assertiva, que Scheler não conceitua o valor, mas afirma a existência de ‘qualidades’ de valor, qualidades restritas a um domínio próprio, capazes de estabelecerem relações e conexões entre si, independentemente do mundo dos bens mundanos e das transformações históricas. Pelo fato de serem independentes dos bens mundanos, pode-se dizer que essas qualidades de valor não têm um ser em si, mas têm o ser *in alio* (em outro). Para fazerem parte da realidade do mundo, os valores precisam ser incorporados aos atos das pessoas e às coisas. É nesse sentido, segundo Scheler, que

¹ Ver subsecção 1.1.1 do primeiro capítulo.

os valores adjetivam pessoas e coisas, sendo, dessa forma, considerados, qualidades valorativas.

Como afirmamos na introdução dessa secção, Scheler relatou o que o valor não é. O filósofo afirmou que o valor não se confunde com o dever² e muito menos com o prazer³. Ademais, Scheler afirmou que a noção do valor não pode estar fundada sobre concepções hedonistas.

Segundo Scheler, o valor não se confunde com o dever, porém o valor constitui a base do dever. Isto ocorre porque, segundo o filósofo, há dois tipos de dever: o dever ideal (ou *possível* dever) e o dever normativo (ou *obrigação*). Todavia, cumpre salientar que o dever ideal se converte em dever normativo apenas “quando seu conteúdo é vivido [...]” (SCHELER, 2001, p. 304). Pode-se depreender dessa assertiva de Scheler que para o dever constituir-se em obrigação é necessário que esteja fundado em valores vividos e realizados pelas pessoas, no mundo. Ser bom, por exemplo, é um dever ideal, que se torna dever obrigacional quando a experiência do valor bom é vivida por alguém. Segundo Scheler, a presença do valor na vivência do ser humano é que torna o dever ideal uma obrigação ou norma. Todavia, valor e dever são elementos distintos.

Assim como não se confunde com o dever, o valor também não se confunde com o prazer. Nesse sentido, Scheler escreveu: “Rompamos, pois, de uma vez para sempre com a hipótese [...] segundo a qual o homem tende originariamente para o prazer.” (SCHELER, 2001, p.85). De acordo com Scheler, sempre que o homem, diante do infortúnio, tende aos prazeres, ele passa a viver uma vida decadente. Nesse sentido, nosso filósofo vai afirmar:

O principal infortúnio dos homens [...] há de ser o hedonismo [...]. Sempre que o homem se encontra insatisfeito em um estrato mais central e profundo de seu ser, sua tendência coloca-se na postura de substituir esse estado de desgosto por uma orientação para o prazer, o estrato mais periférico, o estado dos sentimentos mais facilmente provocados. A intenção apelativa ao prazer é em si mesma um signo de infortúnio (desespero) ou segundo determinados casos, de uma infelicidade ou miséria íntimas, de uma tristeza ou descontentamento

² A relação entre valor e dever será examinada mais detidamente no terceiro capítulo, quando formos abordar a crítica de Scheler ao formalismo da ética kantiana.

³ Segundo Scheler, Kant admitia a hipótese de que o homem tende originariamente para o prazer. Ver Max Scheler, *Ética: Nuevo ensayo de fundamentación de um personalismo ético*, tradução de Hilário Rodríguez Sanz. Madrid: Caparrós Editores, 2001, p. 85.

interiores, ou de um sentimento vital que indica a direção de decadência da vida. (Scheler, 2001, p. 466)

Podemos perceber, nessa passagem, que Scheler considera o hedonismo um verdadeiro infortúnio. Para o filósofo, o homem que está insatisfeito em seu íntimo tende em direção ao prazer mais periférico, no nível dos sentimentos sensíveis. Para Scheler, isto é sintoma de desespero, ou mesmo o sinal de uma vida em decadência. Dessa forma, a noção de valor não pode se firmar com base no hedonismo.

Diante do exposto, percebemos que o conhecimento do que não é o valor constitui o primeiro delineamento para uma noção sobre o que o valor é. Por outro lado, a perspectiva scheleriana dos valores como qualidades *sui generis* também contribui para a fixação de uma noção sobre essas essências, haja vista o filósofo não ter elaborado uma conceituação para os valores. Assim, dando prosseguimento ao nosso estudo sobre a noção scheleriana do valor, apresentaremos, na subsecção seguinte, seis aspectos fundamentais, que nos aproximarão cada vez mais dessa noção.

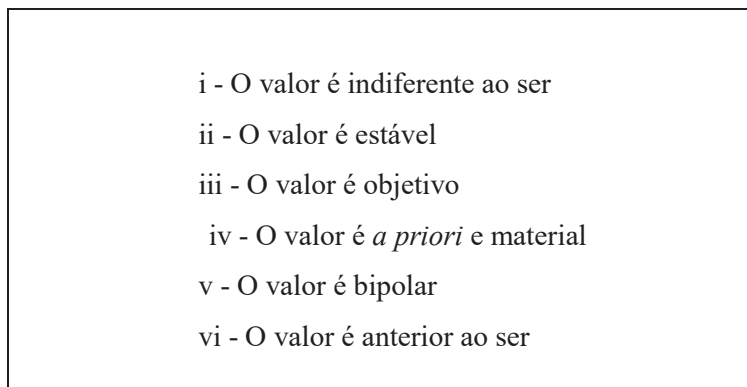
2.2 - Aspectos fundamentais para a noção do valor

Como vimos na secção anterior, segundo a concepção de Max Scheler, o valor não é coisa, nem atributo de algo, em sentido físico ou visível e nem se confunde com o dever. Destacamos também que a noção de valor não pode ser estabelecida sobre concepções hedonistas. Assim, ciente do que o valor não é, podemos agora nos debruçar sobre a tarefa de mostrar o que é o valor. Nesse sentido, destacamos alguns aspectos importantes para a noção scheleriana do valor, que serão apresentados nesta subsecção.

Os aspectos fundamentais dos valores são concepções afirmativas de Scheler, ou seja, o filósofo estabeleceu uma série de noções e elementos que, tomados em seu conjunto, nos permitem dizer o que o valor é. Para cumprir tal propósito, destacamos seis aspectos principais, dispostos no diagrama nº 3, que apresentamos a seguir. Posteriormente, iremos detalhar cada um desses aspectos.

DIAGRAMA – 3

ASPECTOS FUNDAMENTAIS À NOÇÃO DO VALOR SCHELERIANO



Fonte: SCHELER (2001). Elaboração nossa.

(i) - O valor é indiferente ao ser

O primeiro aspecto fundamental para a noção do valor é a sua indiferença em relação ao ser. Para Scheler, o valor não se confunde com o ser, pois o valor é uma qualidade, que pode ou não se incorporar ao ser. Wojtyla ratifica esse aspecto ao afirmar que: “segundo as premissas [...] de Scheler, o valor, por sua natureza, é indiferente quanto ao ser ou não ser.” (WOJTYLA, 1993, p. 120).

Por causa disso, de acordo com Scheler, os valores podem ser percebidos de forma separada das coisas reais e dos atos das pessoas. Scheler faz menção a essa independência dos valores em relação ao ser, na seguinte passagem da sua *Ética*:

Há uma fase na captação dos valores na qual nos é dado clara e evidentemente o valor de uma coisa, sem que nos estejam dados ainda os depositários desse valores. Assim, por exemplo, um homem nos parece repulsivo ou simpático sem que possamos indicar em que reside isto; assim também compreendemos um poema ou qualquer obra de arte durante um longo tempo como ‘bela’ ou ‘vulgar’, sem que distingamos as propriedades do conteúdo em que isto reside, [...] sem que nos sejam conhecidos os depositários desses valores. (Scheler, 2001, p. 63)

Segundo esse extrato da obra de Scheler, o valor ou a qualidade valiosa de um objeto, percebido, representado ou recordado, é o que de primeiro nos chega. O valor é

o primeiro mensageiro acerca da natureza do objeto. Enquanto o objeto ainda parece indistinto e confuso, o valor pode estar claro e nítido.

Nesse sentido, para Scheler, os valores podem ser percebidos, mesmo que seus portadores ainda não tenham sido dados. Podemos, por exemplo, considerar uma pessoa simpática ou repulsiva, sem poder precisar, com clareza, onde o valor da simpatia ou da repulsa está localizado. Do mesmo modo, o valor da amizade pode ser apreendido, independentemente do fato de que um dia um amigo mostrou-se falso ou traidor. Um poema pode nos parecer belo ou vulgar, sem que possamos precisar, com clareza, onde está a beleza ou a vulgaridade. Isto ocorre, segundo Scheler, porque os valores podem ser percebidos separadamente dos seus depositários (coisas ou atos das pessoas). Nesse sentido, o filósofo fez o seguinte registro na *Ética*:

[...] parece-me [...] uma lei rigorosa da construção essencial tanto dos atos espirituais mais elevados como das funções mais baixas do nosso espírito, ligadas a matéria, no fato de, na ordem dos dados possíveis da esfera objetiva em geral [...], as unidades de valor pertencentes a esta ordem serem dadas de antemão [...] (Scheler, 2003, p. 76).

Como afirma Scheler nessa passagem, tanto nos atos espirituais mais elevados, como nas esferas mais objetivas, as unidades de valor são dadas de antemão. Para o filósofo, a independência dos valores pode, inclusive, ser concebida como uma lei no âmbito da apreensão de qualquer essência.

Nessa perspectiva, Ubiratan Macedo afirma que: “O valor é, pois, qualidade das coisas; qualidade, porém especial, uma vez que não adita, nenhum ser ao objeto suporte [...]” (MACEDO, 1971, p.13). Isto quer dizer que, segundo Macedo, o valor adiciona apenas qualidade ao seu portador, mas o valor em si é destituído de ser. Como bem esclarecem as interpretações de Wojtyła, Hessen e Macedo, os valores schelerianos, por sua natureza, são indiferentes às noções de ser, existência ou realidade. Eles são compreendidos apenas como qualidades que aderem às coisas e aos atos realizados pelas pessoas, tornando-se reais quando se incorporam às coisas e aos atos das pessoas.

(ii) - O valor é estável

O segundo aspecto para uma noção do valor é a sua estabilidade. A estabilidade do valor é determinada por Scheler com base em sua tese denominada de ‘conexão formal de essências’⁴. Segundo o filósofo, a conexão formal de essências é a relação estabelecida entre os próprios valores (essências) considerados independentemente de seus depositários (coisas ou atos executados pelas pessoas). Neste sentido, Scheler escreveu a seguinte passagem na sua *Ética*: “[...] podemos chamar conexões (puramente) “formais” aquelas que são totalmente independentes [...] do “depositário dos valores” e fundam-se na essência dos valores como tais.” (SCHELER, 2001, p. 145). Como afirma Scheler nesse trecho, as conexões essenciais, puramente formais, são relações oriundas nos próprios valores, livres da influência dos seus portadores, e, portanto, estáveis.

Com base nas conexões formais, Scheler pode estabelecer alguns axiomas⁵ para a sua teoria dos valores, como percebemos na seguinte assertiva do filósofo: “a existência de um valor positivo é, em si mesma, um valor positivo. A existência de um valor negativo é, em si mesma, um valor negativo. [...] um mesmo valor não pode ser positivo e negativo [...]” (SCHELER, 2001, p. 146). Esses axiomas mostram que, na concepção Scheleriana, os valores, formalmente considerados como positivos ou negativos, estabelecem relações próprias.

Todavia, é importante salientar que tais axiomas não se relacionam com as proposições dos silogismos lógicos. Eles são frutos de estritas relações ou conexões formais entre os próprios valores, no âmbito da axiologia ou teoria scheleriana dos valores. Consequentemente, através das conexões formais, a noção scheleriana do valor ganha estabilidade, surgindo, portanto, a possibilidade da elaboração de uma teoria pura dos valores, pois, segundo Scheler, as conexões formais são “uma axiologia pura [...]” (SCHELER, 2001, p.145).

⁴ A tese das conexões formais entre valores foi inspirada na leitura feita por Scheler acerca da ideia de Pascal, na qual o coração ou o sentimento possui sua própria lógica. Ver secção 1.2 do capítulo primeiro.

⁵ Segundo Miguel Reale, Max Scheler adotou os axiomas criados por Franz Brentano. Ver referência bibliográfica, Miguel Reale, *Introdução à Filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2014, p.210.

(iii) - O valor é objetivo

O terceiro aspecto trata da objetividade dos valores. Sob essa perspectiva, o valor apresenta-se como um dado objetivo, que preenche a nossa intuição. Dessa forma, segundo Scheler, os valores são considerados como ‘objetos’ da intuição sentimental. Para o filósofo, a objetividade dos valores pode ser percebida por meio dos nossos atos emocionais, através dos quais intencionamos os valores, concebidos como qualidades localizadas nas coisas e nos atos realizados pelas pessoas.

A objetividade dos valores permitiu a Scheler considerar os valores como “um reino de caracteres amáveis ordenados de todas as coisas, reino rigorosamente objetivo e independente do homem – algo que unicamente podemos conhecer, não [...] criar [...]”. (SCHELER, 2014, p. 07). Para Scheler, os valores existem de forma a constituir um domínio próprio, um mundo objetivo, assim como qualquer outra classe de objetos.

(iv) - O valor é *a priori* e material

O quarto aspecto refere-se ao apriorismo e a materialidade dos valores. O valor manifesta-se através da intuição emocional e, desse modo, ele é anterior à percepção sensitiva do homem. Assim sendo, Scheler afirma que o valor adquire a qualificação de *a priori*. Por outro lado, considerando que o valor é também conteúdo da intuição emocional, ele então recebe de Scheler a designação de ‘material’. Sobre o apriorismo e a materialidade dos valores, colhemos a seguinte assertiva na obra *Ética*, na qual diz o filósofo: “ [...] os valores [...] formam o autêntico *a priori* material para a nossa intuição [...]”. (SCHELER, 2001, p. 173). A partir dessa citação, podemos fazer a inferência de que, na concepção scheleriana, os valores são *materiais* porque são conteúdos da intuição⁶ e são *a priori* porque são intuídos emocionalmente, antes de serem percebidos pela sensibilidade.

(v) - O valor é bipolar

O quinto aspecto a contribuir para uma noção do valor é a sua ‘polaridade’ ou ‘bipolaridade’. Isto significa dizer que os valores distinguem-se em positivos e

⁶ O *a priori material* é o *a priori* não dependente do sujeito cognoscente, mas inerente às “coisas mesmas”, às essências. Ver referência bibliográfica, Miguel Reale, *Introdução à Filosofia*, São Paulo: Saraiva, 2014, p. 118.

negativos. Nesse sentido, pode-se afirmar que, para cada valor positivo, haverá um valor negativo ou desvalor correspondente. Percebemos então que a bipolaridade traz consigo a noção de complementaridade e de reciprocidade entre os valores positivos e negativos. O estudioso dos valores, o filósofo Miguel Reale, escreveu o seguinte parágrafo acerca da bipolaridade dos valores:

O valor é sempre bipolar. A bipolaridade [...] é essencial nos valores. [...] a um valor se contrapõe um desvalor, ao bom se contrapõe o mau; ao belo, o feio; ao nobre, o vil; o sentido de um exige o do outro. Valores positivos e negativos se conflitam e se implicam [...]. Reale, 2014, p. 160.

A partir dessa citação de Reale, depreende-se que a bipolaridade é essencial para que a um valor encontre seu contraposto, ou seja, um desvalor, que é o seu valor complementar ou antípoda. A concepção da bipolaridade permitiu a Scheler dispor os valores em uma escala hierárquica, na qual os valores ‘bem’ e ‘mal’ ocupam os extremos. No polo positivo está o valor moral do bem e no polo negativo localiza-se o valor moral do mal.

A respeito dessa escala hierárquica, Scheler escreveu na *Ética* que há uma “ordem peculiar de todo o reino dos valores, e estes possuem em si uma mútua relação, uma hierarquia, em virtude da qual um valor é mais alto ou mais baixo (superior ou inferior), que outro [...]” (SCHELER, 2001, p. 151). Essa passagem mostra que, para Scheler, os valores relacionam-se entre si, em uma ordem peculiar, hierarquizada, na qual podemos perceber valores superiores e valores inferiores.

(vi) - O valor é anterior ao ser

Por último, apresentamos o sexto aspecto acerca da noção do valor, que é a sua anterioridade em relação ao ser das coisas. Sobre tal aspecto, Scheler escreveu na obra *Do Eterno no Homem*:

E me parece ser uma lei rigorosa da construção essencial tanto dos atos ‘espirituais’ mais elevados quanto das ‘funções’ mais baixas de nosso espírito, [...], que na ordem da dação possível da esfera objetiva em geral as qualidades e as unidades valorativas pertencentes a essa ordem são dadas antecipadamente a tudo o que pertence à camada

valorativamente livre do ser: de modo que absolutamente nenhum ente valorativamente livre pode se tornar originariamente objeto de uma percepção, de uma lembrança, de uma expectativa e em segunda linha do pensamento e do juízo, cuja qualidade valorativa [...] já não nos tivesse sido dada de antemão de algum modo (sendo que o ‘de antemão’ não encerra em si necessariamente sequência temporal e duração, mas apenas a ordem da sequência dos dados). (Scheler, 2015, pp. 105-106).

Depreendemos dessa passagem que Scheler acredita que há uma lei essencial, tanto nos atos espirituais, como nas funções psíquicas mais baixas, segundo a qual, tudo que se refere à camada valorativa nos é dado de antemão. Assim sendo, o valor de um ente sempre será dado previamente ao seu ser. Dessa forma, de acordo com o filósofo, os objetos são primeiramente estimados e valorizados, antes de serem pensados e percebidos como seres. A partir dessa perspectiva, pode-se concluir que o ente nunca é desprovido de valor.

Nesse sentido, o valor de um ente é dado previamente ao seu ser. No entanto, segundo Scheler, não percebemos essa precedência ou antecipação do valor em relação ao ser porque a nossa consciência dos valores, às vezes, está rebaixada e nos induz a uma cegueira axiológica.

Scheler apresentou sua justificativa para a anterioridade do valor em relação ao ser em uma passagem da obra *A Conceção Filosófica do Mundo*. Nas palavras de Scheler: “[...] aquilo que é posterior em si pode ser primeiro para nós”. (SCHELER, 2003, p.81). Depreendemos dessa assertiva que, para Scheler, na ordem temporal objetiva, o ser antecede o valor, porém, na ordem dos dados percebidos pelo homem, o valor precede o ser. Tal concepção scheleriana agrega-se ao que mostramos no item (i), desta subsecção, quando dissemos que, para Scheler, o valor é o que de primeiro nos chega do objeto.

Portanto, vistos os seis aspectos, concluímos que os valores são qualidades independentes do ser e, são dados objetivos. Os valores caracterizam-se também por seu apriorismo e materialidade. Os valores são estáveis, pois fundamentam-se em axiomas. Além disso, os valores são bipolares, de maneira a serem distinguidos como positivos e negativos.

Contudo, devemos ressaltar que os seis aspectos elencados devem ser considerados segundo uma visão holística, pois a formação de uma noção sobre o valor requer a compreensão conjunta e integral desses seis elementos fundamentais

Assim, diante do exposto, percebemos que estamos mais próximos de uma noção sobre o que é o valor scheleriano. Contudo, ainda é necessário agregar outros importantes elementos. Assim, com base na ideia de bipolaridade dos valores, ou seja, o fato de serem positivos (superiores) ou negativos (inferiores), o filósofo elaborou cinco critérios, capazes de determinar a altura dos valores, como veremos na subsecção seguinte.

2.3 - Critérios de determinação da altura dos valores

Na subsecção anterior, apresentamos os aspectos fundamentais que contribuem para configurar a noção scheleriana de valor. Dentre eles, mostramos o aspecto da bipolaridade, através do qual Scheler estabeleceu uma escala de valores. Esta escala é delimitada por valores positivos e negativos. Nesta subsecção, iremos analisar os critérios utilizados pelo filósofo para justificar a determinação da altura dos valores, isto é, o posicionamento dessas essências na escala hierárquica.

Scheler propôs-se a elaborar tais critérios, considerando o fato de que os valores são intuídos emocionalmente. Portanto, a hierarquia ou altura dos valores não pode ser obtida mediante processo de dedução lógica. Nas palavras de Scheler: “[...] a ordenação hierárquica dos valores nunca pode ser derivada ou deduzida. [...]. Isto requer uma preferência intuitiva que não pode ser substituída por uma dedução lógica.” (SCHELER, 2001,p.155). Como esclarece o filósofo nessa passagem, o estabelecimento da altura hierárquica dos valores é fruto da intuição da pessoa. Segundo Scheler, ao intuir, a pessoa prefere um valor mais alto ou um valor mais baixo.

Scheler desenvolveu os critérios para determinar a altura dos valores com base nas noções de preferência e preterição (ou repugnância). Preferir e preterir valores são atos básicos, que acompanham as valorações positivas e negativas, respectivamente.

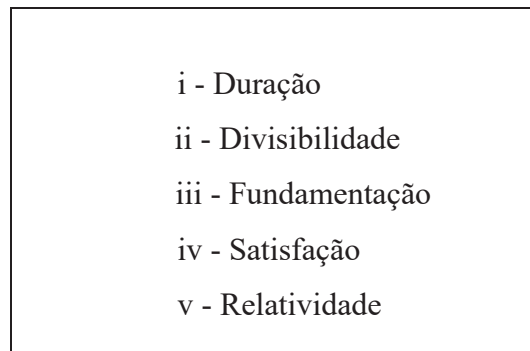
Para o estudioso da obra scheleriana, Manfred S. Frings⁷, quando Scheler fala em preferir valores positivos, isso não significa escolher deliberadamente esses valores. O ato de preferência é pré-racional. No ato de preferência, a pessoa orienta-se espontaneamente para um valor positivo, é atraída por ele. É dessa forma que devemos

⁷ Ver Scheler,Max in: *Dicionário de Ética e Filosofia Moral*, Organização de Monique Canto-Sperber; tradução de Ana Maria Ribeiro-Althoff [et al.]. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2013, p.930.

entender o ato de preferir os valores positivos, no contexto da teoria dos valores schelerianos. Esse ato é espontâneo, não deliberado, é pré-racional e fundado na intuição emocional.

Assim, diante da impossibilidade de uma dedução lógica para determinar a altura hierárquica dos valores, Scheler predispôs-se a elaborar a justificativa para tal ordenação, o que resultou em cinco critérios. Para facilitar o entendimento desse ponto, construímos o diagrama nº 4, apresentado a seguir. Nele relacionamos os cinco critérios elaborados por Scheler, com vistas a fundamentar teoricamente a hierarquia ou altura de um valor em relação a outro. Vejamos o diagrama:

DIAGRAMA – 4
CRITÉRIOS DE DETERMINAÇÃO DA ALTURA DOS VALORES



Fonte: SCHELER (2001). Elaboração nossa

(i)-Duração

O primeiro critério para determinar a altura de um valor é a sua duração. A duração representa o não esgotamento do valor após a sua concretização. Segundo a concepção scheleriana, “é duradouro o valor que tem em si a “possibilidade” de existir ao longo do tempo, independentemente do tempo da existência do seu depositário [...]”. (SCHELER, 2001, p. 157). Nessa passagem, Scheler afirma que o valor tem uma duração que lhe é intrínseca, não é estabelecida por elementos de ordem existencial. A duração faz parte da própria natureza do valor. Se, por exemplo, amamos uma pessoa porque ela tem em si o valor da bondade, o valor dessa bondade não tem sua duração determinada pelo tempo (real e objetivo) de vida da pessoa bondosa. Segundo Scheler,

o valor da bondade não cessará mesmo que ocorra a morte da pessoa portadora da bondade.

Nessa perspectiva, os valores mais duradouros e eternos serão, segundo Scheler, considerados os valores mais altos, ao passo que os valores mais fugazes e transitórios serão tomados como valores inferiores. Ao considerarmos, por exemplo, o valor sensível do agradável do açúcar, intuímos que ele é transitório, menos duradouro do que o valor vital da saúde.

(ii) - Divisibilidade

Pelo critério scheleriano da divisibilidade, os valores mais elevados na escala hierárquica são aqueles que menos necessitem serem fracionados ou repartidos entre as pessoas que os sentem e apreendem. Podemos pensar, por exemplo, no valor da beleza de uma obra de arte. Esta pode ser apreciada no seu valor estético por muitas pessoas, de forma simultânea. Por sua vez, o valor utilidade de um instrumento só pode ser apreendido por um indivíduo isoladamente, em cada caso específico e adequado ao seu uso, não podendo ser percebido, de forma simultânea, entre aqueles que o apreendem. Portanto, na escala dos valores schelerianos, o valor utilidade de um utensílio, pelo fato de ser mais divisível, é considerado mais baixo do que o valor estético da beleza da obra de arte. Sobre a divisibilidade, Scheler vai dizer na *Ética*:

Nada unifica os seres mais íntima e imediatamente do que a adoração e veneração comuns ao que é “santo”, [...] . Este valor - do “divino” [...] é o menos divisível. Por mais que os homens estejam separados [...] através da história. (Scheler, 2001, p. 160)

Como afirma Scheler nessa passagem, os valores menos divisíveis são considerados mais elevados. Assim sendo, o valor do divino ou sagrado, de acordo com o trecho scheleriano, é o mais alto entre todos. Podemos, por exemplo, pensar no amor a Deus como um valor sagrado, no âmbito do cristianismo. Tal valor não se divide, pois pode ser apreendido, concomitantemente, por um número infinito de pessoas. Além do mais, o valor do sagrado independe do tempo histórico e do lugar em que se encontram as pessoas que o apreendem. Por isso, na concepção de Scheler, o valor do divino ocupa o mais alto grau da hierarquia dos valores, visto ele ser um valor que não se fragmenta.

(iii) - Fundamentação

Segundo Scheler, a fundamentação é outro critério que também determina a altura dos valores. A fundamentação é expressa mediante a seguinte lei scheleriana, extraída da obra *Ética*: “Afirmo pela lei das essências que o valor da classe B “fundamenta” o valor da classe A. O valor A só pode ser dado após o surgimento do valor B.”. (SCHELER, 2001, p. 160).

Ao primeiro contato com esta lei scheleriana, ficamos com a impressão de que há uma inversão de ordem, pelo fato de Scheler estabelecer que o valor (B) tem de vir antes do valor (A). Porém, é importante esclarecer que na teoria dos valores schelerianos, o valor (B) surge primeiro porque é hierarquicamente mais alto do que o valor (A). Em outras palavras, na concepção de Scheler, o valor mais alto é o que surge primeiro, vindo a constituir a base de apoio para o valor mais baixo.

A título de exemplo, podemos pensar na relação entre o valor do agradável (A), que é mais baixo, e o valor da saúde (B), que é mais alto. Para que surja na pessoa o valor sensível do agradável (A), é necessário que antes surja o valor vital da saúde (B). Assim sendo, podemos afirmar que o valor vital da saúde (B), que é mais alto, fundamenta o valor sensível do agradável (A), que é mais baixo. Em síntese: a saúde é o valor mais alto, que serve de fundamento para o valor do agradável, que é o mais baixo.

(iv) - Satisfação

O quarto critério da altura dos valores é o da satisfação. Para Scheler, os valores serão mais altos na escala hierárquica, quanto mais profunda for a satisfação de sua realização em nós. A satisfação, na concepção scheleriana, tem o sentido da profundidade interior, propiciada pelos valores. Sobre o critério da satisfação, afirma Scheler: “Nada tem a ver com o prazer o que aqui se chama de “satisfação” [...]. “Satisfação” é uma vivência de preenchimento. Ela acontece tão somente quando se preenche a intenção de um valor mediante sua aparição.” (SCHELER, 2001, p. 163). De acordo com a citação, pode-se afirmar que quanto mais intensa for a vivência do valor, maior será a satisfação e, conseqüentemente, mais alto será este valor.

Assim, os valores espirituais são tidos como superiores aos valores sensíveis, pois têm caráter transcendente, exigem uma vivência vigorosa e, dessa forma, propiciam

uma satisfação mais intensa. Neste sentido, podemos dizer, por exemplo, que o valor do agradável de um alimento ou o valor de utilidade de um instrumento propiciam-nos menos satisfação do que o valor espiritual de amar uma pessoa. Com efeito, a satisfação é um sentimento positivo, relacionado aos mais altos valores espirituais; uma espécie de enlevo, uma experiência extática⁸, uma espécie de arrebatamento.

(v) - Relatividade

O quinto e último critério acerca da altura dos valores é o da relatividade. Este critério surge através da relação do valor com seu portador (suporte ou depositário). O valor sensível do agradável, por exemplo, só pode ser relativo a um ser dotado de algum tipo de sensibilidade (sensorial ou psíquica). Consequentemente, o ser que não possuir sensibilidade, obviamente não será portador de valores sensíveis. Por sua vez, os valores espirituais, segundo Scheler, existem para um sentir independente da sensibilidade (sensorial ou psíquica). Os valores espirituais são valores metafísicos, e, portanto, distinguem-se por sua imaterialidade e âmbito transcendente.

Dessa forma, segundo o critério da relatividade, os valores espirituais são considerados mais altos, porque são menos relativos à sensibilidade e à existência humana, consequentemente, são mais absolutos e libertos dos condicionamentos de ordem existencial.

Após examinarmos esses cinco critérios, concluímos que, diante da impossibilidade de estabelecer a altura dos valores por meio do processo da dedução lógica, Scheler propôs-se a elaborar regras interpretativas para justificar a altura de um valor em relação a outro.

Conhecidos os cinco critérios de determinação da altura dos valores, podemos agora nos ater à compreensão de outro importante elemento da teoria scheleriana, que são as quatro grandes classes ou modalidades de valores⁹. Essas modalidades, na verdade, refletem a aplicabilidade dos cinco critérios de altura dos valores, como veremos na subsecção seguinte.

⁸ Sobre a experiência extática dos valores, ver Alfonso López Quintás, *O conhecimento dos Valores: introdução metodológica*, tradução de Gabriel Perissé. São Paulo: É Realizações, 2016, pp. 57-58.

⁹ As modalidades também expressam a materialidade do valor, haja vista serem frutos de intuição, conforme afirmamos na subsecção 2.2, deste capítulo.

2.4 - Modalidades de valores

Vimos na secção anterior que Scheler elencou cinco critérios com os quais ele pôde justificar e determinar a altura dos valores. Por consequência, a aplicação desses critérios resultou na distribuição dos valores em quatro grandes categorias, denominadas por Scheler de 'modalidades de valores'.

Reservamos esta subsecção para o estudo dessas modalidades, que são constituídas pelas seguintes classes de valores: 1) valores sensíveis, 2) valores vitais, 3) valores espirituais, 4) valores religiosos. É principalmente na obra *Ética* que encontramos o relato de Scheler acerca dessas classes de valores.

Segundo Scheler: “destaca-se em primeiro lugar como uma modalidade a série do agradável e do desagradável [...]. Correspondem a esta série de valores os sentimentos sensíveis: o prazer, a dor.” (SCHELER, 2001, p. 173). Para Scheler, o agradável e o desagradável compõe uma classe de valores, aos quais correspondem os sentimentos de prazer e dor.

Em outra passagem da sua *Ética*, Scheler afirma: “Destaca-se como segunda modalidade de valor o conjunto de valores [...] do perceber afetivo vital. Correspondem a esses valores, por exemplo, o sentimento da vida, ‘ascendente’ e ‘decadente’[...]” Sentimentos como exausto ou vigoroso. (SCHELER, 2001, p. 175). Como depreende-se desse trecho, para o filósofo, os valores vitais constituem uma segunda modalidade de valores, expressos, por exemplo, no viver de forma ascendente ou decadente. Mais adiante, Scheler fará referência a uma terceira classe de valores, dizendo que:

Distingue-se dos valores vitais como uma nova modalidade, ‘o reino dos valores espirituais’. Estes valores têm um modo de ser separado e independente frente à esfera do corpo [...]. A esta classe de valores pertence: 1º. Os valores do ‘belo’ e do ‘feio’ e, o reino completo dos valores puramente estéticos. 2º. Os valores do ‘justo’ e ‘injusto’[...]” (Scheler, 2001, p. 176).

Segundo essa passagem de Scheler, os valores espirituais são aqueles que têm um modo de ser separado dos valores relacionados à esfera do corpo. Para Scheler, os valores espirituais são percebidos exclusivamente pela pessoa, o ente espiritual que se sobrepõe à parte orgânica do homem. A pessoa scheleriana intenciona tais valores porque é dotada de espírito, o princípio que diferencia o homem dos outros viventes. O

espírito é uma estrutura que vai além do psiquismo animal, portanto está fora do âmbito do orgânico.

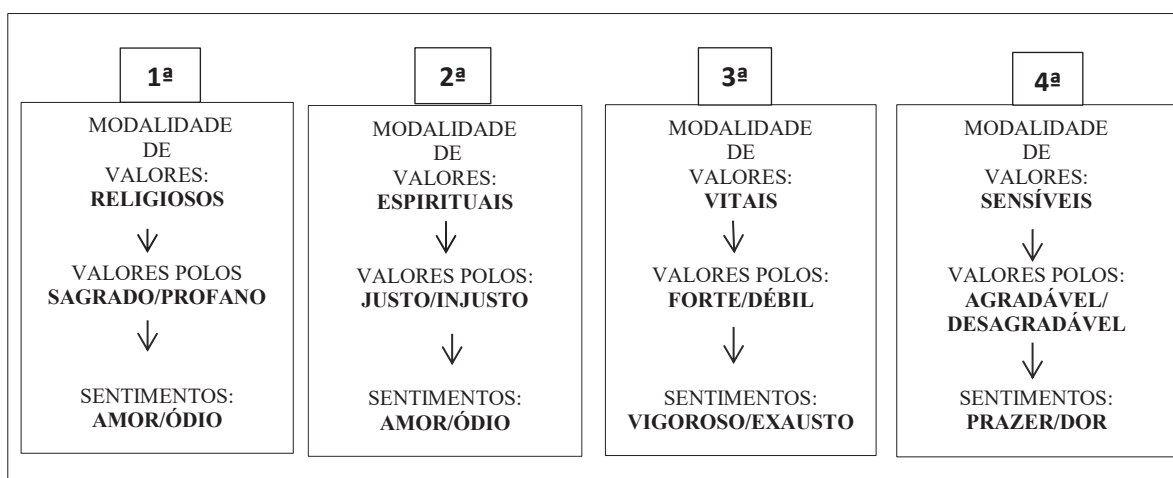
Por fim, Scheler apresenta a quarta e última classe de valores ao escrever: “[...] os valores do santo e do profano [...] se mostram somente naquilo que é considerado como absoluto.” (SCHELER, 2001, pp. 177-178). Para Scheler, os valores do santo e do profano constituem a classe dos valores religiosos que estão no patamar mais alto da escala hierárquica.

Diante das assertivas de Scheler, podemos constatar que cada modalidade contém seus próprios valores polos ou extremos, assim como, podemos perceber que cada modalidade está vinculada a um sentimento que a qualifica. A exemplo: os sentimentos sensíveis qualificam a modalidade dos valores sensíveis; os sentimentos vitais qualificam a modalidade dos valores vitais e os sentimentos espirituais qualificam os valores espirituais e religiosos.

A ordenação das modalidades também está em acordo com os critérios que medem a altura dos valores, apresentados na subsecção anterior, bem como, é condizente com o aspecto da bipolaridade, apresentado na subsecção 2.2.1.

Contudo, para compreendermos melhor o tema, elaboramos o diagrama nº 5 exposto abaixo. Nesse diagrama a modalidade que comporta os valores mais altos é a (1ª), e, a que contém os valores mais baixos é a (4ª). Vejamos o diagrama:

DIAGRAMA – 5
AS MODALIDADES DE VALORES



Fonte: SCHELER (2001). Elaboração nossa.

De acordo com o diagrama, a primeira e mais alta modalidade de valor é a dos valores religiosos. A segunda modalidade é a dos valores espirituais, seguida pela dos valores vitais e, por último, a quarta modalidade que é a dos valores sensíveis, de acordo com a ordem decrescente de classificação elaborada por Scheler.

Diante de tal ordenação, podemos inferir que os valores religiosos, que ocupam a primeira posição no diagrama, são os valores mais altos dentro todos. Os valores religiosos atendem aos cinco critérios schelerianos que determinam a altura hierárquica dos valores. São os valores mais duradouros e menos divisíveis. Além disso, não precisam fundar-se em outros valores, bem como acarretam mais satisfação e são menos relativos. Na verdade, segundo Scheler, os valores religiosos são valores absolutos, trazem o sentido da santidade e permitem ao ser humano transcender os aspectos mundanos, possibilitando ao homem construir uma existência virtuosa.

Sobre o valor do santo ou do sagrado Scheler vai dizer: “[...] o sagrado sob a forma essencialmente mais elevada que se pode pensar [...] ocorre no sentido de uma penetração pessoal e substancial da essência de uma natureza divina [...]” (SCHELER, 2015, p. 465). Assim, podemos inferir que o valor do sagrado reporta-se à transcendência e, conseqüentemente, é um valor religioso, superior, positivo e absoluto.

Por sua vez, os valores espirituais, aparecem na segunda posição. De acordo com Scheler, os valores espirituais estão apartados da nossa existência biológica ou vital, como assinalamos no primeiro capítulo deste estudo¹⁰. Os valores espirituais relacionam-se às pessoas e às coisas. Nesse sentido, Scheler destaca, dentre os valores espirituais, os valores éticos e os valores estéticos. Os valores éticos são exclusivos das pessoas e nunca das coisas, pois, segundo Scheler, apenas seres espirituais¹¹ podem realizar atos morais e, portanto, os valores éticos são valores relacionados aos atos do homem considerado como pessoa. Por sua vez, os valores estéticos encontram-se nas coisas e dirigem seu apelo apenas a uma parcela de homens, haja vista que nem todos tendem a dar acolhimento aos sentimentos artísticos. O valor estético pode ser compreendido como o valor típico da expressão artística.

A terceira modalidade de valores, de acordo com a concepção scheleriana, refere-se aos valores vitais. Esses valores são determinados no sentido naturalista da palavra vida (*bios*), abrangendo o vigor, a força e a saúde. São valores relacionados ao

¹⁰ Ver subsecção 1.1.3 do primeiro capítulo.

¹¹ Ver secção 1.3 do primeiro capítulo onde abordamos a espiritualidade da pessoa scheleriana.

corpo como um todo e a um maior bem-estar para a vida. Os valores vitais correspondem à percepção da vida ascendente e vigorosa.

A quarta e última modalidade é a dos valores sensíveis, cujos polos ou extremos são os valores do agradável e do desagradável. Os valores sensíveis referem-se a todas as sensações de prazer e satisfação (vestuário, bebida, comida, etc.). Para Scheler, estes são os valores mais baixos, pois são mais espontaneamente percebidos. O valor do agradável do paladar, por exemplo, é considerado mais baixo por ser bastante próximo do sentimento oriundo da sensação sensível do paladar. O útil também é um valor sensível, visto que se relaciona à satisfação das necessidades vitais dos indivíduos.

Podemos constatar que Scheler, ao aplicar os critérios de determinação da altura dos valores, chegou a uma ordenação peculiar, que ele denominou de modalidades. Percebemos também que os valores religiosos ocupam o topo da hierarquia e isto não se deu por acaso. Para Scheler, esses valores atendem plenamente aos critérios de aferição da altura dos valores. Ademais, é necessário destacar que os valores religiosos estiveram presentes na vida de Scheler, pois, em um determinado momento de sua vida, o filósofo professou a fé cristã. Sobre a religiosidade de Scheler, Giancarlo Caronello escreveu a seguinte passagem:

Max Scheler [...] é um pensador religioso: os pressupostos de sua metafísica se baseiam em uma concepção cósmica do sagrado [...]. A origem e a afirmação hebraica deixaram em Scheler traços [...] de um forte sentimento messiânico do sagrado, uma filosofia da religião estruturalmente inspirada em paradigmas salvíficos [...]. (Caronello, 2006, p.167).

Como percebemos nesse trecho de Caronello, Scheler foi um pensador influenciado pela religião, de modo que assimilou e transmitiu os valores do sagrado e, em particular, da tradição cristã. Os valores religiosos expressam a preocupação de Scheler com a salvação espiritual do homem, uma vez que a superioridade dos valores religiosos reporta-se à bondade divina, ou seja, a expressão mais elevada do bem. Ademais, como vimos no primeiro capítulo, Scheler foi influenciado pela ordem do amor de Santo Agostinho e pela lógica do coração de Blaise Pascal, pensadores que também professaram o cristianismo. Com efeito, a escala hierárquica dos valores, ou seja, as modalidades assinaladas no diagrama nº 5, refletem tal influência, revelando a influência religiosa dessa ordenação.

Todavia, cabe ainda destacar que, no âmbito da classe dos valores religiosos, Scheler faz menção ao profano, o desvalor, o antípoda do sagrado. O profano (valor negativo) está relacionado ao sentimento do ódio, que se opõe ao amor, no sentido de constrição ou fechamento para a percepção do valor do sagrado, o que condiz com os preceitos cristãos que influenciaram o filósofo.

Assim, examinadas as modalidades de valores, passemos a analisar outros elementos que nos permitem concluir a configuração do que é o valor, segundo a concepção de Max Scheler. Na subsecção seguinte, iremos apresentar a última nota concernente à noção do valor, isto é, a sua conexão com os seus depositários mais importante, a saber: a pessoa, o ato e a ação humana.

2.5 – Hieraquia do valor da pessoa, do valor do ato e do valor da ação humana

Apresentamos, na subsecção anterior, as quatro grandes modalidades de valores, segundo a concepção de Max Scheler. Conforme ressaltamos, o filósofo estabeleceu os valores religiosos no topo das modalidades e afirmou que os valores polos dessa classificação são o sagrado e o profano. Nesta secção, apresentaremos as três últimas hierarquias que encerram a concepção de valor, a saber: a hierarquia do valor da pessoa, hierarquia do valor do ato e hierarquia do valor da ação humana.

Como vimos no primeiro capítulo, a pessoa scheleriana é de ordem espiritual, concebida independentemente da estrutura natural do homem¹². Pelo fato de a pessoa ser um ente de ordem espiritual, Scheler vai afirmar na obra *A posição do Homem no Cosmos* que “a pessoa só é em seus atos e através deles.” (SCHELER, 2003, p. 45). A partir da assertiva scheleriana, inferimos que a pessoa é ato¹³, o núcleo originário do qual emanam todos os demais atos.

¹² Ver subsecção 1.2.1 do primeiro capítulo.

¹³ Ao estabelecer a sua concepção de pessoa enquanto ato, Scheler construiu uma noção de pessoa ancorada no agir humano, ou seja, o filósofo adotou um ponto de vista ético, bastante diferente do ponto de vista metafísico ou ontológico, em que o ato é um modo de ser das substâncias eternas. Scheler procurou um ponto de vista para além da antítese entre substancialismo e atualismo. Ver referência bibliográfica, Antonio Pintor Ramos, *El Humanismo de Max Scheler: estudio de su antropologia*. Madrid: La Editorial Católica, S.A., 1978, pp.292-293.

Contudo, ao abordar a questão da pessoa, Scheler também adota uma perspectiva social, pois a pessoa não vive de forma isolada. A pessoa vive em uma comunidade, que é regida por valores e leis. Nesse sentido Scheler escreveu:

Dou como evidente o seguinte: os sistemas de valores, e mais ainda os códigos e as legislações inspiradas naqueles sistemas, e aos quais a pessoa presta ou recusa obediência, têm sempre como ponto de partida [...] as pessoas que encarnam animadamente esses valores. (Scheler, 1998, p. 38)

Em conformidade com o trecho scheleriano, constatamos que no âmbito da sociedade, pessoa, ato e valores se inter-relacionam. Por sua vez, no que diz respeito à ação humana, Scheler afirmou que ela é uma disposição do ânimo de cada pessoa que compreende as fases da intenção, propósito, decisão e execução da ação.

No que concerne ao valor da ação humana, Scheler escreveu na sua *Ética*: “os valores da ação são valores morais” (SCHELER, 2001, p. 169). Diante dessa assertiva, podemos inferir que os valores da ação humana correspondem aos valores do bem e do mal, os valores morais *stricto sensu*.

Estabelecidas as concepções de pessoa, ato e ação humana, passemos ao diagrama nº 6.

DIAGRAMA – 6

HIERARQUIA DO VALOR DA PESSOA; DO VALOR DO ATO E DO VALOR DA AÇÃO HUMANA

1	2	3
HIERARQUIA DO VALOR DA PESSOA	HIERARQUIA DO VALOR DO ATO	HIERARQUIA DO VALOR DA AÇÃO HUMANA
Valor da pessoa	Valor do ato	Valor da ação
↓	↓	↓
Valor da forma da relação	Valor da reação psíquica	Valor do resultado da ação
↓		
Valor da relação em si		

Fonte: SCHELER (2001). Elaboração nossa

No diagrama estão dispostos três figuras, não hierarquizadas entre si. Todavia, cada figura apresenta uma ordem hierárquica própria. Assim, na figura nº 1 temos a hierarquia referente ao valor da pessoa. Na figura de nº 2, temos a hierarquia do valor do ato e na figura de nº 3 temos a hierarquia do valor da ação humana.

Na figura 1, observamos que o valor mais elevado é o valor da pessoa, ou seja, o valor que cada indivíduo possui pelo fato de ser pessoa. Logo abaixo, está o valor da ‘forma’ da relação estabelecida entre as pessoas, isto é, a instituição social ou o tipo de união que abriga a relação entre as pessoas, como, por exemplo, a amizade, o matrimônio, a paternidade, etc. Na posição mais inferior, situa-se o valor da relação interpessoal em si, ou seja, o valor da relação entre pessoas, independentemente da instituição ou forma de união. Scheler explicou brevemente a hierarquia desses três valores na seguinte passagem da sua *Ética*:

Em toda relação entre pessoas, são depositários primeiros dos valores as próprias pessoas, em segundo a forma [...] e, em terceiro a relação vivida entre as pessoas. Assim, por exemplo, em uma amizade ou um matrimônio, temos de distinguir, primeiramente, as pessoas como “fundamentos” desse todo, em segundo lugar a forma da união e, por último a “relação” (vvida) das pessoas dentro desta forma [...]. (Scheler, 2001, p. 170).

Nessa passagem, observamos que, segundo Scheler, em primeiro lugar estão os valores próprios das pessoas. Em segundo lugar, logo abaixo, estão os valores referentes à forma de união (instituição social). No último nível, estão os valores da relação em si, isto é, os valores referentes à convivência entre as pessoas, independentemente da instituição ou forma de união. Diante disso, podemos inferir que o valor próprio da pessoa é superior ao valor da forma de união e, este, por sua vez, é superior ao valor da relação interpessoal em si.

A figura nº 2 refere-se à relação entre o valor do ato e o valor da reação psíquica. De acordo com Scheler, o valor do ato é sempre de caráter espiritual como, por exemplo, o valor do ato de amar ao próximo. Por seu turno, abaixo do valor do ato está o valor da reação que, segundo Scheler, é de cunho psíquico, como, por exemplo, alegrar-se. De acordo com o filósofo, o valor do ato da pessoa, pelo fato de pertencer à

ordem espiritual¹⁴, é sempre superior ao valor da reação, que é de ordem psíquica. Em conformidade com essa perspectiva, podemos afirmar que o ato de amar ao próximo é superior à reação psíquica de alegrar-se. É nesse sentido que Scheler escreveu: “[...] os valores do ato são mais altos que [...] as reações psíquicas” (SCHELER, 2001, p.169).

Por fim, a figura nº 3 refere-se ao valor da ação humana e ao valor do resultado dessa ação. De acordo com Scheler, “[...] os valores da ação [...] têm altura hierárquica mais alta do que os valores de resultados das ações.” (SCHELER, 2001, p. 169). Essa hierarquia baseia-se no fato de que a ação, de maneira idêntica ao ato, é de ordem espiritual, ao passo que o resultado da ação é de ordem existencial. Em síntese, podemos afirmar que, para Scheler, os valores de ordem espiritual sempre são mais altos dos que os valores de ordem existencial.

Assim, após analisarmos esta classificação scheleriana e à luz de todos os aspectos, descrições e hierarquias apresentadas neste capítulo, estamos convictos de termos apresentado os elementos mais importantes para a configuração da noção do valor, que deve ser obtida segundo uma concepção sinótica ou de conjunto.

Diante disso, concluiremos este segundo capítulo através de uma rápida retrospectiva, de modo a comprovar o alcance do nosso objetivo, que foi apresentar a concepção do valor, no âmbito da teoria scheleriana.

2.6 - Conclusão do segundo capítulo

Este capítulo versou sobre o valor, segundo a concepção scheleriana. Como destacamos no seu início, Scheler não construiu um conceito sobre o que seja o valor, limitando-se a afirmar a existência de um reino de qualidades ou essências valorativas. Não sendo um filósofo sistemático, coube aos estudiosos de sua obra a tarefa de aproximar-se cada vez mais do que se pode conceber como sendo a concepção do valor scheleriano.

Em nosso estudo, a tarefa iniciou-se quando apresentamos os contornos preliminares da concepção do valor, especificamente, o que Scheler afirmou sobre aquilo que o valor não é. Neste sentido, mostramos que o valor não se confunde com o dever e não pode ser estabelecido sobre a noção de prazer.

¹⁴ Ver subsecção 1.1.4, do primeiro capítulo, onde abordamos as esferas do ser, nas quais Scheler distingue a ordem espiritual e a ordem da existência.

Logo a seguir, mostramos que a noção de valor delinea-se a partir de seis aspectos. Nesse sentido, focalizamos as seguintes características: (i) indiferença em relação ao ser, (ii) estabilidade, (iii) objetividade, (iv) apriorismo e materialidade, (v) bipolaridade e (vi) anterioridade em relação ao ser.

Prosseguimos nossa narrativa, apresentando os critérios através dos quais Scheler estabeleceu a altura dos valores, a saber: a duração, divisibilidade, fundamentação, satisfação e relatividade. Esses critérios explicaram a superioridade de um valor em relação a outro. Esses cinco critérios, aliados ao aspecto da bipolaridade, possibilitaram ao filósofo compor a mais importante escala hierárquica de sua teoria dos valores, ou seja, as modalidades.

Na sequência, analisamos e interpretamos as modalidades, destacando a importância dos valores religiosos, que estão posicionados no ponto mais alto dessa escala. Esclarecemos que os valores religiosos, expressos na figura do sagrado e do profano, traduzem a influência do cristianismo na filosofia de Scheler. Com efeito, o filósofo buscou aproximar o homem do aspecto divino, principalmente no sentido ético.

Mais adiante, apresentamos as hierarquias do valor pessoa, do valor do ato e do valor da ação humana. Nesse tópico, vimos que, de acordo com Scheler, o valor da pessoa, o valor do ato e o valor da ação humana têm suas respectivas superioridades, pelo fato de pertencerem à ordem espiritual.

Apresentada as últimas hierarquias, fizemos uma retrospectiva do capítulo e o concluímos com a convicção de que o conjunto de elementos apresentados expressa a noção scheleriana do valor.

Assim, estabelecida a noção do valor, podemos agora direcionar nossa atenção para outro importante tópico do nosso estudo, que é ética scheleriana, que tem sua fundamentação na teoria dos valores.

Nesse sentido, no terceiro capítulo, a seguir, analisaremos os fundamentos da ética de Scheler e os motivos que impulsionaram o filósofo a pensar e escrever uma ética fundamentada em valores. Ainda no terceiro capítulo, abordaremos a concepção scheleriana de *ethos* e a noção de Deus; dois temas que embasaram a ética scheleriana. Trataremos da questão do ressentimento que, junto a outros fatores, produziu a falsificação ou transmutação dos valores na sociedade moderna.

Por último, vamos discorrer sobre virtudes, solidariedade ética e responsabilidade que, segundo Scheler, são os instrumentos capazes de restabelecer o valor do bem no patamar mais alto.

3 A ÉTICA DOS VALORES DE MAX SCHELER

Um dos aspectos mais originais de Max Scheler está no fato de o filósofo incluir os valores no conteúdo de sua ética. Como vimos no decorrer da nossa pesquisa, Scheler determinou os valores como qualidades, que podem ser hierarquizadas com base em critérios específicos, bem como, podem ser distribuídas em categorias ou modalidades. Influenciado pelos dogmas cristãos, e sendo um filósofo atento às questões da sua época, Scheler empenhou-se em estabelecer o valor como princípio ético-moral, vindo a conceber uma ética¹ cujo núcleo é o valor moral do bem.

Neste capítulo, mostraremos como a teoria scheleriana dos valores fundamentou a sua concepção da ética. Também analisaremos o falseamento dos valores, causado, sobretudo, pelo ressentimento, segundo o filósofo, proveniente do individualismo burguês e da inversão dos valores na era moderna.

Iniciaremos o capítulo apresentando, na subseção 3.1, os fundamentos da ética dos valores de Scheler, que compreendem: i) a distinção entre moral e ética, ii) os axiomas dos valores, iii) o *ethos* scheleriano e iv) a noção de Deus.

Na seção 3.2, mostraremos o porquê de uma ética fundada em valores. Seguramente, podemos dizer que o propósito de Scheler² foi estabelecer uma ética que não estivesse pautada na lei kantiana do imperativo categórico³, pois nosso filósofo acreditou na possibilidade de uma ética universal a partir da noção do valor. Tal concepção funda-se principalmente nos valores morais do bem e do mal, considerados como essências invariáveis, universais e eternas, como vimos na subseção 1.1.1, do primeiro capítulo.

Na seção 3.3, apresentaremos o problema ético da transvaloração ou falsificação dos valores, na sociedade moderna. Segundo Scheler, essa inversão e

¹ Do ponto de vista filosófico, a ética scheleriana compreende elementos da tradição da filosofia moral católica e da filosofia moderna. Ver referência bibliográfica, Hans-Georg Gadamer, *Hegel-Husserl-Heidegger*, tradução de Marco Antônio Casanova, Petrópolis: RJ: Vozes, 2012, p.149.

² A ética de Scheler nasce do desejo de continuar a ética de Kant, todavia superando o seu formalismo racionalista. Ver referência bibliográfica, Risieri Frondisi, *Que son Los Valores?*, México D.F.: Fondo Cultura Económica, 1986, p. 113.

³ Segundo Kant, o imperativo categórico é, portanto, só um único, que é este: age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal. Ver referência bibliográfica, Immanuel Kant, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, tradução de Paulo Quintela, Lisboa: Edições 70, 2011, p. 62.

falseamento dos valores surge a partir do ressentimento do homem burguês diante dos valores superiores, como o bem e a justiça, assim como, pela ascensão do trabalho ao patamar de valor ético superior e, da primazia do valor de utilidade.

Dando prosseguimento a esta análise, na secção 3.4, vamos discorrer sobre a solução encontrada por Scheler para combater a transvaloração (inversão e falsificação dos valores). Para o filósofo, somente através do exercício das virtudes⁴, da solidariedade ética e a da reponsabilidade é que a sociedade poderá reencontrar o caminho da verdadeira ética. Na secção 3.5, apresentaremos a conclusão do capítulo.

3.1 Os fundamentos da ética dos valores

Dada a relevância de sua investigação acerca do tema da ética, atribui-se a Max Scheler a instauração de um novo fundamento em oposição às tendências do seu tempo, em que a ética melhor sedimentada é a elaborada por Kant. Trazendo uma nova proposta, Scheler deu destaque especial à ética fundada em valores. Todavia, a esta Scheler agregou aspectos de cunho metafísico e religioso que, como já sabemos, compõem o perfil de sua filosofia. Com efeito, esses aspectos também aparecem nos fundamentos acerca dos quais passamos a dissertar.

De acordo com Costa, estudioso da ética scheleriana, “a questão dos valores em Max Scheler está diretamente relacionada com a preocupação de fundamentar a ética”. (COSTA, 1996, p. 42). Comprovaremos essa afirmativa apresentando nesta secção os quatro elementos que fundamentam a ética scheleriana.

Os elementos que servem de apoio à construção de uma ética de valores são: a distinção entre moral e ética, os axiomas, o *ethos* scheleriano e a noção de Deus. Para efeito didático, relacionamos tais elementos no diagrama nº 7, apresentado a seguir, depois passaremos a analisá-los individualmente.

⁴ Antes de concluirmos este capítulo trataremos das virtudes que contribuem para evitar a transvaloração e reabilitar os valores superiores, isto é, a humildade e a veneração, duas virtudes cristãs.

DIAGRAMA – 7

OS FUNDAMENTOS DA ÉTICA DOS VALORES SCHELERIANOS

- i - A distinção entre moral e ética
- ii - Os axiomas
- iii - O *ethos* scheleriano
- iv - A noção de Deus

Fonte: SCHELER (2001). Elaboração nossa.

(i) A distinção entre moral e ética

Nas obras *Ética* e *Da Reviravolta dos Valores*, encontramos os elementos para a distinção entre moral e ética. Para Scheler, a moral está relacionada aos atos concretos que realizamos diuturnamente, ao longo da nossa vivência. A moral implica a realização dos valores ao longo da vida do ser humano, ou seja, a moral tem uma perspectiva concreta e histórica. A moral está diretamente relacionada aos valores que preferimos, como afirma Scheler nessa passagem: “Logo, por moral nós entendemos as regras de preferência dominantes em épocas e povos” (SCHELER, 2012, p. 88). Essa perspectiva será relevante quando mais adiante analisarmos o *ethos* scheleriano.

Por sua vez, a ética scheleriana situa-se no âmbito da teorização filosófica, enquanto reflexão abstrata sobre os atos morais da vida concreta. Na obra *Ética*, destacamos a seguinte passagem sobre a noção scheleriana de ética.

Ética, em primeiro lugar, é a formulação, segundo as leis do juízo, de tudo aquilo que é dado na esfera do conhecimento moral. É filosófica na medida em que se limita ao conteúdo *a priori* do que é dado neste conhecimento moral.” (Scheler, 2001, p. 129)

Nessa passagem, Scheler estabelece que, em primeiro lugar, a ética é o conhecimento moral, formulado sob a ótica do juízo. Assim, em um primeiro momento, a ética implica no julgamento de todo conteúdo moral que o homem realiza por meio de seus atos concretos, através da vivência dos fatos ao longo da história.

Visando esclarecer melhor esse ponto, apresentamos outra citação de Costa, que nos mostra a importância da distinção scheleriana entre moral e ética. Vejamos a passagem:

A distinção feita por Scheler entre moral e ética possibilita uma melhor compreensão da relatividade própria da moral enquanto realidade histórica, cultural e mesmo individual, ao contrário da ética, que deve, necessariamente ter um caráter absoluto [...]. Pode haver um conhecimento científico da moral, mas só a ética pode ser filosófica. O conteúdo da moral são os fatos o da ética são os princípios. (Costa, 1996, p. 49)

Como afirma Costa nesse trecho, ao distinguir moral e ética, Scheler evidencia a relatividade da moral e o caráter absoluto da ética, que se baseia em princípios. Essa passagem torna claro a distinção que Scheler faz entre moral e ética, atribuindo à primeira uma relatividade histórica e à segunda um caráter absoluto, baseado em princípios.

Diante disso, depreendemos que o propósito de Scheler foi construir uma ética filosófica e universal, fundamentada nos valores que norteiam a conduta humana. Para esse propósito, Scheler estabeleceu a sua ética dos valores a partir de princípios ou axiomas, que extraímos da sua obra *Ética* e sobre os quais discorreremos a seguir.

(ii) Os axiomas

Para dar solidez e estabilidade à sua ética dos valores, enquanto ética filosófica, Scheler elaborou alguns axiomas para fundamentá-la. Conforme afirma Scheler nesta passagem, “há uma ética material plenamente determinada para cada esfera material de valores [...]. Esta ética funda-se nos seguintes axiomas.” (SCHELER, 2001, p. 74). Vejamos os axiomas:

- I. 1. A existência de um valor positivo é, por sua vez, um valor positivo.
2. A não existência de um valor positivo é, por sua vez, a existência de um valor negativo.
3. A existência de um valor negativo é, por sua vez, um valor negativo.
4. A não existência de um valor negativo é, por sua vez, a existência de um valor positivo.

- II.** 1. Na esfera da vontade, o bem é o valor vinculado à realização de um valor positivo.
2. Na esfera da vontade, o mal é o valor vinculado à realização de um valor negativo.
3. Na esfera da vontade, o bem é o valor vinculado à realização de um valor mais alto [...].
4. Na esfera da vontade, o mal é o valor vinculado à realização de um valor mais baixo [...]. (Scheler, 2001, p. 74)

Do ponto de vista da teoria dos valores e da ética de Scheler, os axiomas são enunciados que não podem ser demonstrados por meio de procedimentos lógicos. Esse fato fez com que Wojtyla viesse a afirmar: “Não cabe falar de nenhum tipo de dedução com ajuda das regras próprias do pensamento lógico; o conhecimento do valor objetivo em sua posição hierárquica é intuitivo e emocional.” (WOJTYLA 1993, p.68)

Como mostramos no primeiro capítulo⁵, os valores não são obtidos mediante dedução lógica. Os valores são essências percebidas pela intuição sentimental. Pelo fato de serem essências, os valores têm caráter invariante, imutável e universal, o que faz com que eles sejam eternamente valores. Esses caracteres fazem com que o homem nunca possa furtar-se da presença dos valores na sua conduta ao longo da vida.

Todavia, embora não sejam suscetíveis de uma demonstração lógica, os axiomas dos valores schelerianos podem ser interpretados. Assim, em conformidade com a citação supramencionada constatamos a presença de dois conjuntos de axiomas. No primeiro conjunto ou bloco (I), nas linhas 1 e 3, Scheler afirma a existência do valor positivo e do valor negativo, respectivamente. Nas linhas 2 e 4, o filósofo diz que a não existência de um valor positivo equivale a existência de seu oposto. Isto significa que, na ausência do valor positivo, surge o valor negativo e vice-versa. Como já sabemos que os valores são essências invariáveis, imutáveis e universais, consequentemente, sempre existirão valores positivos e negativos, morais (o bem e o mal) e extramorais (os demais valores).

Por sua vez, no segundo conjunto de axiomas bloco (II), Scheler estabelece a conexão entre os valores morais, bem e mal, com o agir e a vontade humana. Assim, na linha 1, do bloco II, Scheler diz que o bem moral conecta-se à realização de valores positivos, ao passo que o mal moral conecta-se à realização de valores negativos.

⁵ Ver subsecção 1.1.1 do primeiro capítulo.

Por sua vez, nas linhas 3 e 4, do mesmo bloco II, Scheler afirma que o ato volitivo que realiza o bem, concomitantemente realiza um valor mais alto. Por outro lado, o ato volitivo que realiza o mal, simultaneamente realiza um valor mais baixo.

Assim, percebemos que, através desses axiomas, Scheler procurou fincar as bases da sua ética, bem como estabelecer a relação entre a vontade humana e os valores. Por outro lado, esses axiomas demonstram também a relação entre os valores morais e os extramoriais. Segundo Scheler, os valores morais são estritamente os valores do bem e do mal, sendo que os demais valores são considerados valores extramoriais.

De acordo com Scheler, sempre que realizarmos um valor extramoral, estaremos simultaneamente realizando um valor moral. Isto quer dizer que, quando efetivamos um valor extramoral mais alto, estaremos realizando, de maneira concomitante, o valor moral do bem. De modo contrário, quando realizamos um valor extramoral mais baixo, conseqüentemente, estaremos realizando o valor moral do mal.

Sobre essa realização simultânea do valor moral e extramoral, Wojtyla escreveu a seguinte assertiva esclarecedora: “[...] os valores morais se manifestam ensejados pela realização de outros valores [...]” (WOJTYLA, 1993, p. 27). Depreende-se, dessa passagem de Wojtyla, que os valores morais (bem e mal) revelam-se quando realizamos valores extramoriais. Quando concretizamos, por exemplo, o valor extramoral da justiça, conseqüentemente estamos realizando o valor moral do bem.

Assim, diante do exposto, podemos afirmar que a ética de Scheler é uma ética filosófica, ancorada em axiomas, através dos quais ele estabelece a conexão entre todos os valores (morais e extramoriais) com a vontade da pessoa. Isto ocorre porque apenas a pessoa⁶ é dotada de vontade e capacidade de amar⁷. Porém, como mencionamos no início desta subsecção, a ética scheleriana tem mais elementos fundantes. Nesse sentido, analisaremos a seguir a noção de *ethos*, outro elemento estruturador da ética scheleriana dos valores.

⁶ A conexão entre os valores morais (bem e mal) e a pessoa foi assunto desenvolvido na secção 2.3 do capítulo segundo.

⁷ Fiel a sua concepção de que os valores são percebidos sentimentalmente, Scheler diz que os atos da nossa vontade são determinados em última instância por aquilo que amamos ou odiamos, isto é, a preferência ou postergação de determinados valores. Ver referência bibliográfica, Max Scheler, *Modelos & Líderes*, tradução de Ireneu Martim, Curitiba: Editora Champagnat, 1998, p. 28.

(iii) O *ethos* scheleriano

Além dos axiomas, a ética dos valores sustenta-se em outro elemento fundamental, que é a noção de *ethos*. Scheler estabeleceu a sua própria concepção de *ethos*, visando superar os extremos demarcados pelo absolutismo e pelo relativismo ético.

Para Scheler, *ethos* é o conjunto de valores sobre os quais uma sociedade funda sua base moral. Segundo o filósofo, os valores são absolutos, mas a sua percepção não é imutável, ao modo da perspectiva do absolutismo ético, nem é mera adaptação às circunstâncias do mundo, ao modo do relativismo ético.

O absolutismo ético, segundo Scheler, é a tentativa de uniformizar e padronizar a percepção dos valores morais, transformando-a em norma inflexível, desconsiderando todas as transformações e variações na vivência do homem, ao longo do tempo. Sobre o absolutismo ético Scheler escreveu:

A ética absoluta contenta-se em fixar uma nova fórmula para o *ethos* supostamente uniforme e constante, como se os homens apreendessem o bem e o mal, do mesmo modo, em todos os lugares e em todos os tempos [...]. (Scheler, 2001, pp. 416- 417).

Com base no trecho scheleriano, conclui-se que os defensores do absolutismo ético desconhecem a própria historicidade e transformação do *ethos*, enquanto vivência dos valores. Eles acreditam que existe uma ética perfeita, que esgota os valores morais e, dessa maneira, a ética apresenta-se como um princípio moral absoluto, que serve a todos os homens, em todos os lugares e em todas as épocas.

Por outro lado, segundo Scheler, a ética relativista também erra, pois, de acordo com o filósofo, as “variações do *ethos* não têm a ver com a sua adaptação a um mundo no qual ocorrem transformações nos bens, na civilização e na cultura.” (SCHELER, 2001, p.412). Segundo essa passagem, o relativismo ético equivoca-se ao acreditar que a variação do *ethos* é mera adaptação dos valores à transformação e evolução da civilização. Scheler não aceita essa perspectiva, pois tal adaptação alteraria os ideais morais da civilização humana. Nesse sentido, o valor da justiça, por exemplo, perderia sua essência, bem como, o seu caráter invariante e universal.

Diante disso, primeiramente, Scheler procurou superar a posição do absolutismo ético, elaborando seu próprio conceito de *ethos*, o qual comporta as variações do perceber sentimental dos valores, como vemos nesta seguinte passagem: “Às variações da percepção sentimental e da estrutura de preferir valores, o amar e o odiar, permitam-nos chamar ambas as variações de “*ethos*”. (SCHELER, 2001, p. 410). A partir dessa passagem, inferimos que o *ethos* schelerino é o mesmo que a preferência humana por valores. Além disso, constatamos que o *ethos* modifica-se, mediante a variação na preferência por determinados valores.

Por outro lado, Scheler procurou superar a posição do relativismo ético afirmando que “os valores fundamentais continuam os mesmos em qualquer fase do desenvolvimento histórico; são eles, com sua hierarquia, a estrela polar do ser humano.” (SCHELER, 1998, p.40). Como assevera Scheler, os valores não se alteram, o que varia, como destacamos anteriormente, é a preferência por este ou aquele valor. As alterações na preferência por determinados valores não significa, necessariamente, que tais valores não venham a ser preferidos em um tempo futuro. Segundo Scheler, “no desenvolvimento do *ethos*, as antigas regras de preferência não são destruídas.” (SCHELER, 2001, p. 418). Isto significa dizer que as variações na preferência por determinados valores, ao longo do tempo, promovem a renovação do *ethos*, mas não impedem o ressurgimento de antigos valores.

Assim, por exemplo, podemos imaginar que, ao longo das transformações históricas da humanidade, caso os valores superiores não sejam os valores preferidos pelo homem, isto não quer dizer que eles desapareceram. Tal fato apenas significa que a preferência pelos valores superiores não se consumou até então.

Nesse sentido, Scheler pôde afirmar, com segurança, o caráter imutável dos valores, na seguinte passagem da sua *Ética*: “A “hierarquia dos valores” é invariável, mesmo que, a princípio, as regras de preferência variem com a história [...]”. (SCHELER, 2001, p. 153). Como assevera Scheler nessa passagem, a superioridade de um valor é intrínseca à sua hierarquia que, por sua vez, é invariável, ao passo que a preferência por determinado valor pode variar.

Dessa forma, ao admitir alterações na preferência por determinados valores e, ao mesmo tempo, afirmar a invariabilidade dos próprios valores e sua hierarquia, Scheler terminou por mitigar as teses do absolutismo e do relativismo ético. Nesse sentido, o *ethos* scheleriano, não se configura como algo absoluto, pois renova-se à medida em

que os valores vão sendo preferidos ou postergados, ao longo do tempo, através da vivência humana. Por outro lado, o *ethos* scheleriano não é totalmente relativo, visto que está fundado em valores estabelecidos numa hierarquia estável.

Estabelecida a concepção scheleriana de *ethos*, podemos agora nos reportar ao quarto e último elemento fundante da ética dos valores, isto é, a noção de Deus.

(iv) A noção de Deus

Além de determinar o significado do *ethos* na sua ética dos valores, como acabamos de ver, Scheler incluiu um último fundamento na sua base ética, a noção de Deus. Através dessa noção, o filósofo aproximou a sua ética dos valores morais à ética cristã, de tal forma que a intersecção entre as duas concepções éticas é simbolizada pelo valor moral do bem.

Para Scheler, Deus é o modelo exemplar do bem moral e, desse modo, quanto mais o homem aproximar-se de Deus, mais próximo ele estará do bem moral. Assim, percebemos que, ao incluir a noção de Deus na base da sua ética dos valores, Scheler objetiva estabelecer a noção do divino como fonte moral para o homem e, conseqüentemente, como fundamento ético. O Deus ao qual Scheler está se referindo é um Deus⁸ pessoal, que reúne todos os valores morais superiores em si. De acordo com Scheler, o homem tem em Deus o seu arquétipo, seu modelo⁹ de pessoa ética.

Como já salientamos no segundo capítulo deste estudo, a moral e a ética schelerianas aproximam-se dos preceitos do cristianismo. É nesse sentido que Meister vai afirmar que “a moral de Scheler basear-se-á em amar o que Deus ama e como Deus ama [...]”. (MEISTER, 1994, p. 52). Como depreendemos dessa passagem de Meister, a premissa moral de Scheler fundamenta-se na mensagem cristã de amar o que Deus ama e do mesmo modo como Deus ama. Assim sendo, Scheler aproxima a conduta moral do homem à conduta divina, enquanto modelo de perfeição ética. O homem ético, dessa maneira, é aquele que age à semelhança de Deus.

⁸ Na obra *A Posição do Homem no Cosmos*, Scheler altera esta concepção, vindo a edificar uma antropologia que apresentou mudanças na sua concepção de espírito. Com base nesta nova formulação já não é mais possível conservar a hipótese de um Deus pessoal. Ver Wolfgang Stegmüller, *Fenomenologia Aplicada: Max Scheler in A Filosofia Contemporânea: Introdução Crítica*, tradução de Estevão Rezende Martins, Rio de Janeiro: Forense, 2012, p. 107.

⁹ Estudamos a apreensão de valores através dos modelos na secção 1.3 do primeiro capítulo.

Percebemos que essa premissa scheleriana é a própria expressão da ordem do amor, de Santo Agostinho e da ordem do coração, de Pascal¹⁰. A ordem do amor determina em qual nível devemos amar e valorizar as coisas. Por sua vez, o coração, segundo Pascal, representa uma forma de conhecimento, pois o coração possui uma lógica, ou seja, a '*logique du coeur*', que revela as essências das coisas e os valores.

Mas, por mais próximas que estejam, a ética dos valores de Scheler e a ética cristã, elas não se confundem. Nesse sentido, destacamos a afirmativa de Wotylja:

Fundamentalmente, a experiência religiosa e a experiência ética aparecem no sistema de Scheler como dois sistemas separados. Na experiência religiosa se manifesta o valor do divino ou o valor do sagrado, enquanto na experiência ética [...] reduz-se ao momento da percepção afetiva intencional dos valores éticos. [...] Dadas estas premissas, não podemos captar de nenhum modo o valor religioso do ato ético, porque elas não nos permitem descobrir o valor religioso dentro da experiência ética. (Wotylja, 1993, p. 142).

O que depreendemos desta afirmativa de Wotylja é que a experiência religiosa e a experiência ética fundada na teoria dos valores, estão localizadas em âmbitos distintos, pois as premissas determinadas por Scheler não são suficientes para fundir a doutrina religiosa à sua concepção ética.

Tal separação fundamenta-se, segundo Wotylja, no fato de que, na perspectiva cristã, os valores éticos subordinam-se ao relacionamento religioso da pessoa humana com Deus, como numa "relação real com Deus, como bem supremo na ordem ética, como perfeição suprema". (WOTYLJA, 1993, p. 143). Essa relação real, para Wotylja, traduz-se na ação prática do homem em seguir, praticar e difundir os dogmas religiosos, tendo Deus como referência. O homem crente ama os inimigos e realiza boas obras em segredo, dentre outras ações inspiradas por Deus. A ética cristã baseia-se na relação direta do homem com Deus, espelho de perfeição moral e fundamento dos valores religiosos. Essa relação incluiu a vivência dos dogmas do cristianismo.

Por sua vez, na ética de Scheler isso não acontece. O filósofo não determina que as pessoas professem o cristianismo. Assim, pode-se afirmar que a base da ética de

¹⁰ Ver secção 1.2., do capítulo primeiro, onde abordamos as concepções da ordem do amor de Santo Agostinho e da ordem do coração de Blaise Pascal, duas vertentes do pensamento cristão que Scheler incorporou à sua teoria dos valores.

Scheler apenas inclui a noção de Deus, enquanto representação da supremacia do bem como valor moral.

É dessa forma que entendemos que há uma proximidade muito forte entre a ética cristã e a ética scheleriana dos valores, principalmente através da noção de Deus. Porém, como vimos no decorrer dessa subsecção, estas duas perspectivas são distintas. Com efeito, Scheler utiliza a noção de Deus como forma de traduzir o mais elevado padrão de conduta moral e ética para o homem.

Portanto, vimos nessa subsecção que, Scheler apoiou sua ética dos valores sobre quatro elementos. O primeiro refere-se à distinção entre moral e ética. O segundo reporta-se ao fato de que a ética scheleriana é dotada de princípios axiomáticos, que conectam a vontade humana com os valores. O terceiro elemento é a noção de *ethos*, que, na concepção de Scheler, traduz-se como uma renovação dos valores, ao longo da história. O quarto e último elemento da ética dos valores de Scheler é a noção de Deus, enquanto modelo exemplar de conduta moral.

Com base nesses quatro pilares, podemos dizer que Scheler construiu uma base teoricamente sólida, capaz de fundamentar sua ética dos valores. Dessa forma, após analisarmos os pontos estruturais da ética scheleriana, podemos então procurar compreender o que motivou Scheler a elaborar uma concepção ética fundada nos valores, tema a ser desenvolvido na subsecção seguinte.

3.2 O porquê de uma ética dos valores.

Na subsecção anterior, mostramos que, para Scheler, a ética filosófica deve apoiar-se em valores e, nesse sentido, apresentamos os quatro elementos que estão na sua base. Nessa subsecção, analisaremos o motivo de uma ética fundada em valores.

De acordo com Costa, o principal motivo que impulsionou Scheler a elaborar a sua ética de valores foi a discordância para com a ética formal de Kant¹¹. Segundo Costa, “o equívoco fundamental da ética kantiana está configurado no que Scheler denomina formalismo” [...]” (COSTA, 1996, p. 42).

¹¹ A ética kantiana não é objetivo desse estudo, nosso propósito é apenas mostrar a principal divergência de Scheler em relação a Kant. Segundo os estudiosos da obra de Scheler, esta divergência foi a principal motivação que levou Scheler a propor uma ética fundamentada em valores.

Kant formulou uma ética consubstanciada na forma de uma lei ou imperativo¹². Tal formulação vai ser contestada por Scheler, pois este acredita que ao edificar uma ética na forma de uma lei moral, Kant “intenta reduzir os valores bom e mau a uma lei”. (SCHELER, 2001, p. 76). Essa assertiva de Scheler tem o propósito de evidenciar a sua discordância com relação à concepção kantiana que submete os valores à lei moral¹³. Nesse sentido, colhemos o esclarecedor parágrafo de Costa sobre a questão. Vejamos:

Contra o formalismo kantiano, que reduz as noções de “bom” e “mau” moral à mera conformidade ou não-conformidade com a lei, Scheler afirma que “bom “ e “mau” são valores [...] que podem ser diretamente apreendidos mediante a percepção emocional pura. COSTA, 1996, p. 43).

Como esclarece Costa nesse trecho, para Scheler, as noções de bom e mau não devem ser reduzidas a um mandamento ou lei, como fez Kant. Ao invés de submeter os valores à lei moral¹⁴, a ética, pelo contrário, deve ancorar-se em valores que a pessoa apreende, mediante o sentir emocional.

Convicto da sua ética dos valores, Scheler escreveu a seguinte assertiva: “resulta infrutífera a tentativa de Kant de reduzir as significações de bom e de mau ao conteúdo de um dever (dever ideal ou dever imperativo) de modo a não existir bom e mau se não houver o dever [...]” (SCHELER, 2001, p. 71). Dessa passagem de Scheler, podemos depreender que, para ele, o bom e o mau não podem ser reduzidos a um dever ou obrigação ditados por uma lei. De acordo com Scheler, o bom e o mau devem ser espontaneamente preferidos ou postergados, respectivamente. Nesse sentido, Scheler defende a tese de que o homem é livre para aderir aos valores que preferir.

Assim, diante do exposto, percebemos o motivo que impulsionou Scheler a empenhar-se na construção de uma ética dos valores. Segundo o nosso filósofo, o conteúdo de uma ética não deve estar limitado ao mero cumprimento de uma obrigação, ditada por uma lei moral.

¹² Ver nota nº 3 desse capítulo.

¹³ Scheler empreende uma crítica do formalismo kantiano a partir da noção de valor. Ver referência bibliográfica, Henrique C. de Lima Vaz, *Escritos de Filosofia IV, Introdução à ética Filosófica I*, São Paulo: Loyola, 2012, p. 431.

¹⁴ Segundo Kant, uma ação praticada por dever tem seu valor moral na máxima que a determina. Ver referência bibliográfica, Immanuel Kant, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, tradução de Paulo Quintela, Lisboa: Edições 70, 2011, p. 31.

A crença de Scheler é que o verdadeiro conteúdo ético encontra-se no universo dos valores, principalmente dos valores morais, o bem e o mau. Para Scheler, esses valores nunca poderão ser compreendidos com base em um imperativo, lei moral ou norma, como preceitua o formalismo kantiano. Assim sendo, podemos dizer que Scheler objetivou uma ética dos valores, em oposição à ética formal kantiana, ancorada nas concepções de lei e dever.

Todavia, ao mesmo tempo em que elaborava sua ética fundada em valores, Scheler constatou que, no plano concreto da sociedade europeia, ocorria aquilo que foi primeiramente denominado por Nietzsche de “falsificação das tábuas de valor”. (SCHELER, 2012, p. 80). Scheler empenhou-se em estudar esse importante fenômeno, que trouxe fortes implicações para a sua ética de valores, como veremos na secção que vem a seguir.

3.3 O falseamento da tábua de valores ou transvaloração

Convicto de que a verdadeira ética não reside no formalismo kantiano, como vimos na subsecção anterior e já tendo construído uma sólida base ética estruturada nos valores morais (bem e o mal), como mostramos na subsecção 3.1, Scheler ocupou-se então em fazer uma reflexão crítica sobre os padrões éticos do homem moderno, a partir da sociedade da sua época ¹⁵.

Na concepção de Scheler, o homem moderno compara seus valores morais com os valores mais nobres. Contudo, ao fazer esta comparação, surge nele um ressentimento, pois ele pressente que os seus valores estão inferiorizados em relação aos valores morais de outrem. Assim, o homem ressentido acredita que os valores do outro são superiores aos seus.

Segundo Scheler, o ressentimento, fruto dessa comparação, é a principal causa do falseamento dos valores na contemporaneidade. O filósofo discorre sobre esta comparação na obra *Da Reviravolta dos Valores*, cuja primeira edição foi publicada em 1923. Esta obra é composta por dois textos, a saber: *O Ressentimento na Construção das Morais e Para reabilitação da Virtude*.

¹⁵ Na obra *Da Reviravolta dos Valores*, Scheler aborda, exclusivamente, a questão ética da transvaloração na sociedade moderna, não fazendo referência ou críticas de ordem sócio-econômica ao modo de produção capitalista. Scheler restringiu sua crítica ao problema da subversão dos valores considerados por ele como superiores.

No texto *O Ressentimento na Construção das Morais*, Scheler afirma que o homem moderno, destacadamente, o burguês, vive uma distorção dos valores morais, em razão do ressentimento que desenvolveu face aos valores superiores. Além disso, colaboram para a inversão dos valores, mais outros dois elementos, a saber: a ascensão do valor do trabalho ao patamar de valor superior e a primazia conferida ao valor da utilidade.

Nesse contexto, a sociedade moderna passou a viver o que se denominou como transvaloração¹⁶, isto é, a inversão dos valores. Para melhor compreensão da questão, elaboramos o diagrama nº 8, no qual apresentamos os três elementos causadores da transvaloração, segundo Scheler. Posteriormente, discorreremos sobre cada um desses elementos, procurando mostrar a participação de cada um deles no processo de falseamento dos valores. Vejamos o diagrama:

¹⁶ Originalmente, *transvaloração* é um termo que se refere ao projeto do filósofo Nietzsche, cujo desejo era fundar os valores em outras bases que não fossem as da moral dominante, a saber, o moralismo platônico e cristão. Assim, na obra desse filósofo, a transvaloração passou a significar o propósito de substituir os valores vigentes pelos valores oriundos da vontade de potência, a energia conquistadora e criadora, encontrada no homem. Para Nietzsche, a vontade de potência constitui uma faculdade dinâmica, capaz de livrar a sociedade e a cultura europeias do declínio e da decadência moral. Em outras palavras, a transvaloração nietzscheniana é o desejo de substituir a moral ascética e cristã, de onde deriva o poder pernicioso dos fracos, pela moral originada na vontade de potência dos fortes. É nesse sentido que se pode dizer que a transvaloração proposta por Nietzsche constitui-se como princípio afirmativo de uma nova moral. Por consequência, a partir dessa perspectiva, é possível inferir que, o valor *bom*, segundo Nietzsche, está necessariamente vinculado à vontade de potência dos indivíduos considerados fortes. Contudo, para alcançar os objetivos do seu projeto, a estratégia empregada por Nietzsche foi a de colocar em evidência as causas subjacentes à criação dos valores, o que ele chamou de genealogia da moral, uma investigação dos acontecimentos que propiciaram a formação dos valores; pois, para o filósofo, é o próprio homem quem cria os valores. Ao término do seu estudo genealógico, Nietzsche vai concluir que a moral que vigora no ocidente é a moral dos fracos, uma moral fundada sobre o sentimento de rancor que ele denominou de 'ressentimento'. Segundo Nietzsche, diante da sua incapacidade para aniquilar o forte, ao fraco só resta o ressentimento, a domesticação e o cerceamento da vontade de potência (a força ativa e verdadeiramente criativa dos indivíduos fortes). Assim, para Nietzsche, somente a efetivação da transvaloração, a mudança radical de todos os valores vigentes, levada a cabo pelas forças vitais (a vontade do forte, a criatividade, a saúde, etc...) será capaz de abrir o caminho para os autênticos valores de afirmação da vida e, consequentemente, edificar uma nova moral. Ver referência bibliográfica, Henrique C. de Lima Vaz, *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica I*, São Paulo: Loyola, 2012, pp. 412- 413.

DIAGRAMA – 8
OS ELEMENTOS CAUSADORES DA TRANSVALORAÇÃO

- i - O ressentimento do homem burguês
- ii - A ascensão do trabalho à condição de valor superior
- iii - A primazia do valor de utilidade

Fonte: SCHELER (2012). Elaboração nossa.

De acordo com Scheler, esses são os três principais causadores da transvaloração na sociedade moderna: o ressentimento, a ascensão do trabalho à condição de valor superior e a primazia do valor da utilidade. A seguir, pretendemos mostrar as origens e os efeitos desses três elementos sobre a esfera dos valores morais e, conseqüentemente, sobre o campo da ética. Utilizaremos o texto *O Ressentimento na Construção das Morais*, como referência nesta subsecção. Iniciamos nossa análise pelo ressentimento do homem burguês.

(i) O ressentimento do homem burguês

Segundo Scheler, o ressentimento é um impulso emocional, fruto de uma ofensa que não foi revidada de modo imediato, pois o ofendido sentiu-se impotente para fazer o revide. No caso do homem burguês, como vimos anteriormente, o seu ressentimento surgiu da comparação de seus próprios valores, que são inferiores, com os valores mais nobres. Nessa comparação, o burguês sente-se rebaixado e ofendido, pois julga estar inferiorizado diante daqueles que detêm valores mais altos e, sendo assim, ele passa a viver a “específica farsa valorativa do ressentimento”. (SCHELER, 2012, p. 62). Costa apresenta, em uma passagem esclarecedora, o caráter desse homem burguês, segundo a visão scheleriana. Vejamos o trecho:

Entre as tendências e disposições de espírito que definem o caráter do homem burguês, Max Scheler destaca as seguintes: fanatismo pelo trabalho e lucro; vontade incontrolável de dominar a natureza para sujeitá-la a seus interesses; subjetivismo nos julgamentos de valor; a utilidade como valor supremo na hierarquia axiológica. Ascetismo, que consiste em tirar o mínimo de fruição de um máximo de coisas

úteis; necessidade de segurança absoluta em todos os setores da existência; desconfiança e hostilidade radical em relação ao próximo; ausência de qualquer sentido ou sentimento de verdadeira solidariedade. (Costa, 1996, pp. 66-67).

Com base nessa passagem de Costa, depreende-se que o homem burguês é um indivíduo negativo, individualista, desprovido dos valores morais superiores. É nesse sentido que Scheler escreveu: “o homem do ressentimento [...] transmuda a noção mesma de valor, negando-lhe a objetividade de sua ordenação hierárquica. [...]. Todos os valores são subjetivos! [...].” (SCHELER 2012, pp.152-153). Segundo essa assertiva, os valores éticos, no contexto do burguês ressentido, ficam submetidos à sua vontade. Nessa perspectiva, Scheler detectou os efeitos do ressentimento, sobre os quais passamos a discorrer.

Primeiramente, o filósofo percebeu que o ressentimento promove a negação dos valores superiores, bem como a transvaloração, a inversão e o falseamento da escala hierárquica dos valores. Desse modo, o *ethos* burguês apresenta-se invertido. Os valores inferiores tornam-se superiores. Como exemplo, o valor do trabalho e o valor da utilidade, que são valores inferiores, são elevados à condição de valores éticos superiores.

Ademais, o ressentimento transforma a percepção objetiva dos valores em subjetiva, de modo a submeter os valores morais aos desejos individuais, o que resulta no surgimento de uma ética restrita ao próprio indivíduo.

Para Scheler, caso toda a sociedade submeta os valores morais ao gosto individual, haverá uma pluralidade de éticas e, o indivíduo carente de uma ética de valores irá procurar por uma normatização. Segundo Scheler, a normatização é uma forma de compensar a inversão dos valores. Nesse sentido, ele escreveu a seguinte passagem na obra *Da Reviravolta dos Valores*.

Desse modo a “universalidade” ou a “universal validade” desta *atitude* valorativa fundada no ressentimento não passa de uma compensação para a legítima objetividade dos valores. A partir da investigação própria do que é o bem, ele se desvia e procura um refúgio na pergunta: O que tu pensas? O que todos pensam? [...]. Diga-me de modo a que eu, percebendo-o, possa me inserir em sua ‘corrente’! (Scheler, 2012, pp. 153-154).

Como afirma Scheler nesse trecho, a universalidade da norma moral moderna, de cunho subjetivista, é uma compensação pelo fato de ter-se desviado da objetividade dos valores éticos. O homem ressentido procura em si o valor moral do bem, mas não o encontra e, por isso, procura refugiar-se em qualquer corrente ética disponível, na qual ele possa se inserir.

Assim sendo, Scheler nos diz que “o juízo acerca dos valores se baseia [...] no que foi então ‘falsificado’, e que por seu lado é agora inteiramente verdadeiro, verídico, sincero [...]” (SCHELER, 2012, p. 86). O homem ressentido torna verdadeiro o que é falso, pois sua ética não se fundamenta nos valores morais superiores, ela é uma ética que se origina da adesão à tabua de valores dos outros, que por sua vez, são valores que foram falseados. Tal falseamento, repetindo-se ao longo da vivência humana, leva toda uma sociedade a uma inversão total dos valores.

Para Scheler, a transvaloração, na verdade, é uma falsificação da consciência do indivíduo. O homem passa a viver uma mentira, denominada por Scheler de ‘mentira orgânica’, sobre a qual o filósofo escreveu nos seguintes termos:

No interior da mentira consciente e da falsificação, existe ainda o fato que se denominará por ‘mentira orgânica’. Aqui a falsificação não resulta em consciência, como no caso da mentira habitual, mas no caminho das vivências para a consciência, e, por conseguinte, na modalidade da maneira de formação das representações e do sentir valorativo. (Scheler, 2012, p.85)

Como afirma Scheler nesta passagem, na mentira orgânica a falsificação não resulta da consciência, mas, tem origem na vivência dos falsos valores. Ao viver na mentira orgânica, o homem modifica suas representações e seu sentir valorativo, de modo que a mentira torna-se parte de sua natureza.

É dessa forma que o ressentimento produz a transvaloração e gera uma ética distorcida, lastreada em falsos valores morais. Contudo, além do ressentimento e seus efeitos, Scheler detectou outro importante elemento capaz de falsear os valores, isto é, a ascensão do valor do trabalho ao mesmo patamar dos valores superiores, tema que abordaremos na subsecção seguinte.

(ii) A ascensão do valor do trabalho ao patamar de valor ético superior

Assim como o ressentimento falseia os valores morais, como vimos na subsecção anterior, veremos agora como o valor do trabalho, enquanto regra preferencial e determinante da moral, inverte a escala hierárquica dos valores.

O homem moderno passou a acreditar que, apenas o fruto do trabalho é eticamente valioso. Scheler denominou tal preferência como pseudoética do valor do trabalho, afirmando que “[...] só tem valor ético isto que nós adquirimos por nós mesmos [...]” (SCHELER, 2012, p.148). Como afirma o filósofo, na perspectiva do homem burguês ressentido, o valor ético só existe se for fruto do trabalho, ou daquilo que o homem faz por ele próprio.

Assim, em uma sociedade onde todos trabalham e o trabalho representa os valores superiores, pode-se dizer que todos são iguais. Mas, Scheler não acredita nesta igualdade, pois, segundo o filósofo, ela repousa sobre o rebaixamento dos verdadeiros valores superiores. Nesse sentido ele diz: “por detrás da exigência aparentemente tão harmoniosa de igualdade, se esconde sempre, continuamente, apenas o desejo de rebaixamento [...]” (SCHELER, 2012, p. 151).

Desse modo, as relações morais entre os indivíduos ficam restritas à seguinte regra: Só tem valor o que é fruto do seu esforço próprio e o valor moral do bem fica rebaixado. A primazia do valor do trabalho, como valor ético, fomenta uma moral invertida, ou seja, cria uma igualdade ética com base no rebaixamento dos valores superiores.

Entretanto, além da supremacia do valor do trabalho, há um terceiro e último elemento que também concorre para a transvaloração e este elemento é a primazia do valor de utilidade, como veremos a seguir.

(iii) A primazia do valor de utilidade

Para Scheler, além do ressentimento e da ascensão do valor do trabalho, ainda há um terceiro elemento falseador da moral moderna, ou seja, a supremacia do valor de utilidade. Segundo o filósofo, esta supremacia representa o excessivo valor que a sociedade moderna atribui ao que é útil. Diante de tal constatação, Scheler escreveu o seguinte parágrafo:

A mais profunda inversão da hierarquia valorativa, que a moral moderna carrega consigo é, porém, a subordinação, que vai se insinuando cada vez mais [...] aos valores da utilidade; subordinação esta que cresce em todos os seus desdobramentos [...]. (Scheler, 2012, p. 163).

Como afirma Scheler nessa passagem, a inversão dos valores é ainda mais profunda quando o valor da utilidade eleva-se ao nível superior. O homem moderno tornou-se o homem da utilidade, ele não contempla, não tem espiritualidade. Ele apenas objetiva o útil, como se este fosse um fim transcendente.

Nesse contexto, o indivíduo acumula coisas que julga serem úteis e que trazem a sensação de satisfação, porém, “é daí que surge, na civilização moderna, esta acumulação contínua de coisas [...] que não chegam a satisfazer ninguém.” (SCHELER, 2012, p. 161). Essa assertiva confirma a primazia do valor da utilidade, enquanto causa que conduz o homem a um acumular constante de bens, que ele julga serem úteis.

Procurando fazer um contraponto, Scheler vai dizer que nas sociedades antigas havia mais aptidão para o desfrute e para a vida, o que não acontece na modernidade. De acordo com o filósofo, “a ascese moderna [...] em seu sentido ético é exatamente [...] o ‘ideal’ do mínimo de desfrute junto ao máximo das coisas agradáveis e úteis.” (SCHELER, 2012, p. 162). Como afirma o filósofo, a moral moderna elevou o valor do útil ao patamar superior dos valores éticos, minimizando o verdadeiro desfrute da vida.

A transvaloração é um processo que ainda está em curso, de modo que negociantes, industriais e comerciantes, ou seja, os estratos sociais mais relevantes do capitalismo terminam por impor os seus juízos. Nesse sentido, eles formatam a moral da utilidade. Tal disposição, quando transferida para a sociedade, resulta em um frenesi pelo trabalho e pelo útil. Por consequência, surge a obsessão pelo lucro, na forma de um objetivo racionalizado. Diante disso, Scheler escreveu nos seguintes termos:

[...] os valores profissionais do negociante e dos industriais, o valor das posses, que fazem com que este tipo de homem vigore em seus negócios, tornam-se valores morais universalmente válidos, os valores mais elevados dentre os que foram alcançados pelo novo tempo. Esperteza, rápida adaptação, entendimento e capacidade de cálculo, um sentido aguçado que aponta para a segurança na vida, trânsito por toda parte sem obstrução [...] estas se tornam agora as virtudes cardinais [...]. (Scheler, 2012, p. 164).

Nesse trecho, o filósofo traça um quadro geral sobre a total subordinação dos valores éticos superiores aos valores dos negócios comerciais. Os comerciantes universalizam os valores profissionais, transformando-os em uma moral universalmente válida no mundo moderno. A esperteza, o cálculo aguçado, a segurança pela posse de bens econômicos dão a essa classe a capacidade de cooptar a moral moderna e de se impor, à medida que alcançam o poder e controle do Estado.

Nesse contexto, a moral moderna passa a se fundamentar sobre uma desconfiança de um homem acerca do valor moral de outro. Essa desconfiança equipara-se à do comerciante que não confia no seu rival. Como explica Scheler na seguinte passagem: “a desconfiança do comerciante que teme ser enganado pelos seus concorrentes, generalizou-se e exprimiu, daqui por diante, a forma que toma no mundo moderno a consciência que o homem tem de seu próximo.” (SCHELER, 2012, p.150).

Porém, seria errôneo deduzir que a crítica de Scheler contra a transvaloração é uma condenação do progresso técnico, implementado pelo capitalismo. Na verdade, o que Scheler critica é a inversão dos valores no interior do *ethos* burguês, uma inversão que consiste em colocar no topo da hierarquia axiológica os valores do trabalho e da utilidade, que, para o filósofo, deveriam ocupar nível mais baixo.

Apresentados os elementos causadores da transvaloração, examinadas suas causas e os efeitos, podemos agora nos ater à proposta de Scheler para recuperar e potencializar os valores superiores. Para tal propósito, nosso filósofo selecionou um conjunto composto de três elementos capazes de resgatar e revitalizar os valores éticos, como veremos na subsecção seguinte.

3.4 Elementos essenciais para o resgate e revitalização dos valores éticos

Como mostramos na subsecção anterior, o ressentimento, bem como, a supremacia do valor do trabalho e da utilidade, provocaram o falseamento da moral moderna, desvirtuando a concepção dos valores éticos. Diante disso, Scheler empenhou-se em encontrar meios que pudessem revitalizar o bem, enquanto valor moral e fundamento ético, de modo a reverter o processo de transvaloração.

Segundo Scheler, somente após restabelecer-se o bem moral e reabilitar-se a sua condição de valor superior é que a sociedade moderna será capaz de viver uma

verdadeira ética fundamentada em valores. Assim como foi no passado¹⁷, Scheler acredita que o valor moral do bem constitui o principal elemento ético do presente.

Embora a história registre diferentes civilizações e variadas visões de mundo, de acordo com Scheler, todas elas, têm o valor moral do bem como o traço característico e essencial que assegura a harmonia entre os indivíduos.

Diante dessa perspectiva, Scheler também vai aplicar o critério do valor moral do bem em relação à modernidade. Para o filósofo, o valor moral do bem é o melhor aporte para que o indivíduo, a família, o Estado e demais instituições criem normas e determinações mais justas e menos impositivas.

Nesse sentido, nosso filósofo escreveu o segundo texto, que compõe sua obra *Da Reviravolta dos Valores*, denominado *Para a Reabilitação da Virtude*, no qual ele apresenta os três elementos, que segundo o filósofo, são os mais efetivos no combate à transvaloração. A maior parte desta subsecção será referenciada nesta obra.

Para uma melhor compreensão desse ponto, assinalamos, no diagrama abaixo, os três elementos que Scheler julgou serem capazes de reverter a transvaloração, ou seja, reabilitar os valores superiores, alçando-os ao seu local natural que, para o filósofo, é o topo da escala hierárquica dos valores. Vejamos o diagrama:

DIAGRAMA – 9
ELEMENTOS QUE REABILITAM OS VALORES ÉTICOS

- i - As virtudes da humildade e da veneração
 - ii - A solidariedade ética
 - iii - A responsabilidade

Fonte: SCHELER (2001). Elaboração nossa

¹⁷ No desenrolar da sua crítica ao *ethos* burguês, Scheler faz várias referências ao passado ao tecer comentários sobre a ética grega clássica, o *ethos* cristão, a sociedade medieval, etc... Ver referência bibliográfica, Max Scheler, *Da Reviravolta dos Valores*, tradução de Marco Antônio dos Santos Casa Nova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

(i) As virtudes da humildade e da veneração

A virtude, segundo Scheler, é “uma consciência de potência que brota livremente de nosso próprio ser [...]”. (SCHELER, 2012, p. 22). Interpretando as palavras de Scheler, podemos dizer que a virtude é uma força para agir, diante do mundo. Sobre a virtude, Scheler ainda escreveu:

[...] a virtude se tornou para nós intragável, antes de tudo, porque nós não mais a compreendemos como uma consciência de poder e potência, continuamente viva e bem-aventurada, para o agir [...] porque não mais a compreendemos como uma consciência de potência [...]. Hoje fala-se da virtude, como se ela não tivesse significação alguma [...]. (Scheler, 2012, p. 22)

Como afirma o filósofo nessa passagem, a virtude é a consciência de poder para agir. Porém, o homem moderno esqueceu-se da virtude, que se tornou sem significado para ele. O homem atual fixa-se no dever e não conhece a largueza da virtude. Acerca da amplitude da virtude Scheler nos legou o seguinte registro:

Sua completude interna impele na direção de uma extensão sempre ampla da responsabilidade, de modo que quem a possuir em ascensão divina, sente-se, silenciosamente, corresponsável por tudo o que eminentemente acontece no mundo”. (Scheler, 2012, pp. 23-24)

Como afirma o filósofo nesse trecho, a virtude impulsiona e expande nosso sentimento de responsabilidade para com o próximo, fazendo-nos sentir corresponsáveis por tudo o que acontece no mundo, sem, contudo, impor deveres a nós. A virtude, na concepção scheleriana, é também a disposição da pessoa para os valores morais, destacadamente, para o valor do bem. Sobre a virtude, Scheler vai dizer na obra *Modelos & Líderes*: “Nas virtudes o valor da pessoa é entregue sem intermediários [...]”. (SCHELER, 1998, p. 74). Nesse sentido, Scheler ainda assinalou:

A virtude, ao contrário, aponta para uma consciência viva de potência para o bem, totalmente individual e pessoal. [...]. Com o crescimento da virtude, todos os esforços se tornam diminutos, perdendo com isso a fealdade, que está presente em cada esforço. O bem se torna belo, no que ele se torna leve. A assim chamada lei ética e o dever, ao contrário, são apenas substitutos impessoais para virtudes ausentes. Deveres são transferíveis, virtudes não. (Scheler, 2012, p. 24).

A partir desse trecho de Scheler, depreendemos que a virtude é uma força, uma potência pessoal e individual para o bem, e, como tal, não pode ser transferida para outro indivíduo. A virtude é um valor próprio, ela não é um dever ou uma lei. Porém, no contexto do homem moderno, a virtude passou a ser apenas o cumprimento de uma obrigação, perdendo seu verdadeiro significado de valor moral da pessoa.

Assim, a virtude perdeu o sentido ético tradicional, como qualidade positiva do indivíduo, capaz de levá-lo a agir de forma a fazer o bem para si e para os outros. Contudo, saliente-se que a virtude scheleriana que resgata os valores superiores, na verdade, são duas virtudes cristãs: a humildade e a veneração.

Segundo Scheler, a virtude da humildade faz com que o homem abdique de seu orgulho acerca do seu valor moral próprio, afastando-se da prática da autossatisfação. De acordo com o filósofo, a humildade revela o valor do bem interior do ser humano, impedindo-o de ser guiado por desvalores, como o orgulho e a cobiça. Sobre o homem afetado pelo orgulho o filósofo escreveu:

O orgulhoso, cujo olhar pende sobre seus valores – como proscrito - vive necessariamente em noite e treva. Seu mundo valorativo se obscurece de minuto a minuto, pois todo o valor avistado soa para ele como furto e roubo de seu valor próprio.” (Scheler, 2012, p. 30)

Nessa passagem, Scheler assevera que o homem orgulhoso não encontra seus próprios valores, pois ele está vivendo em um mundo de trevas e, mesmo diante dos valores mais altos, este homem age como um exilado. Todo valor, para o homem orgulhoso, traduz-se como um furto ou roubo de seus próprios valores.

O homem humilde, ao contrário, descobre o valor moral do bem nas suas atitudes. Ele não precisa rebaixar os valores superiores dos outros indivíduos, para sentir-se igual ou superior aos demais. O homem humilde, na concepção de Scheler, não é um homem ressentido, apegado à falsa igualdade criada pela primazia dos valores do trabalho ou da utilidade das coisas.

Aquele que é humilde preocupa-se com o outro, procura fazer o bem, realiza os valores mais elevados da escala dos valores. Para Scheler, aquele que encontra a virtude

da humildade, consegue reabilitar os valores morais e passa a ser, novamente, um homem ético.

Por seu turno, como dissemos anteriormente, há, segundo Scheler, uma segunda virtude capaz de reabilitar os valores morais superiores, esta virtude é a veneração. A veneração é a reverência, a admiração e o respeito do homem pelo que está à sua volta, seja a natureza que o rodeia, seja o próprio ser humano. De acordo com Scheler, a veneração nos dá um horizonte, uma visão de nós mesmos e também dos valores. Scheler refere-se à veneração na seguinte passagem:

[...]. Só ela nos dá a consciência secreta de uma riqueza e plenitude, onde nossos conteúdos internos de pensamento e sentimento [...]. Ela nos indica, silenciosamente, um espaço livre onde circulam nossas forças verdadeiras, um espaço que é maior e mais elevado do que a nossa existência temporal. Ela nos preserva de juízos de valor definitivos acerca de nós mesmos [...]. (Scheler, 2012, p. 38).

Nessa assertiva, Scheler afirma que a veneração nos dá uma consciência dos sentimentos e conteúdos mais profundos que estão além da nossa existência temporal. A veneração tem um sentido de horizonte transcendental, para além da existência temporal, livrando-nos de juízos definitivos de valor sobre nós mesmos.

A veneração revela ao homem a espiritualidade e o aspecto transcendente da vida. Segundo Scheler, o homem que venera alcança os valores mais elevados da escala hierárquica, que são os valores religiosos e espirituais e, desse modo, aproxima-se da divindade, enquanto modelo exemplar de conduta ética.

Vivendo os valores éticos mais exemplares, o homem que venera não se deixa enganar pelos falsos valores morais da modernidade, não é ressentido ou individualista. Sua base ética estrutura-se, solidamente, em valores morais superiores.

Com efeito, é desse modo que as virtudes da humildade e da veneração são capazes de reabilitar os valores morais e resgatar o significado do homem virtuoso, no contexto da sociedade moderna. No entanto, além das virtudes da humildade e da veneração, existe, para Scheler, um segundo elemento que contribui para a reabilitação dos valores morais: a solidariedade ética, sobre a qual passamos a discorrer.

(ii) A solidariedade ética

Além das virtudes, da humildade e da veneração, Scheler nos fala da solidariedade, outro elemento revitalizador dos valores superiores. A solidariedade é a tomada de consciência vivencial acerca do outro, ou seja, ela é um movimento relacional estabelecido entre indivíduos. A solidariedade é a expressão do caráter intersubjetivo, no qual amar e ser amado por outra pessoa deve ser considerado condição básica para a convivência humana. Scheler denominou este amor para com o próximo como sendo uma ‘solidariedade ética’, definida pelo filósofo nesta passagem:

A representação de uma solidariedade ética da humanidade não vem apenas em ideias como as de que “todos pecaram com “Adão” ou ‘todos renascemos em Jesus’, mas também na ideia de que todos nós devemos nos tornar ‘cúmplices’ da dívida alheia, guinando-nos para ela, bem como na demonstração da necessidade de todos tomarmos parte junto ao mérito dos santos [...]. Esta noção de solidariedade se mostra nessas e em muitas outras ideias que se instalam no movimento do pensamento cristão. (Scheler, 2012, p. 148).

Nesse trecho, Scheler expressa a ideia de que a solidariedade que revitaliza os valores, é encontrada no interior do cristianismo. Ademais, o filósofo afirma que devemos ser cúmplices do problema do outro, bem como nos guiar pelo mérito daqueles que são exemplos da conduta solidária e exemplar, que são os santos.

Entretanto, em outra passagem, Scheler vai dizer mais claramente qual é o sentido dessa solidariedade ética. Vejamos o trecho:

A ideia de solidariedade ética, que quase não é mais compreensível para o homem moderno, pressupõe igualmente uma capitalização interna de valores éticos no “Reino de Deus”, em cuja entrega todos os indivíduos tomam parte e podem sempre de novo fazê-lo. Noção que é resultado de uma certa forma de se considerar com horror, ou com encanto, a *existência* mesma do mal e do bem, qualquer que seja a causa particular; e a totalidade da humanidade, considerada enquanto reunião dos seres espirituais como solidária no mal, tanto quanto no bem: “Um por todos e todos por um”. (Scheler, 2012, p. 149).

Scheler declara, nessa passagem que, o homem moderno não compreende o sentido da solidariedade ética, pois, para compreendê-la tem de internalizar os valores éticos, como por exemplo, encantar-se diante do bem ou horrorizar-se diante do mal, independentemente de qual seja a origem desse bem ou mal. Segundo o filósofo, temos de agir segundo a máxima “um por todos e todos por um”.

Assim, o homem solidário não sofrerá o ressentimento, nem será individualista, pois ele compartilha todas as vicissitudes da vida com o outro, pautando suas atitudes no valor moral do bem. O homem que rebaixa e falseia valores, não pode compreender o que é a ética solidária, pois ele é ressentido, individualista e vive na total distorção de valores.

Além da solidariedade, Scheler destacou um terceiro e último elemento capaz de reabilitar os valores morais superiores, isto é, a responsabilidade, tema que abordaremos a seguir.

(iii) A responsabilidade

A terceira e última fonte de reabilitação dos valores é a responsabilidade. A responsabilidade que resgata os valores morais é a que temos para com o outro, é o agir responsável com base no *ethos* moral¹⁸, que é a hierarquia dos valores estabelecidos. Segundo Scheler, cabe ao homem responsabilizar-se, moralmente, pelos atos e atitudes dos outros homens, com base em uma constelação de valores existentes, ou seja, o próprio *ethos*.

A responsabilidade, nesse sentido, decorre da solidariedade ética, de que falamos anteriormente. Segundo Scheler, o homem responsável é solidário, pois é responsável para com o outro e para com todo o grupo social. Sendo assim, a responsabilidade moral transforma a pessoa particular (indivíduo) em corresponsável pela pessoa coletiva (a sociedade) e esta¹⁹, por sua vez, é corresponsável por todos os seus membros individuais, o que se traduz em uma reciprocidade. Acerca da responsabilidade recíproca, Scheler escreveu na sua *Ética*:

¹⁸ Estudamos o *ethos* scheleriano na subsecção 3.3 deste terceiro capítulo.

¹⁹ A pessoa coletiva possui independência frente às unidades sociais particulares. A pessoa coletiva possui um mundo de valores que lhe é peculiar. Ver referência bibliográfica, Max Scheler, *Ética: Nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético*, traducción de Hilario Rodríguez Sanz. Madrid: Caparrós Editores, S.L. 2001, p. 698.

[...] cada particular é corresponsável pela pessoa coletiva [...] e a pessoa coletiva é responsável diante de cada um de seus membros. A responsabilidade entre a pessoa particular e a pessoa coletiva, é, pois, recíproca, e não exclui a autorresponsabilidade de ambas. (Scheler, 2001, p. 687).

Segundo essa passagem scheleriana, há uma corresponsabilidade entre a pessoa individual e coletiva, haja vista ambas serem detentoras de valores morais. Dessa forma, Scheler acredita ser possível resgatar os valores morais superiores, precipuamente o valor ético do bem.

Quando indivíduos e sociedade são responsáveis e, principalmente, corresponsáveis, não há espaço para o ressentimento, para o individualismo, nem tão pouco para o falseamento dos valores, pois, tanto os indivíduos, como o grupo social, respaldam seus atos em valores éticos verdadeiros.

Portanto, vimos que Scheler atribuiu à virtude, à solidariedade ética e à responsabilidade, a capacidade de reabilitar os valores morais na sociedade moderna, revertendo o processo de transvaloração ao qual ela foi submetida.

Para torna-se ético, o homem moderno tem, segundo Scheler, que abandonar seu caráter orgulhoso, individualista e utilitarista. Se o homem atual não redirecionar suas atitudes morais para a virtude, a solidariedade ética e a responsabilidade, ele continuará a viver um falseamento de valores. De acordo com Scheler, somente após essa reabilitação é que a sociedade moderna poderá pautar sua conduta em uma verdadeira ética dos valores, na qual o bem moral será resgatado e levado à condição de valor superior.

Contudo, antes de encerrarmos a secção, é necessário salientar que, a princípio, Scheler aproxima-se da figura do asceta, mas não podemos afirmar que ele o é. O que podemos afirmar é que a sua ética pressupõe o redirecionamento das atitudes humanas, para o sentido do que ele acredita ser o verdadeiro conhecimento moral amparado em valores. Feitas essas considerações, passaremos agora à conclusão deste capítulo.

3.5 - Conclusão do terceiro capítulo

Neste capítulo, analisamos os quatros fundamentos que informam a concepção ética de Max Scheler. Vimos que ética de Scheler está amparada sobre a distinção entre

moral e ética, formulação de axiomas, concepção de *ethos* e noção de Deus. Mostramos também que a proposta de uma ética dos valores surgiu, fundamentalmente, motivada pela crítica de Scheler ao formalismo da ética kantiana.

Prosseguindo nosso estudo, apresentamos a avaliação feita por Scheler sobre a moral e a ética do homem burguês, ao qual o filósofo atribuiu a inversão e o falseamento dos valores, por causa do ressentimento manifesto em relação aos valores superiores. Vimos que o burguês ressentido acredita, erroneamente, na primazia do valor do trabalho e do valor da utilidade dos bens, em face dos valores superiores, como por exemplo, os valores espirituais.

A seguir, mostramos os elementos que são capazes de reabilitar os valores superiores, revertendo o processo de transvaloração, em curso na sociedade moderna, a saber: a virtude, a solidariedade ética e a responsabilidade. Salientamos que esses elementos são capazes de resgatar os valores superiores e, por consequência, estabelecer uma harmonia dentro do grupo social.

Destacamos que, somente após os verdadeiros valores morais, o bem e o mal, serem reabilitados, é que o homem moderno terá capacidade de redirecionar-se para um conhecimento moral verdadeiro e assim vivenciar uma ética plena de valores.

4 - CONCLUSÃO DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação teve o objetivo de efetuar uma análise da teoria dos valores elaborada por Max Scheler. Nesse sentido, fomos à busca dos três elementos fundamentais dessa teoria, a saber: a fenomenologia emocional, a concepção de valor e a ética dos valores. Procuramos mostrar a singularidade da fenomenologia scheleriana, caracterizada pela intuição emocional e o seguimento à pessoa modelo, de acordo com Scheler, os dois caminhos capazes de conduzir-nos até os valores.

Através desse estudo, constatamos que, se Husserl foi o preconizador da fenomenologia enquanto método de investigação filosófica, por sua vez, Scheler a colocou em prática ao elaborar a sua teoria dos valores. Ao conceber a teoria dos valores, Scheler legou à posteridade uma obra ética extraordinariamente rica, mesclada de elementos da fenomenologia, de questões metafísicas, religiosas e científicas.

Vimos que Scheler construiu uma experiência fenomenológica própria, substituindo a intuição racional das essências pela intuição sentimental dos valores. Isto

foi possível a partir do momento em que o filósofo tomou os valores como elementos objetivos. Dessa forma, os valores tornaram-se capazes de serem apreendidos ao modo das essências. Salientamos que esta apreensão dos valores ocorre no âmbito do espírito, onde repousa o sentir do homem, o *locus* no qual a intuição emocional realiza-se.

Ademais, constatamos que Scheler trouxe para sua fenomenologia a influência do cristianismo. A presença do *ordo amoris* (ordem do amor) de Santo Agostinho, bem como, a *ordre de coeur* (ordem do coração) de Blaise Pascal, comprovaram as nítidas influências do cristianismo sobre Scheler.

Ao incluir elementos da ética cristã na sua obra, Scheler revelou o ponto nuclear da sua teoria dos valores, que é o valor do bem, concebido como o supremo valor moral. Além disso, mostramos que a concepção scheleriana do valor do bem passa pela noção de Deus, o modelo de conduta moral exemplar. Assim, segundo a teoria de Scheler, o homem, enquanto seguidor da perfeição moral de Deus, pode encontrar o caminho para uma conduta reta, ou seja, tornar-se um homem ético.

Através do estudo da fenomenologia de Scheler, fomos encaminhados para um objetivo maior, que é a sua ética dos valores, capaz de contrapor-se à ética do dever de concepção kantiana, à qual Scheler refutou. Como mostramos em nossa análise, Scheler não se pautou pelos aspectos racionais que orientam a ação humana na forma de um imperativo ou lei ética. Segundo o filósofo, a conduta moral não deve ser submetida ao dever ditado pela norma, mas, orientada por valores, essencialmente, os valores morais do bem e do mal.

Com base na sua teoria dos valores, Scheler desenvolveu seu conceito de *ethos*, um conjunto de valores absolutos e imutáveis, que se harmonizam com as transformações históricas, à medida que a civilização transforma-se e, conseqüentemente passa a preferir novos valores ou resgatar os valores antigos.

Ao estudarmos a teoria dos valores, deparamo-nos com inúmeras noções e reflexões que se direcionaram, essencialmente, para a construção de uma ética fundada em valores. Isto demonstrou a crença de Scheler na capacidade humana de perceber e apreender os valores, por meio da intuição sentimental.

Assim, Scheler ocupou-se em construir uma base ética e moral para o homem real, o ser humano concreto. Com esse intuito, o filósofo elaborou uma reflexão crítica sobre a crise ética pela qual passava a sociedade, em seu tempo. A partir dessa reflexão, ele concluiu que estava diante de uma inversão da escala de valores.

De acordo com Scheler, o indivíduo da modernidade distanciou-se totalmente do ‘seguimento’ aos melhores tipos morais. Não se espelhando no modelo do santo, do gênio ou do pioneiro, o homem moderno tornou-se orgulhoso de sua esperteza e perspicácia. Assim, surgiu o tipo burguês arrivista, que na verdade é um homem ressentido, diante da superioridade dos valores morais de outrem. Por não alcançar os valores superiores, o burguês acredita que seus próprios valores, que na verdade, são inferiores, devam ocupar o patamar mais elevado da escala hierárquica.

De acordo com o ponto de vista scheleriano, os valores cultivados pelo homem moderno limitam-se ao valor do trabalho e da utilidade dos bens que o cercam, os quais, aparentemente, trazem-lhe satisfação. Como um ser essencialmente materialista, o tipo burguês não contempla, não tem espiritualidade e, nesse sentido, não consegue apreender os valores dados na intuição sentimental.

O burguês ressentido vive uma farsa valorativa, pois acredita possuir os valores morais verdadeiros, os quais, na verdade, são valores subjetivos inventados por ele. Assim, ele passa a viver uma mentira orgânica, uma mentira que passa a fazer parte da sua própria natureza.

Convicto da ocorrência de uma transvaloração ou inversão dos valores, Scheler vai procurar um modo de sanear os efeitos negativos dessa transvaloração através de três atitudes morais, que são: exercício das virtudes cristãs da humildade e da veneração, a solidariedade ética e a responsabilidade. Ademais, não deixamos de fazer o registro de que a ética de Scheler aproxima-se da ética cristã, mas com esta não se confunde.

Inferimos que Scheler não vislumbrou a possibilidade de uma sociedade verdadeiramente ética, sem que antes ela passe por uma espécie de cura de todos os falseamentos e inversões de valores.

Também concluímos que Scheler foi um pensador comprometido com as questões sociais e, por isso procurou analisar a sociedade contemporânea, utilizando seus próprios instrumentos. Seguramente, podemos afirmar que o filósofo realizou uma leitura acerca dos valores morais de seu tempo e percebeu a decadência do *ethos*.

Com efeito, se fizermos uma análise da sociedade atual, do ponto de vista da ética dos valores de Scheler, concluiremos que dentre os modelos ou protótipos de valor que estão em voga, muitos poderão ser considerados como antimodelos que difundem

valores efêmeros, denotando claramente que o processo de transvaloração ainda está em curso.

Diante desse quadro, podemos asseverar que o tipo burguês arrivista, tão bem caracterizado por Scheler, como um homem ressentido e individualista, está em plena atividade. Sua presença está disseminada no mundo e seu poder, nos dias atuais, é muito maior. Em síntese: vivemos uma transvaloração global, com efeitos imprevisíveis. Acreditamos que é isso que Max Scheler reconheceu, previu e procurou resolver, ao elaborar a sua teoria dos valores e a sua ética filosófica.

Dotado de um temperamento dinâmico, Scheler filosofou de maneira apaixonada e integral acerca dos problemas da vida da humanidade. Nos anos que exerceu as sua atividade filosófica, ele aspirou uma síntese abrangente, à medida que complementou a fenomenologia com uma metafísica inspirada no cristianismo, de modo que sua obra veio a configurar uma conexão entre o mundo das essências e a realidade efetiva.

Porém, antes de encerrarmos, é importante assinalar que, em vários campos da filosofia e da ciência, é possível perceber a influência da obra de Scheler, especialmente da sua teoria dos valores. Seguramente ela produziu fecundos resultados, na Europa e nas Américas. Nesse sentido, não é demais assinalar os ecos do pensamento scheleriano na obra hermenêutica de Hans-Georg Gadamer, na filosofia de Ortega y Gasset, no pensamento de Karol Wojtyła e, nos trabalhos do filósofo e jurista brasileiro Miguel Reale. Também é digno de menção o fato de que nos Estados Unidos a obra de Scheler se faz presente nas traduções elaboradas por Manfred S. Frings e outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

SCHELER, Max. *A Conceção Filosófica do Mundo*. Tradução de João Tiago Proença. Porto: Porto Editora, 2003.

_____. *A Posição do Homem no Cosmos*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. *Amor y conocimiento y otros escritos*. Traducion de Sergio Sánchez-Migallón. Madrid: Ediciones Palabra, 2010.

_____. *Da Reviravolta dos Valores*. Tradução de Marco Antônio dos Santos Casa Nova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. *Do Eterno no Homem*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

_____. *El Santo, El Genio, El Heroe*. Traducion de Elsa Tabernig. Buenos Aires: Editorial Nova, 1961.

_____. *Ética: Nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético*. Tradución de Hilario Rodríguez Sanz. Madrid: Caparrós Editores, S.L. 2001.

_____. *Modelos & Lideres*. tradução de Ireneu Martim. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 1998.

_____. *Metafísica de La Libertad*. Tradución de Walter Liebling et. al.. Buenos Aires: Editorial Nova, 1962.

_____. *Ordo Amoris*. Tradução de Artur Morão. Universidade da Beira Interior, 2012.
Disponível em: <www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/scheler_03.pdf> Acesso em 21 de maio de 2014.

_____. *Visão Filosófica do Mundo*. Tradução de Regina Winberg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

AZEVEDO, Juan Llambias de. *Max Scheler: Exposicion Sistemática y Evolutiva de su Filosofía*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1966.

CARONELLO, Giancarlo. *Max Scheler: A Figura de Cristo: de um Projeto de Filosofia Cristã a uma Soteriologia Gnóstica in: Cristo na Filosofia Contemporânea: volume II: o século XX*. Tradução de Benôni Lemos e Patrizia G.E. Colina Bastianetto. São Paulo: Paulus, 2006.

COSTA, José Silveira da. *Max Scheler: o personalismo ético*. São Paulo: Moderna, 1996.

DARTIGUES, André. *O Que é a Fenomenologia?* Tradução de Maria José J.G. de Almeida. São Paulo: Moraes, 1992.

DERISI, Octavio N. *Max Scheler: Ética Material de Los Valores*. Madrid: Critica Filosofica: E.M.S.A., 1979.

GADAMER, Hans-Georg. *Hermeneutica em retrospectiva: a posição da filosofia na sociedade*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. *Hegel – Husserl – Heidegger*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HENCKMANN, Wolfhart. *Fenomenologia dos Valores in: Filósofos do Século XX*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2006.

HESSEN, Johannes. *Filosofia dos Valores*. Tradução de L. Cabral de Moncada. Coimbra: Armênio Amado, Editor, Sucessor, 1967.

HUSSERL, Edmund. *A Ideia de Fenomenologia*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, [s.d.].

_____. *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

_____. *Meditações Cartesianas e Conferências de Paris*. Tradução de Pedro M.S. Alves. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

_____. *Investigações Lógicas: Prolegômenos à Lógica Pura*. 1ª ed. Tradução de Diogo Ferrer. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

_____. *Investigações Lógicas: sexta investigação*. Tradução de Zeljko Loparic e Andréa Maria Altino de Campos Loparic. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

LOHMAR, Dieter. *Intuição Categorial in: Fenomenologia e Existencialismo*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2012.

MACEDO, Ubiratan. *Introdução à Teoria dos Valores*. Curitiba: Editora dos Professores, 1971.

MEISTER, José Antônio Fracalossi. *Amor x Conhecimento: Inter-relação Ético-Conceitual em Max Scheler*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

RAMOS, Antonio Pintor. *El Humanismo de Max Scheler: estudio de su antropologia*. Madrid: La Editorial Catolica, S.A., 1978.

STEGMULLER, Wolfgang. *Fenomenologia Aplicada: Max Scheler* in: *A Filosofia Contemporânea: Introdução Crítica*. Tradução de Estevão Rezende Martins. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

STERN, Alfred. *Filosofia de los Valores: panorama de las tendencias actuales en Alemania*. Traducion de Humberto Piñera Llera. Buenos Aires: Compañia General Fabril Editora SA, 1960.

VANDERBERGHE, Frederic. *A Fenomenologia como Escada para o Céu in: a modernidade como desafio teórico: ensaios sobre o pensamento social alemão*. Tradução do inglês de Luis Marcos Sander. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

VANDERBERGHE, Frederic. *Georg Simmel, Max Weber e Max Scheler e a Tradição Sociológica Alemã: Grandeza e Miséria do Homem Econômico in: História da Filosofia Moral e Política: a felicidade e o útil*. Tradução de Alessandro Zir. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

VILLELA-PETIT, Maria da Penha. *A Fenomenologia de Husserl: Uma Filosofia a Descobrir ou Re-descobrir in: Pensadores do Século XX*. Delmar Cardoso (org.). São Paulo: Edições Loyola, 2013.

WOJTYLA, Karol. *Max Scheler e a Ética Cristã*. Tradução de Diva Toledo Pisa. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 1993.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AGOSTINHO, Santo. *A Doutrina Cristã*. São Paulo: Paulus, 2014.

AGOSTINHO, Santo. *A Natureza do Bem*. Tradução de Mário A. Santiago de Carvalho. Porto: Gabinete de Filosofia Medieval da Faculdade de Letras do Porto e da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, 1992.

BOCHENSKI, I. M. *A Filosofia Contemporânea Ocidental*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Editora Herder, 1968.

EUCKEN, Rudolf, Christoph, *O Sentido e o Valor da Vida*. Tradução João Távora. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. Tradução de Valério Rohden. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburguer. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Coleção Os Pensadores).

KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2011.

GARCIA, Angeles Mateos. *A Teoria dos Valores de Miguel Reale*. São Paulo: Saraiva, 1999.

MARTON, Scarlet. *Nietzsche e a Transvaloração dos Valores*. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

ORTEGA y GASSET, José. *Kant, Hegel, Scheler*, Madrid: Revista de Occidente en Alianza Editorial S.A. , 1983.

QUINTÁS, Alfonso Lopes, *O Conhecimento dos Valores: introdução metodológica*. Tradução de Gabriel Perissé. São Paulo: É Realizações, 2016.

REALE GIOVANNI. *Para uma Nova Interpretação de Platão*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2004.

REALE, MIGUEL. *Introdução à Filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2014.

RICOEUR, Paul. *Na Escola da Fenomenologia*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: 2009.

_____. *Ser, Essência e Substância em Platão e Aristóteles*. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: WF Martins Fontes, 2014.

Scheler, Max in: *Dicionário de Ética e Filosofia Moral*, Organização de Monique Canto-Sperber. Tradução de Ana Maria Ribeiro-Althoff [et al.]. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2013.

SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à Fenomenologia*. Tradução de Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Loyola, 2012.

SOLOMON, Robert C. *Emoções na Fenomenologia e no Existencialismo in: Fenomenologia e Existencialismo*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2012.

SOLOMON, Robert C. *Fiéis às Nossas Emoções: o que elas realmente nos dizem*. Tradução de Miriam Raja Gabaglia de Pontes Medeiros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1*, São Paulo: Loyola, 2012.

ZUBIRI, Xavier. *Cinco Lições de Filosofia*. Tradução de Antônio Fernando Borges. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.